

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PGHIS**

LARISSA VIRGÍNIA VEIGA

**DITADURA CIVIL MILITAR EM DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS: MEMÓRIAS,
TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS**

SÃO JOÃO DEL REI

2022

LARISSA VIRGÍNIA VEIGA

**DITADURA CIVIL MILITAR EM DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS:
MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Cultura.

Linha de pesquisa: Poder e relações sociais,

Orientador: Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto

SÃO JOÃO DEL REI - MG

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V426d Veiga, Larissa Virgínia .
Ditadura civil militar em Divinópolis, Minas
Gerais: memórias, trajetórias e resistências / Larissa
Virgínia Veiga ; orientador Euclides de Freitas
Couto. -- São João del-Rei, 2022.
136 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
História) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2022.

1. Ditadura civil-militar. 2. resistência. 3.
memória. I. Couto, Euclides de Freitas , orient. II.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OUTROS Nº 247 / 2022 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.003692/2022-81

**São João del-Rei-MG, 04 de
fevereiro de 2022.**

Este exemplar da dissertação intitulada "**DITADURA CIVIL MILITAR EM DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS: MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS**", de LARISSA VIRGÍNIA VEIGA, corresponde à redação final aprovada pela banca examinadora reunida em 24 de janeiro de 2022 e composta pelos Professores Doutores Euclides de Freitas Couto (UFSJ - orientador), Leon Frederico Kaminski (UEMG/PGHIS - examinador interno) e Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG - examinador externo).

São João del-Rei, 24 de janeiro de 2022.

(Assinado digitalmente em 07/02/2022 17:30)
EUCLIDES DE FREITAS COUTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matrícula: 1920037

(Assinado digitalmente em 07/02/2022 11:29)
LEON FREDERICO KAMINSKI
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 001.841.120-79

(Assinado digitalmente em 04/02/2022 16:07)
RODRIGO PATTO SA MOTTA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 574.950.766-15

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando
seu número: **247**, ano: **2022**, tipo: **OUTROS**, data de emissão:
04/02/2022 e o código de verificação: **1ca6f1c6c7**

Para meus pais, Neide e Alencar,

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita deste trabalho foi intenso e marcado por muitos aprendizados. A alegria de finalizar mais este ciclo se une à gratidão de ter ao meu lado a presença de pessoas que me foram alicerce de amor, atenção e cuidado. Penso que, nesta vida, não conquistamos nada sozinhos. Se consegui finalizar as páginas desta pesquisa, foi porque tive comigo companhias fundamentais.

Primeiramente agradeço à Deus, digno de toda honra e glória, pelo dom da vida e por me conceder saúde, sabedoria e força para vencer todos os obstáculos. *Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém. Romanos 11: 36*

Agradeço à minha família, base que possibilitou a realização deste sonho. À minha mãe Neide, minha inspiração, sou grata pelo amor e orações que me mantiveram de pé. Por sempre me apoiar, acreditar em mim e não medir esforços para que meus sonhos pudessem ser realizados. Ao meu pai Alencar, pelo apoio, imenso cuidado, caronas, mudanças e por estar sempre disposto a me ajudar nas minhas empreitadas.

Agradeço aos meus irmãos e companheiros de vida. À Luana, pelo cuidado que sempre teve comigo, pelo companheirismo, parceria, desabafos e momentos compartilhados. Ao Luís Eduardo, que mesmo em silêncio me diz tanto, obrigada por me encher de amor com seu olhar. Agradeço às minhas avós Dalva e Maria e meu avô Milton, luz dos meus dias, pelo amor e cuidado comigo desde a infância.

Ao meu orientador Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto, por me conduzir e auxiliar durante esta pesquisa e, principalmente, por acreditar em mim, me concedendo autonomia na realização do trabalho. Obrigada pelas inúmeras considerações, orientações, leituras, paciência e por esclarecer minhas dúvidas com tanta calma e leveza. Agradeço também ao Prof. Dr. Marcos Ferreira, pelas longas conversas e sugestões durante a disciplina de seminário de pesquisa e Prof. Dr. Leon Kaminski, pelo acolhimento durante o período de estágio, pela leitura do meu projeto, considerações e por todo auxílio.

Aos professores da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em especial à Flávia Lemos, que ainda durante o período da graduação me proporcionou oportunidades que certamente me conduziram até o mestrado e possibilitaram o meu crescimento pessoal e acadêmico. Aos professores João Ricardo e José Heleno, meus primeiros orientadores, agradeço por acreditarem e apoiarem minha pesquisa, compartilhando conhecimentos que levarei para sempre.

À Flaviana, minha amiga e alma gêmea. Tenho imensa gratidão à vida, por um dia ter permitido que nossos caminhos se cruzassem. Obrigada pela parceria e amizade de tantos anos, pelas ligações e chamadas de vídeo, por ser a leitora dos meus artigos e ouvinte das minhas apresentações de trabalho, por escutar meus desabafos, me segurar nos momentos difíceis e por todos os momentos que compartilhamos. Não tenho palavras para agradecer todo o seu apoio.

À minha querida amiga Bruna Lacerda, por me recepcionar tão bem, pelos almoços no restaurante universitário, conversas e por toda ajuda durante esse período. À Bianca, agradeço pela amizade, pelo compartilhamento de referências, por contribuir durante o processo de escrita dessa pesquisa de forma tão especial. À Talita Gomes, pela amizade desde os tempos da graduação, por toda torcida e apoio. Agradeço ainda aos amigos que conheci durante o mestrado, em especial ao Luiz Filipe, pela sincera e inesperada amizade, companheirismo e pela leitura e colaboração nessa dissertação.

Minha gratidão a todos aqueles que, através de seus depoimentos, contribuíram para esta pesquisa. Obrigada a toda equipe do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho (CEMUD) pelo empréstimo de livros e materiais necessários para a pesquisa. Enfim, agradeço a todos que, de perto ou de longe me ajudaram e torceram por mim. Não posso deixar de mencionar: Bruno Soares, Eduardo Romano, Lúcia Arruda, Mateus Moura, Moisés Ribeiro, Tatiane Carvalho e tantos outros, com os quais vivenciei momentos inesquecíveis.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento que possibilitou a minha permanência no mestrado e a realização desta pesquisa e aos professores que aceitaram o convite de composição da banca avaliadora deste trabalho.

À Universidade Federal de São João del Rei, agradeço pela estrutura que possibilitou a realização desta pesquisa e o meu crescimento acadêmico. Enfim, a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram durante o processo de realização desta pesquisa, muito obrigada!

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”.
Eclesiastes 3:1.

RESUMO

Esta dissertação analisa as ações de resistência e episódios de repressão que se manifestaram no município de Divinópolis, localizado na região Centro-Oeste de Minas Gerais, ao longo da ditadura civil-militar (1964-1985). O estudo utilizou como ferramenta metodológica a história oral, mobilizando, em especial, os conceitos de memória e resistência. O *corpus* documental do trabalho é composto por entrevistas realizadas com residentes locais que tiveram algum envolvimento com os movimentos de resistência. Ainda, como fontes complementares, investigamos edições de jornais que circulavam em Divinópolis entre os anos de 1964 e 1985, com foco na análise dos periódicos “*A Semana*” e “*Diário do Oeste*”. Além disso, realizamos uma breve pesquisa em jornais de outras localidades, como o “*Folha de São Paulo*” e o “*Correio da Manhã*”, nos quais encontramos informações acerca dos acontecimentos ocorridos em Divinópolis. Analisamos documentos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e do Serviço Nacional de Informações (SNI) e por fim, também utilizamos fotografias do período. A análise das fontes nos permitiu observar que, embora localizada no interior, a sociedade divinopolitana não esteve alheia ao que acontecia no contexto político nacional. Em meio ao apoio que o golpe conquistou na cidade, surgiram também variadas ações que se enquadram como atos de resistência, como as greves de professores, as discussões organizadas pela União de Mulheres de Divinópolis, a abordagem crítica dos cursos ministrados pelos franciscanos nas universidades e em suas pregações das missas, a realização da semana de arte, a participação de divinopolitanos em grupos de resistência, entre outras manifestações.

Palavras-chave: Divinópolis, ditadura civil-militar, resistência, memória.

ABSTRACT

This research has as main objective to analyze the city of Divinópolis during the civil-military dictatorship. In this dissertation we aimed to highlight the resistance actions and repression episodes that took place in the city, which is located in the Midwest of Minas Gerais. The study used oral history as methodological perspective, being primordial the concepts of memory and resistance. The documental *corpus* of the research is composed of interviews with local residents that had some sort of involvement with the resistance movements. Still, as complementary sources, we searched newspapers editions that were around in Divinópolis between the years of 1964 and 1985 and we focused the analysis on the newspapers *A Semana* and *Diário do Oeste*. Besides these, we made a brief survey in newspapers of other locations, like *Folha de São Paulo* and *Correio da Manhã*, in which we found information about events that occurred in Divinópolis. We analyzed documents from the Social and Political Order Department (DOPS) and from the National Service of Information (SNI) and finally, we also utilized photographs from the time. The study of the sources allowed us to observe that, although located in the inland, divinopolitan society was not oblivious to what happened in the national political context. Amid the support that the coup gathered in the city, also emerged various actions that can be framed in the resistance scope, as we will present during the text. Amid the support the coupe achieved in the town, there emerged many actions that fit as resistance acts, as the teachers' strikes, the discussions arranged by the Divinópolis' Women Union, the critical approach of the classes taught by Franciscans in the universities and in their sermon during the masses, the realization of the art week, the participation of divinopolitans in resistance groups, among others protests.

Keywords: Divinópolis, civil-military dictatorship, resistance, memory.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Nota convocatória para que a população pudesse participar da Marcha da Família com Deus pela Liberdade – 1964.....	39
Figura 2: Frei Mateus, Bernardino, Estanislau e Pascoal, entre outros, em manifestação a favor da reforma agrária.....	49
Figura 3: Padre pedrosa, Frei Leonardo, Alaor Paiva e Frei Bernardino durante reunião no Inesp, em junho de 1982	57
Figura 4:Documento policial sobre a realização de uma reunião da União das Mulheres de Divinópolis, 1983.	60
Figura 5: Fragmento do jornal "Palavra de Mulher"	61
Figura 6:Encenação da peça "Abre a Janela", em Divinópolis, provavelmente no início da década de 1980.	83
Figura 7:Encenação da peça "Abre a Janela", em Divinópolis.....	84
Figura 8:Osvaldo André de Mello interpretando o papel do carcereiro na peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã", provavelmente no final da década de 1970.....	85
Figura 9: Atriz durante a encenação da peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã", em Divinópolis.....	87
Figura 10: Os atores Osvaldo André de Mello e Maria Angélica de Oliveira, atuando na peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã"	88
Figura 11: Anúncio no jornal sobre a encenação da peça: "Quando as máquinas param", de Plínio Marcos, em Divinópolis, 1972.	91
Figura 12: Encenação da peça "Quando as máquinas param", em Divinópolis, 1972.	92
Figura 13: Atores Alonso Mendes e Solange Teixeira, durante a encenação da peça “Quando as máquinas param”, de Plínio Marcos, em Divinópolis. Década de 1970.....	93
Figura 14: Apuração de atividades subversivas realizadas em Divinópolis, 1964.....	98
Figura 15: Documento anexado ao pedido de indenização pela morte de Schirmer, feito pela filha Sílvia	100
Figura 16: Alemão acusado de comunista fere policiais e suicida	101

Figura 18: Documento em que consta o nome de Aristides Salgado como pregador de luta armada.....	112
Figura 19: Documento do Sistema Nacional de Informação: Aristides Salgado faz pregação de luta armada	113
Figura 20: Documento do SNI relatando lista de militantes eleitos em 1982.	115
Figura 21: Documento do SNI: Show contestatório em Divinópolis	116
Figura 22: Carta que Celso Aquino escreveu para o filho Vladimir, na prisão. Juiz de Fora, 03 de maio de 1971.....	121
Figura 23: Celso Aquino e José Genoíno no comício das Diretas Já, realizado em Divinópolis, em 1984.	123
Figura 24: Documento do SNI: Comemoração da independência em Divinópolis, em 1983.	123
Figura 25: Texto sobre a comemoração da independência, 1983.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS

APM – Arquivo Público Mineiro

AI-5 – Ato Institucional nº 5

CNV – Comissão Nacional da Verdade

CORRENTE – Corrente Revolucionária de Minas Gerais

CPC – Centro Popular de Cultura

COVEMG – Comissão da Verdade de Minas Gerais

CV-RJ – Comissão da Verdade do Rio de Janeiro

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

GTO – Grupo de Teatro Oficina

IPM – Inquérito Policial Militar

SAD – Semana de Arte de Divinópolis

SCDP – Serviço de Censura de Diversões Públicas

SNI – Serviço Nacional de Informações

UED – União dos Estudantes de Divinópolis

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: A CIDADE DE DIVINÓPOLIS DIANTE DO GOLPE DE 1964: APOIO, RESISTÊNCIAS E ATUAÇÃO FRANCISCANA.....	33
1.1 – O golpe de 1964 e a Marcha da Família em Divinópolis	33
1.2- A atuação dos franciscanos em Divinópolis: apoio, resistência e divergências ideológicas	43
1.3 – Os franciscanos e a “conscientização da sociedade”: atuação nas universidades, distribuição de panfletos nas missas e abertura dos espaços religiosos para ações de resistência	54
CAPÍTULO 2: SEMANA DE ARTE, TEATRO E CENSURA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RESISTÊNCIA EM DIVINÓPOLIS	64
2.1 – O campo cultural divinopolitano e a ação dos franciscanos.....	64
2.2 – SAD: A Semana de Arte de Divinópolis.....	70
2.3- “Abre a janela e deixa entrar o sol e o ar puro da manhã”	80
2.4 – Censura e vigilância aos espetáculos em Divinópolis	89
CAPÍTULO 3: A REALIDADE ENDURECE, MAS AS VOZES NÃO SE CALAM: DIVINOPOLITANOS E SUAS TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA.....	96
3.1 – Carlos Schirmer: uma voz de resistência.....	96
3.2- Aristides Salgado dos Santos.....	105
3.3– Celso Aquino Ribeiro	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
FONTES.....	136

INTRODUÇÃO

Durante a ditadura civil-militar, entre os anos de 1964 e 1985, o Brasil passou por várias transformações políticas, econômicas, sociais, e culturais,¹ num contexto em que o autoritarismo, a repressão e o cerceamento aos movimentos sociais se tornaram frequentes no cenário nacional. No entanto, a história desse momento ainda é abordada a partir de uma perspectiva que tende a dar enfoque nas ações ocorridas em grandes cidades e capitais. Escapando dessa tendência, esta dissertação pretende analisar os anos de ditadura civil-militar em Divinópolis, cidade situada no interior do estado de Minas Gerais. A proposta é investigar como grupos de oposição ao regime se posicionaram diante do golpe e dos seus desdobramentos posteriores, além de buscar compreender como esteve estruturada a resistência no município.

A historiografia desse período apresenta um volume expressivo de pesquisas, todavia, quando o recorte territorial é direcionado para as cidades interioranas verificam-se diversas lacunas. A proposta de analisar a trajetória de alguns personagens que habitavam Divinópolis durante a ditadura permite-nos compreender as principais formas de engajamento aos movimentos de oposição ao regime militar neste município, possibilitando lançar luzes sobre a questão da resistência à ditadura no interior do país.

A ditadura civil-militar brasileira teve início em 1964, quando, por meio de um golpe arquitetado por civis e militares, o então presidente João Goulart foi deposto do poder², num episódio que representou apenas o estopim de um levante reacionário já tramado há algum tempo. É importante considerar que, durante décadas, os anos de ditadura foram interpretados pela historiografia tendo como ponto central o protagonismo militar. Nos dias atuais, passados mais de cinquenta anos do golpe, é possível observar um processo de modificação nessa abordagem, pois muitos trabalhos têm enfatizado cada vez mais a decisiva atuação de setores da sociedade civil na trama que levou os militares ao poder em 1964.

¹NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

²FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 347.

“Resistência” é um dos principais conceitos que norteia essa pesquisa. Sabe-se que “onde há poder, há contestação e há resistência”³, e, assim, é impossível falar do período ditatorial brasileiro, sem remetermos aos diversos grupos e sujeitos que assumiram posições contrárias ao governo. O que significou a resistência durante a ditadura civil-militar do Brasil? De quais formas ela se manifestou e como se estruturou? Para o historiador Marcos Napolitano, existe uma grande carga política no sentido da palavra “resistência”, visto que ela adquiriu caráter definitivo no decorrer da Segunda Guerra Mundial e esteve intimamente ligada a ideia da “luta heroica contra o mal absoluto do nazifascismo”⁴. Desde então, muitos estudos foram realizados no sentido de oferecer contribuições ao conceito.

Nicolla Mateucci, no *Dicionário de Política*, afirma que a resistência define-se mais como reações que ações, defesa que ofensiva, oposição ao invés de uma revolução.⁵ Maria Paula Araújo aponta que as lutas de resistência se fazem em defesa da legalidade, dos direitos humanos, bem como da democracia.⁶ A autora completa sua definição com a afirmação de que, quase sempre, a resistência é do mais fraco, frente à ação de algo mais forte. “A resistência tem algo de heroico em nosso imaginário, mas também traz implícita a noção de derrota: resistem aqueles que foram derrotados, resistem os que sobraram.”⁷

A discussão historiográfica sobre este conceito é extensa, em razão disso, retornaremos a ele ao longo das análises subsequentes. Como referência conceitual que norteia esta pesquisa, nos apoiaremos, em especial, nas formulações elaboradas pelo historiador Marcos Napolitano. Ele enxerga a resistência como uma reação: “resistir implica reagir a uma força, perturbando um quadro de dominação que, do contrário, seria absoluto”⁸. Embora a resistência seja considerada uma “reação”, em nossa pesquisa ela também se materializa em forma de ações desencadeadas pelos sujeitos descontentes com o autoritarismo e com as atrocidades cometidas pelo governo ditatorial.

A princípio, é necessário ressaltar que nos anos de ditadura a esquerda brasileira se dividiu. Pouco tempo após o golpe, dezenas de grupos políticos se organizaram com a finalidade de fazer oposição, no entanto, de maneiras distintas. Enquanto alguns grupos

³ DELLAMORE, Carolina. **Marcas da clandestinidade**: memórias da ditadura militar brasileira. Brasília: Min/IBRAM, 2011, p. 36.

⁴ NAPOLITANO, Marcos. **Coração Civil**: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985). São Paulo: Intermeios, 2017, p. 28.

⁵ MATEUCCI, Nicolla in BOBBIO Norberto (org.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, p. 1114. ⁶ ARAÚJO, Maria Paula. **A utopia fragmentada**: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

⁷ ARAÚJO. Op. cit., 2000, p. 124-125.

⁸ Idem.

buscavam vencer a ditadura por meio da luta armada, existiam também aqueles que se ancoravam em outros meios para derrubá-la.⁹ É importante dizer que essas organizações possuíam em comum o anseio de fazer frente à ditadura, todavia elas apresentavam divergências, quanto ao caráter da revolução brasileira e as formas que a luta revolucionária deveria assumir: pacífica, armada, em forma de guerrilha, centrada no campo ou nas cidades, entre outras direções.¹⁰

O mosaico que compôs a resistência foi marcado por pluralidades. Podemos destacar a luta armada, a resistência estudantil, a resistência de grupos religiosos, a resistência cultural. Diante do exposto, partimos das seguintes perguntas iniciais, no intuito de compreender a dinâmica relativa à cidade de Divinópolis: houve manifestações de resistência à ditadura em Divinópolis? Como essas manifestações foram estruturadas? Quem foram os personagens dessa resistência? A partir dessas questões, nosso objetivo ao longo desta dissertação é o de mapear, na cidade de Divinópolis, a organização das ações individuais e coletivas de resistência, as formas pelas quais elas foram estruturadas e de que maneira se deu a participação de alguns dos principais atores políticos da cidade, ao longo do período da ditadura civil-militar.

Atualmente, parece ser consensual na historiografia relativa ao golpe de 1964 a participação efetiva de setores da sociedade civil no processo que culminou na derrubada do presidente João Goulart. Porém, ainda existe um extenso debate entre historiadores acerca dos vinte e um anos que se seguiram. Alguns se posicionam numa perspectiva que considera a atuação civil apenas nas conspirações que levaram ao golpe, e não no período da ditadura como um todo. Para esses, apenas o golpe seria civil e militar, mas a ditadura não. Ao mesmo tempo, outros historiadores enfatizam a atuação civil tanto no golpe, quanto no regime ditatorial, considerando todo o período como uma ditadura civil-militar.

O historiador Marcos Napolitano, por exemplo, defende a ideia de que “em 1964 houve um golpe de Estado, e que este foi resultado de uma ampla coalizão civil-militar, conservadora e antirreformista”¹¹. O autor corrobora a ideia de que o golpe foi desencadeado por grupos que tinham ideias de projetos distintos para o país. Contudo, apesar de considerar a atuação de parte

⁹RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 33.

¹⁰RIDENTI. *Op. cit.*, 2014, p. 33.

¹¹NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014.

da sociedade civil no golpe, Marcos Napolitano defende que o regime político que se instaurou logo após não foi uma ditadura civil-militar, pois os militares “sempre se mantiveram no centro decisório do poder”¹².

Daniel Aarão Reis faz parte do grupo de historiadores que defende a tese de uma ditadura civil-militar. De acordo com o autor, nos dias de hoje o passado relacionado a este período é considerado obscuro e, na maior parte das vezes, as pessoas não querem se associar a ele. Para o autor, a sociedade estabeleceu uma memória de rejeição e silenciamento, que contribui para que interpretações simplificadas e reducionistas sejam disseminadas, tais como o mito da ditabranda.¹³ Consolidou-se, em grande medida, uma memória negativa desse momento, porém, segundo Reis, seria impossível um regime se manter por tanto tempo sem o apoio de considerável parcela da sociedade civil.¹⁴

A historiadora Denise Rollemberg ressalta a importância dos estudos de René Dreifuss para a compreensão dessas questões. Ainda na década de 1980, o cientista político uruguaio realizou uma pesquisa inédita por meio de vasta documentação, e a partir de seus estudos concluiu que foi decisiva a participação de alguns setores da sociedade civil no golpe de 1964.¹⁵ Dreifuss realizou a pesquisa entre os anos de 1976 e 1980, utilizando como principal corpus documental fontes do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES).¹⁶ A historiadora Denise Rollemberg, salientando a importância do trabalho de Dreiffus, também reconhece o golpe de 1964 como um movimento civil-militar.¹⁷

No decorrer dos anos, muitos estudiosos realizaram trabalhos tendo como referência a obra de Rene Dreiffus. Ainda hoje, quase quarenta anos após a publicação de sua pesquisa denominada “1964 – A conquista do Estado”, a obra continua tendo grande influência no meio acadêmico e, principalmente, nas discussões acerca das características do golpe de 1964 no

¹²NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 11.

¹³REIS, Daniel Aarão. **Modernização, ditadura e democracia (1964-2010)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

¹⁴REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 7.

¹⁵ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e a luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003, p. 46.

¹⁶ O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), foi fundado oficialmente em 1961, por grupos de empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo. Criado por meio de ideais contrários ao comunismo, o instituto exerceu uma enorme campanha durante as conspirações que levaram ao golpe de 1964. Além de folhetos e livretos, o IPES encomendou cerca de 14 filmes que expressavam seu viés doutrinário. OLIVEIRA, Carlos Fellippe de. **IPÊS E IBAD: A crise política da década de 60 e o advento do Golpe Civil-Militar de 1964**. Disponível em: <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume002_Num002_artigo005.pdf> Acesso em 15 de julho de 2020.

¹⁷ROLLEMBERG, Denise. *Op. cit.*, 2003, p. 47.

Brasil.¹⁸ Poderíamos enumerar diversos trabalhos que buscaram dar continuidade às ideias discutidas por Dreifuss, seja pelo viés da crítica ou da concordância com os posicionamentos do autor. Todavia, um dos estudos recentes mais densos acerca do tema, que aborda o dinamismo da presença civil no período anterior e posterior ao golpe, é o trabalho do historiador Pedro Henrique Pedreira Campos.¹⁹

Ancorando-se na obra de René Dreifuss, e reafirmando os seus princípios, Pedro Campos analisou a atuação de empresários da construção pesada no governo durante a ditadura.²⁰ Sua tese, de maneira geral, teve como objetivo compreender em que medida os empresários atuaram e foram beneficiados pela ditadura. A análise das fontes levou Pedro Campos a concluir que grandes empresas multinacionais atuaram e colaboraram profundamente com a ditadura, e que esse suporte ocorreu até mesmo no financiamento de ações repressivas.²¹

Pedro Campos aponta como uma característica importante nesse processo de beneficiamento a atuação de empreiteiros junto aos veículos de informação. Segundo ele, esta relação se iniciou de maneira mais densa durante o período governado por Juscelino Kubitschek, momento em que se iniciaram muitas obras grandiosas, e, com isso, a demanda do setor aumentou consideravelmente.²² O autor destaca que a maior parte dos jornais de grande circulação, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, apoiaram intensamente o golpe e, já durante o período de ditadura, muitos destes organismos de imprensa atuaram como sócios da ditadura.²³

Empresários da construção pesada alimentaram interesses em jornais de grande circulação, chegando inclusive a comprar alguns dele durante o regime militar. O objetivo dos empreiteiros era ampliar o seu poder no aparelho de Estado através da utilização desses

¹⁸ FERREIRA, Cristina; COSTA, Leandro Lopes. **René Dreiffus e o livro “1964: a conquista do Estado”: estudos sobre a relação entre Estado e sociedade.** Disponível em: <http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468060061_ARQUIVO_LeandroCosta,CristinaFerreira.ReneDreifusseolivro1964AconquistadoEstado.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2020.

¹⁹ CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964 – 1985.** Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

²⁰ CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **Empreiteiros e imprensa: a atuação dos empresários da construção pesada junto aos veículos de comunicação antes e durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).** rev. hist. (São Paulo), n.177, a01717, 2018

²¹ Idem.

²² CAMPOS. *Op. cit.*, 2018.

²³ CAMPOS. *Op. cit.*, 2018.

Jornais.²⁴ Empresários utilizaram esses veículos para a difusão de suas ideias, e, de acordo com Pedro Pedreira Campos, a relação estabelecida entre empreiteiros e altos funcionários do aparelho estatal era mediada por empresários do setor de comunicação, ocorrendo por meio de “promessas, de ameaças ou possibilidades de elogio e promoção social”²⁵. A tese formulada por Pedro Campos demonstra, através de um extenso corpus documental, o quanto esse processo de beneficiamento recíproco, nessa relação entre as empreiteiras, governo e meios de comunicação, ocorreu durante a ditadura.

Seria possível aqui mencionar ainda diversos posicionamentos de historiadores, historiadoras e outros estudiosos, visto que o campo de debates acerca dessas questões é muito amplo, mas aprofundaremos mais essa discussão ao longo dos capítulos do trabalho. Consideramos que não há como negar o fato de que o conchavo que levou ao golpe de 1964 envolveu diversos agentes para além dos militares, principalmente na luta contra o fantasma do comunismo.²⁶ Em meio a todos esses debates, é importante esclarecer que, apesar de não existir consenso entre historiadores acerca da natureza do regime, nesta pesquisa optamos por utilizar o termo civil-militar.

Endossamos a ideia de que a ditadura funcionou e se manteve por tanto tempo muito em virtude da atuação de civis que, além de financiar grandes obras, também ocuparam cargos importantes no governo. Alguns setores da sociedade civil, como os empresários, não mantiveram apenas relações de apoio, mas também de beneficiamento econômico. Por fim, ainda é válido esclarecer que quando mencionamos ter sido uma ditadura civil-militar, não pretendemos absolutamente dizer que todos os civis, ou a sua maioria, apoiaram e foram favorecidos pela ditadura, mas sim alguns grupos, como foi o caso dos empresários.

Nos momentos que precederam o golpe civil-militar de 1964, o clima político e social em Minas Gerais não se distinguia do que acontecia no contexto nacional. Assim como em outros estados do país, os ânimos estavam acirrados, e crescia o clima de tensão e radicalização entre setores de esquerda e direita.²⁷ A historiadora Heloísa Starling menciona a participação ativa de Minas na conspiração político-militar, por meio da conexão direta com setores

²⁴CAMPOS. *Op. cit.*, 2018, p. 4.

²⁵CAMPOS. *Op. cit.*, 2018, p. 10.

²⁶ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014.

²⁷ SOUZA, Renato João de. A ditadura militar em Divinópolis, diferentes olhares, diferentes sujeitos. In: AZEVEDO, F. L. M.; SOARES, I. E. S.; PIRES, J. R. F.; FERREIRA, J. H.; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 25.

do “núcleo dirigente representado pelo eixo Rio/São Paulo”²⁸. O estudo da autora é baseado na ideia de que a classe dominante mineira, composta por militares, latifundiários, profissionais liberais, alas da Igreja e empresários, grupos unidos pelo anticomunismo, se organizaram para desenvolver uma ação política em prol de seus interesses.²⁹ Esses atores, os quais a autora denomina como Novos Inconfidentes, passaram a buscar elementos simbólicos para legitimar a conspiração, utilizando-se, então, simbolicamente, da Inconfidência Mineira, fato político que se tornou marcante na história do estado de Minas Gerais.³⁰

Ainda que as elites mineiras estivessem profundamente envolvidas nas conspirações que levaram ao golpe de 1964, colocando-se como continuadoras dos inconfidentes, em algumas cidades de porte médio do interior do estado de Minas havia, por outro lado, movimentos organizados de trabalhadores que depois resistiriam ao golpe. É o caso de Divinópolis, município localizado a cerca de 120 km de Belo Horizonte, que no início da década de 1960 apresentava população de aproximadamente 53.340 habitantes, despontando-se como a maior cidade do centro-oeste de Minas.³¹ A história do município é permeada por imaginários e suposições acerca de quais teriam sido os primeiros habitantes da região, o que levou muitos pesquisadores a buscarem fontes e informações que pudessem contribuir para o preenchimento dessas lacunas.

Tem-se como certo que o município formou-se às margens do Rio Itapecerica e antes da emancipação era conhecido como Arraial do Divino Espírito Santo. Segundo Batistina de Sousa Corgozinho e Frei Leonardo Lucas, há evidências de que esse arraial existia desde meados do século XVIII.³² A emancipação do Arraial aconteceu em 1911, após um movimento que envolveu a participação de algumas figuras importantes, como: Pedro X. Gontijo, Padre Matias Lobato, Antônio Olympio de Moraes, entre outros, que tiveram papel fundamental no processo que levou o arraial a alcançar sua autonomia. Naquele momento, alcançar a emancipação era um sinônimo de liberdade e possibilidade de maior crescimento, sendo assim, os sujeitos acima mencionados procuraram alcançar adesão da população, e, através de um abaixo-assinado, solicitaram ao Governo de Minas Gerais, em 1911, que o Arraial fosse elevado à categoria de

²⁸ STARLING, Heloísa. **Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 312.

²⁹ STARLING. *Op. cit.*, 1986, p. 83.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PEREIRA, Leonardo Lucas. **Escritos Bernardinianos**. Belo Horizonte: O Lutador, 2011, p. 7.

Vila.³³ O pedido foi aceito, e, após a aprovação da Lei nº 556, de 30 de agosto de 1911, o local recebeu o nome de Villa Henrique Galvão.³⁴

No entanto, a população não se identificou com o nome escolhido, pois há muito tempo o local era identificado pela devoção ao Divino Espírito Santo. Sendo assim, uma nova proposta foi enviada ao governo do estado, solicitando a mudança do nome Henrique Galvão para Divinópolis, o que foi prontamente atendido. Importante dizer que a instalação oficial do município ocorreu no dia 1º de junho de 1912, data em que passou a ser comemorado o seu aniversário. Mas apenas em 1915 a lei nº 663 elevou Divinópolis à condição de cidade.³⁵ Divinópolis cresceu e se desenvolveu rapidamente no início do século XX, sobretudo em função das novas possibilidades de comércio e intercâmbios culturais promovidos pela ferrovia.

A linha ferroviária foi implantada em Divinópolis num momento em que o Brasil passava por grandes transformações, relacionadas, principalmente, à questão dos transportes. A Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) foi finalizada e implantada no arraial ainda em 1890³⁶, e, a partir desse momento, a dinâmica do local se modificou consideravelmente. A cidade se fortaleceu e expandiu suas atividades urbanas, surgindo novas oportunidades de trabalho e de comércio, visto que a região passou a ter acesso a várias cidades importantes, como Belo Horizonte e, principalmente, à capital federal, o Rio de Janeiro. Dessa maneira, podemos dizer que as transformações econômicas e sociais trazidas pela implantação da ferrovia foram fatores que contribuíram e favoreceram a emancipação, que, como mencionamos, ocorreu em 1911.³⁷

Os trilhos trouxeram para Divinópolis oportunidades que proporcionaram o crescimento do município em diversas esferas, destacando-se o aumento populacional, devido à presença de um grande contingente de imigrantes operários. Além disso, o papel aglutinador desempenhado pela ferrovia possibilitou também o aparecimento de movimentos operários, principalmente a partir da década de 1950, que tinham como finalidade a luta em prol de muitas

³³CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena; ALVES, Amanda Cristina Costa. In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo; CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa (organizadores). **Divinópolis História e Memória: Política e Sociedade (Volume 2)**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 26.

³⁴ Idem.

³⁵CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena; ALVES, Amanda Cristina Costa. In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo; CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa (organizadores). **Divinópolis História e Memória: Política e Sociedade (Volume 2)**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 26.

³⁶ Ibidem, p. 191.

³⁷ Idem.

demandas, como melhorias salariais e melhores condições de trabalho.³⁸ Com relação a esses movimentos, destacam-se as greves realizadas pelos trabalhadores ferroviários, que tiveram a participação efetiva dos seus familiares e outros segmentos sociais.³⁹

A organização do movimento operário divinopolitano nesse período contou com a participação ativa dos franciscanos, “especialmente na figura do Frei Bernardino que, buscava se reunir periodicamente com os operários e suas lideranças, promovendo a sua formação e conscientização, para os mais variados aspectos envolvendo o mundo do trabalho”⁴⁰. Além de participarem da organização dos movimentos operários, os franciscanos também se notabilizavam por trabalhos de alfabetização e conscientização em comunidades rurais⁴¹, com a realização de muitas ações voltadas para o campo cultural. Ao longo do trabalho analisaremos com mais profundidade a importância das ações desenvolvidas por esse grupo, mas podemos dizer, de antemão, que no início da década de 1960, Divinópolis não apresentava papel de destaque apenas na economia, mas também na esfera política e cultural.

Diante desse quadro, como ficaram esses movimentos sociais no período pós-1964? Nas cidades do interior os movimentos continuaram a se organizar? Conforme já mencionamos, estudos relacionados à ditadura são muito vastos no campo historiográfico, contudo, a maior parte deles tendem a focar-se nas grandes cidades. Nesse sentido, a presente pesquisa é relevante por buscar descortinar a presença de movimentos de resistência ao regime militar em uma cidade ainda pouco explorada pelas incursões historiográficas, evidenciando suas conexões com outras cidades. Ou seja, o enfoque geográfico local não elimina as possibilidades de se compreender as dinâmicas regionais e nacionais que permearam as diretrizes e estratégias dos movimentos em curso.

O historiador Renato João de Souza, em um dos raros artigos que abordam questões relacionadas à ditadura civil-militar em Divinópolis, aponta direcionamentos acerca da memória desse momento na cidade, e chega à conclusão de que a população divinopolitana em 1964 dividiu-se entre pessoas favoráveis e contrárias ao golpe.⁴² No entanto, a pesquisa

³⁸ Ibidem, p. 194.

³⁹ CORGOZINHO, Batistina Maria de Souza. **Nas linhas da modernidade**. Divinópolis: Editora FUNEDI/UEMG, 2003. p. 192.

⁴⁰ SOUZA, Renato João de. A ditadura militar em Divinópolis, diferentes olhares, diferentes sujeitos. In: AZEVEDO, F. L. M.; SOARES, I. E. S.; PIRES, J. R. F.; FERREIRA, J. H.; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016.

⁴¹ Idem.

⁴² Ibidem, p.134.

bibliográfica exploratória indicou a inexistência de estudos que focassem especificamente a questão dos movimentos e/ou ações de resistência ao regime, objeto desta dissertação.

Observando essas questões, e considerando a importância de se trabalhar a história local, vale dizer que esta pesquisa também representa um importante instrumento para o ensino de história na educação básica, visto que os professores poderão utilizar as fontes aqui inseridas como material didático. Assim, estudantes do ensino fundamental e médio poderão ter acesso às informações sobre o período da ditadura na cidade que até então eram desconhecidas, uma importante ferramenta que pode ser didatizada, de maneira a possibilitar a fruição do conhecimento histórico em meios escolares

Para a realização desta pesquisa foram mobilizados, como fontes principais, os documentos orais. O uso dos testemunhos orais como fonte de pesquisa histórica foi uma prática que se consolidou, de maneira mais expressiva, no decorrer da segunda metade do século XX. Nesse período, além do surgimento de melhores condições e técnicas de gravação, a história oral se estabeleceu como importante forma de dar voz às minorias, como instrumento de construção de identidades de grupos subjugados e de transformação social.⁴³ No entanto, essa utilização dos relatos como fontes históricas foi alvo de fortes resistências ao longo do tempo, isso porque, durante o século XIX, era muito difundida a ideia de que só era possível interpretar os traços do passado quando já tivessem se passado muitos anos.⁴⁴

Havia, portanto, forte restrição ao uso de testemunhos. Acreditava-se que a competência do historiador residia na interpretação dos traços do passado, e, por isso, “seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados”⁴⁵. Em razão disso, a história do tempo presente e a metodologia da história oral eram relegadas a segundo plano, de forma que a historiografia concentrou-se principalmente na antiguidade e no medievo.⁴⁶

No século XX, especialmente a partir de 1929, com a fundação da Escola dos Annales, ocorreram diversas transformações no campo da história, mas, ainda assim, os testemunhos continuaram sendo fontes relegadas e alvo de resistência.⁴⁷ Apenas a partir da

⁴³ FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ FERREIRA. *Op. cit.*, 2002, p. 315.

⁴⁶ FERREIRA. *Op. cit.*, 2002, p. 316.

⁴⁷ FERREIRA. *Op. cit.*, 2002, p. 318.

década de 1960, com a “*Nouvelle Histoire*”, a história foi novamente marcada por avanços teóricos e metodológicos, que possibilitaram maior aceitação dos relatos orais como fontes históricas. Tornaram-se, então, comuns, as entrevistas de “história de vida”⁴⁸, o que foi acentuado na década de 1980, num processo de valorização das experiências individuais, quando a temporalidade contemporânea passou a se destacar no quadro dos interesses dos historiadores.⁴⁹

“A história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”⁵⁰. A frase de Alessandro Portelli sintetiza com clareza a natureza da história oral, um processo que envolve diversos personagens e caracteriza-se por ser uma arte da escuta.⁵¹ Como veremos, os testemunhos se configuram como base primordial neste trabalho, uma vez que envolvem histórias de vidas, memórias e trajetórias que se cruzam, relacionando-se a um dos momentos mais emblemáticos que o Brasil já vivenciou: a ditadura civil-militar e seus desdobramentos fora do eixo dos grandes centros urbanos do país.

Estudar a cidade de Divinópolis durante os anos de ditadura nos leva, imprescindivelmente, a percorrer os caminhos da memória das pessoas que vivenciaram o período. A memória distingue-se de história, mas, apesar disso, ela pode ser apreendida enquanto fonte histórica. De acordo com Maurice Halbwachs, “apelamos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma”⁵². Marieta de Moraes, por sua vez, ressalta que “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”⁵³. O conceito de memória constitui-se em uma das ferramentas teóricas que norteiam esta pesquisa, em que discutiremos várias abordagens sobre a memória e sua relação com o tempo e com a história, formuladas por intelectuais como Maurice Halbwachs, Michael Pollack, Marieta de Moraes Ferreira e Rodrigo Patto Sá Motta.

Com relação às fontes utilizadas ao longo desta pesquisa, é importante dizer que foram construídas, principalmente, por meio da oralidade. O historiador italiano Alessandro Portelli possui uma vasta contribuição de trabalhos no que se refere à metodologia de pesquisas em história oral. A partir de suas experiências de campo, o autor discorre sobre as narrativas e

⁴⁸ ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís: Histórias dentro da História**. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155 a 202.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 20.

⁵¹ PORTELLI. *Op. cit.*, 2010.

⁵² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 27.

⁵³ FERREIRA. *Op. cit.*, 2002, p. 321.

formas presentes nos testemunhos destacando a importância da utilização desse tipo de fonte como forma de possibilitar a fala de sujeitos que durante muito tempo estiveram silenciados.⁵⁴

Destacamos que através do trabalho com a história oral buscamos oferecer uma escuta a essas pessoas, que durante algum tempo não foram escutadas, ressaltando que o próprio fato de lembrar é resistir. Realizamos entrevistas com cidadãos e cidadãs de Divinópolis que vivenciaram o período da ditadura civil-militar e que, de alguma maneira, estiveram ligados à resistência. Os critérios utilizados para a escolha dos entrevistados se basearam em pesquisas e leituras prévias sobre o município, assim como em conversas com moradores mais antigos da cidade, que possuíam lembranças sobre pessoas que assumiram uma posição contrária ao governo militar e, assim, puderam indicar alguns nomes.

Entrevistamos um total de oito pessoas: Aristides Salgado dos Santos, Eloísa Helena Santos Aquino, Osvaldo André de Mello, Maria Izabel Ramos, Afra Durães, Geraldo Durães⁵⁵, Frei Leonardo Lucas Pereira⁵⁶ e Rui Campos Tavares. Também utilizamos uma entrevista com Cláudio Salomé, que pertence ao acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho. Alguns entrevistados concederam mais de um depoimento, como foi o caso de Aristides⁵⁷ e Eloísa⁵⁸. Todos esses sujeitos, de alguma maneira, participaram dos movimentos de resistência. Aristides Salgado dos Santos, por exemplo, figura-se entre os mais conhecidos opositores da ditadura na cidade. O nome dele é citado no único texto existente sobre o golpe de 1964 em Divinópolis, do historiador Renato João de Souza, o qual aponta que a ditadura

“[...] não silenciou por completo a voz dos movimentos de esquerda que empreenderam vários focos de resistência na cidade, fazendo com que o Estado respondesse com prisões e torturas – como as que ocorreram com Celso Aquino e Aristides Salgado”⁵⁹.

⁵⁴ PORTELLI. *Op. cit.*, 2010, p. 19.

⁵⁵ Afra Durães e Geraldo Durães são casados, ambos professores aposentados que, durante a ditadura, tiveram uma forte militância em Divinópolis. Atualmente residem em Belo Horizonte, e, por essa razão, a entrevista foi realizada de maneira virtual, pela plataforma Zoom.

⁵⁶ Frei Leonardo Lucas residiu em Divinópolis por mais de 40 anos, onde teve uma larga trajetória social, opondo-se de forma crítica à ditadura. Atualmente o frei mora em Belo Horizonte, por isso realizei a entrevista por ligação telefônica, e, com autorização do entrevistado, gravei a conversa.

⁵⁷ A primeira entrevista que realizei com Aristides foi ainda durante o período de minha graduação, em 2018, quando estava produzindo meu trabalho de conclusão de curso. Dois anos depois, o entrevistei novamente, desta vez, para esta dissertação. Optei por utilizar no trabalho trechos das duas entrevistas.

⁵⁸ A primeira entrevista de Eloísa, faz parte do acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho. Tive acesso a ela, ainda durante a graduação. Agora, no mestrado, entrevistei-a como objetivo de conseguir outras informações. Também utilizo trechos das duas entrevistas nesse trabalho.

Todavia, o autor apenas cita seus nomes, mas não discute quais teriam sido as ações realizadas por eles e nem o motivo de suas prisões. Por esse motivo, durante a entrevista com Aristides Salgado dos Santos, procuramos inserir questões relacionadas a esses momentos, buscando compreender, em especial, o envolvimento dele nos movimentos de resistência. O arquiteto divinopolitano, que hoje está com mais de 80 anos, foi preso por três vezes durante a ditadura, duas delas em Belo Horizonte e uma em Divinópolis. Participou de manifestações estudantis, de grupos ligados à igreja católica e de muitas discussões políticas ocorridas em Divinópolis. Além disso, enquanto arquiteto, Aristides Salgado participou do planejamento e construção de projetos importantes na cidade, como por exemplo, o da Praça Benedito Valadares, pensada para ser o “Centro Cultural do Povo”.

Celso Aquino Ribeiro foi um dos personagens da resistência em Divinópolis, conforme também mencionado no artigo de Renato João de Souza. Entre todas as pessoas entrevistadas e estudadas durante a pesquisa, ele foi o único com histórico de participação em grupo de luta armada, visto que foi integrante da Corrente Revolucionária de Minas Gerais, um importante movimento de resistência em Minas que se encaminhou para a oposição com armas a partir de 1968.⁶⁰ O grupo contou com a participação de muitos funcionários públicos, entre os quais figura o nome de Celso Aquino: “além dos integrantes que trabalhavam nos órgãos municipais submetidos à Prefeitura, a CORRENTE contava com militantes de outros departamentos públicos, a exemplo de Celso Aquino Ribeiro (Secretaria da Fazenda)”⁶¹.

Apesar de ter nascido em São Tomás de Aquino, Celso Aquino transferiu-se para Divinópolis ainda no final da década de 1950, e durante os anos de ditadura foi preso por três vezes, duas delas em Divinópolis. Sempre foi muito ativo, no sentido de participar de discussões e conscientizar a classe trabalhadora, tanto que sua última prisão ocorreu por estar à frente da greve dos metalúrgicos de Divinópolis, em 1979. Como ele faleceu no ano de 2002, escolhemos entrevistar sua esposa, a advogada Eloísa Helena Santos Aquino, com a finalidade de analisar um pouco mais a trajetória de resistência de Celso Aquino em Divinópolis.

⁵⁹SOUZA, Renato João de. A ditadura militar em Divinópolis, diferentes olhares, diferentes sujeitos. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 19- 35.

⁶⁰VITRAL, Thiago Veloso. **Corrente Revolucionária de Minas Gerais: Resistência ativa à ditadura civil militar em Minas Gerais (1967-1969)**. Dissertação (Dissertação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2013, p. 90.

⁶¹ VITRAL. *Op. cit.* p. 84.

A trajetória do advogado Simão Salomé de Oliveira se cruza com as de Aristides Salgado e Celso Aquino. Porém, como Simão também já é falecido, entrevistamos seu filho, o advogado Cláudio Salomé.⁶² Nessa entrevista, além da trajetória de Simão, Cláudio relatou diversos fragmentos das suas memórias, pois seu pai, naquela época, era um jovem estudante e nessa condição participou de muitas atividades dentro da União Estudantil divinopolitana. Entre essas ações, podemos citar a Semana de Arte de Divinópolis, um evento que movimentou a cidade no final da década de 1960 e início de 1970.

O escritor e professor divinopolitano Osvaldo André de Mello, sempre teve profunda ligação com o campo cultural. Em 1964, quando aconteceu o golpe, estava ainda no período da adolescência, com apenas 14 anos de idade. Todavia, no decorrer dos anos, Osvaldo passou a tomar consciência dos acontecimentos políticos do país, e durante sua juventude envolveu-se ainda mais com as artes e a cultura. Foi um dos idealizadores da Semana de Arte de Divinópolis, um evento estudantil que, no final da década de 1960 e início de 1970, adquiriu também caráter de resistência, inserindo-se igualmente no contexto do movimento de contracultura.

Afra Siqueira Durães e Geraldo Durães⁶³ fizeram parte do grupo de entrevistados por residirem em Divinópolis entre as décadas de 1970 e 1980 e, como professores, participaram da organização de greves, eventos e da criação de organizações sociais, entre as quais se destaca a União de Mulheres de Divinópolis. Maria Izabel Ramos, assim como Afra e Geraldo, também era professora e foi atuante nas greves, assembleias e movimentos do final da década de 1970 e início de 1980, compondo, em razão disso, nosso grupo de entrevistados. Rui Campos Tavares era estudante e, além de ter participação nos movimentos de professores, atuou na organização do Ciclo de Estudos Brasileiros, um evento que teve por objetivo levar os convidados a discutir a situação política do Brasil naquele momento.

A última entrevista foi realizada com frei Leonardo Lucas Pereira, um franciscano nascido em Abaeté, que durante mais de quarenta anos atuou em Divinópolis. Contribuiu para o campo educacional lecionando em cursos superiores da cidade, colaborando com a formação de muitos divinopolitanos a partir de um viés crítico. Apesar de não se considerar um religioso ligado à resistência, Leonardo auxiliou a organização de muitos eventos que eram realizados no espaço do convento e que não podiam ser executados em outros lugares, devido à repressão.

⁶² A entrevista com Cláudio Salomé foi realizada pelo professor José Heleno Ferreira e pertence ao acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho.

⁶³ A entrevista com Afra e Geraldo Durães foi realizada online, via zoom. Essa entrevista teve a colaboração de José Heleno Ferreira e Thomas Brown, ambos historiadores e pesquisadores.

Na memória de muitas pessoas, o frei ficou marcado pelo viés da resistência e do amparo aos que resistiam. ***

A historiadora Marieta de Moraes Ferreira ressalta a importância de alguns elementos que devem regular o trabalho com a história oral. De acordo com a autora, um dos pilares para que a entrevista com os colaboradores apresente o máximo de objetividade e veracidade constitui-se na elaboração de roteiros consistentes, aliado também ao trabalho de confrontar os documentos orais com outras tipologias de fontes, que possibilitam a “realização de contraprovas e exclusão de distorções”⁶⁴. Nesse sentido, antes de realizarmos as entrevistas para esta investigação, estruturamos roteiros para cada um dos participantes, com questões e pontos norteadores. Evidentemente, os roteiros funcionaram apenas como guias para as entrevistas, pois não ficamos restritos a eles. Deixamos os entrevistados livres para comentarem, respeitando as particularidades de cada um.

Embora as fontes orais nos forneçam indícios inalcançáveis por outras tipologias de fonte, a pesquisa não teve suporte apenas na oralidade. Com o objetivo de realizar uma análise sistemática, cotejamos também fontes complementares de tipologias distintas. Entre estas, selecionamos e investigamos jornais que circulavam em Divinópolis durante os anos de ditadura, em especial, *A Semana*, que possuía ligação com a Igreja católica.

Fundado em 1943, o *A Semana* foi um semanário publicado pela Ordem dos Frades Menores, e sua principal finalidade era a de levar conteúdo católico e informações da paróquia para a população de Divinópolis.⁶⁵ A grande maioria dos assuntos veiculados eram de cunho religioso, como “trechos bíblicos, horário de missas, divulgação de festas das paróquias e moral católica”⁶⁶. Além disso, era comum encontrar nas páginas do semanário lições morais e éticas, questões sobre música, cultura, esporte, artigos escolares, “notas sociais, resultados esportivos, cobertura de acontecimentos de âmbito nacional e internacional, o progresso da cidade de Divinópolis e região Centro-Oeste”⁶⁷.

Um dos principais traços do semanário estava na abordagem das questões culturais e sua relação com a sociedade da época. Era comum a análise e crítica de

⁶⁴ FERREIRA. *Op. cit.*, p.327.

⁶⁵ AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. C. *Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 192.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. C. *Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 193.

filmes, além de campanhas “contra a classificação e exibição dos que eram considerados impróprios, alegando-se que as produções com tal classificação deveriam ser proibidas, pois trariam prejuízos para a comunidade religiosa”⁶⁸. Especialmente após a década de 1960 ocorreram algumas mudanças no semanário, com as publicações assumindo um teor mais informativo.⁶⁹ Ressalta-se que esse foi um momento em que não só o Brasil, mas todo o mundo vivia um período de grandes transformações de ordem cultural e política. Portanto, consideramos que *A Semana*, com a sua diversidade de informações, se constitui em uma fonte rica para o período que nos dedicamos a pesquisar. Durante as investigações, encontramos ali muitos textos de apoio à ditadura, de rejeição ao comunismo, referindo-se a ele como um mal a ser combatido, mas destacamos a presença de discursos com diferentes perspectivas ideológicas.

Concentramos a maior parte da pesquisa em textos impressos no jornal *A Semana*, considerando a existência de um conteúdo extenso. No entanto, também observamos em menor medida outros jornais, como o periódico “*Diário do Oeste*”, que se apresentava como uma importante fonte de informação naquele período, que circulou no município entre 1956 e 2002.⁷⁰ Esse jornal, assim como muitos no país, apresentou posicionamentos favoráveis ao golpe de 1964, “adotando um discurso propagandista e até ufanista em relação ao movimento golpista”⁷¹.

Os jornais pesquisados foram acessados através do acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho,⁷² da Biblioteca Municipal Ataliba Lago e do acervo pessoal dos entrevistados. Porém, não restringimos a pesquisa apenas aos impressos que circulavam em Divinópolis, mas também buscamos noticiários de outras localidades. Recorremos à jornais de grande circulação, como *Correio da Manhã* e *Folha de São Paulo*, disponíveis virtualmente,

⁶⁸AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. C. *Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 195.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰SOUZA, Renato João de. A ditadura militar em Divinópolis, diferentes olhares, diferentes sujeitos. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 19- 35.

⁷¹ Idem.

⁷²Criado em 2005, o Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho (CEMUD) é vinculado a Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Divinópolis. Seu acervo é composto por jornais da primeira e segunda metade do século XX da região centro-oeste de Minas Gerais; acervos fotográficos variados; acervos particulares (diversas tipologias); acervos institucionais (diversas tipologias); entrevistas em áudio e vídeo; acervos gerados pelas pesquisas realizadas por pesquisadores vinculados ao Centro de Memória; Fitas em VHS (diversos temas e eventos); entre outros.<<http://conarq.gov.br>>.

nos quais encontramos algumas informações acerca de acontecimentos marcantes que ocorreram em Divinópolis, como, por exemplo, a morte de Carlos Schirmer, em 1964.

O uso de periódicos como fontes históricas também sofreu restrições ao longo do tempo, assim como ocorreu com os relatos orais. Até a década de 1970, poucos trabalhos se ancoravam na utilização de jornais como documentos, isso pela presença, entre o século XIX e a primeira metade do XX, de um forte pensamento positivista, que pregava a busca por uma pressuposta verdade dos fatos, que seria alcançada por meio dos documentos e de rigorosos e objetivos métodos do historiador.⁷³ Nesse sentido, eram privilegiados outros tipos de documentos, pois acreditava-se que os jornais apresentavam apenas fragmentos do presente, sendo marcados por interesses e paixões.⁷⁴ As décadas finais do século XX, porém, foram marcadas por transformações no campo historiográfico, que impulsionaram a inserção de “novos objetos, problemas e abordagens”⁷⁵, assim como permitiram uma nova forma de pensar o documento e sua crítica.⁷⁶

Se nos anos 1970 ainda eram escassos os trabalhos historiográficos que utilizavam jornais como fontes, hoje ocorre o inverso, pois há uma infinidade de pesquisas que recorrem à imprensa.⁷⁷ Por serem muito diversificadas, não existe um manual ou um roteiro específico para se analisar fontes ligadas à imprensa. Todavia, é importante destacar alguns aspectos metodológicos que devem ser observados no trabalho com essa tipologia documental. Tania Regina de Luca ressalta que, em primeiro lugar, é importante que o pesquisador se atente para a materialidade dos impressos. Isso requer um esforço de historicizar a fonte, considerando “as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”⁷⁸. Para a autora, não há naturalidade nem mesmo na forma como os materiais são impressos, ou na maneira como são dispostas as letras, pois em tudo há diferentes leituras.⁷⁹ Em resumo, não existem regras sistematizadas para se trabalhar com jornais, mas o pesquisador deve se atentar para as particularidades da fonte, e também realizar alguns questionamentos: como os impressos chegaram até o público? Qual o formato? Qual conteúdo? Que público visava atingir?⁸⁰

⁷³LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 112.

⁷⁶Idem.

⁷⁷ LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 130.

⁷⁸LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 132.

⁷⁹Idem.

⁸⁰ LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 138.

Outra questão importante para reflexão durante o trabalho com periódicos, consiste no fato de que está sendo analisado algo que se tornou notícia, portanto, vale pensar sobre quais foram os porquês que levaram tal fato a ser divulgado.⁸¹ Além disso, deve-se observar o destaque conferido ao acontecimento, e também os discursos, visto que eles podem assumir muitas formas.⁸² Do mesmo modo, é importante identificar o grupo responsável pelas publicações, os colaboradores e o público alvo.⁸³ Considerando essas observações, buscamos nesse trabalho realizar um esforço de análise crítica dos jornais, não os examinando como verdades absolutas, até mesmo porque nenhuma fonte cumpre esse papel, mas procurando compreender seus principais aspectos, bem como a intencionalidade das narrativas. Como exemplo, podemos mencionar a análise dos discursos anticomunistas contidos no Jornal *A Semana*, realizada no primeiro capítulo desse trabalho.

Além das entrevistas e jornais, analisamos também documentos dos acervos do Arquivo Público Mineiro e Arquivo Nacional, disponíveis em formato digital. Esses documentos revelam informações importantes, como, por exemplo, o inquérito instaurado contra Celso Aquino, um registro policial que traz detalhes importantes sobre uma das suas prisões. Podemos citar também a lista de investigados por “atividades subversivas” em Divinópolis, que indica uma série de nomes que estariam envolvidos nessas ações, para além das pessoas que já mencionamos. Além disso, destacamos a utilização de um processo de pedido de indenização por morte, feito pela família de Carlos Schirmer, assassinado em Divinópolis logo nos primeiros dias do regime militar. Esse processo está disponível no acervo do Arquivo Nacional e contém alguns depoimentos de integrantes da família e de pessoas que presenciaram o fato, ou seja, há o detalhamento de muitas questões reveladoras sobre o contexto de sua morte.

Encontramos nessas plataformas muitos documentos do Sistema Nacional de Informações (SNI), que revelam características das organizações de espionagem e o quanto as pessoas que possuíam um posicionamento contrário à ditadura em Divinópolis estavam sob o olhar desse sistema, reproduzindo o ocorria em todo o país. Encontramos documentos sobre os pronunciamentos de Aristides Salgado dos Santos, relatórios de atividades políticas ou de debates que eram realizados no município, sobre apresentações de teatro, entre outros. Em síntese, podemos dizer que esses documentos revelam muitas informações, contudo, assim como as outras fontes, procuramos averiguá-los com olhar crítico.

⁸¹LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 140.

⁸² LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 140.

⁸³Idem.

Reunimos uma diversidade de fontes para serem confrontadas nessa pesquisa, e a última delas consiste em fotografias que fazem parte do acervo dos entrevistados. Destacamos que em nossa pesquisa as fotografias não foram inseridas como mera ilustração, como é comum em alguns trabalhos⁸⁴, ao contrário, foram manuseadas como fontes para a reflexão sobre acontecimentos e questões importantes para o contexto estudado. O uso da iconografia como fonte histórica também foi impulsionado a partir da renovação dos objetos de estudo da história.⁸⁵ Segundo a historiadora Ana Maria Mauad, na medida em que novos temas eram inseridos no campo da pesquisa histórica, como, por exemplo, o cotidiano e a vida privada, apenas as fontes escritas, testamentos e inventários passaram a ser insuficientes.⁸⁶ A tradição oral, os diários, a literatura e a iconografia apresentaram-se como fontes de excelência, demandando, todavia, do historiador, diferentes habilidades de interpretação.⁸⁷

Dessa maneira, ressaltamos a existência de muitos desafios no trabalho com fontes imagéticas, sendo importante destacar que essa prática requer alguns cuidados especiais. Como analisar uma fotografia? É certo que não existem normas rígidas a serem seguidas, contudo algumas diretrizes devem ser observadas nesse processo. Primeiramente, é necessário compreender que uma imagem não reproduz a realidade tal como ela é, antes disso, se constitui como uma mensagem elaborada e reelaborada através do tempo.⁸⁸

A fotografia surgiu no século XIX, por volta da década de 1830, e na época provocou diversos sentimentos de comoção. Naquele momento a fotografia passou a ser vista como um espelho, uma prova do acontecido, ou seja, atribuiu-se à ela o caráter de reprodução do real.⁸⁹ Por muito tempo conferiu-se essa característica de realidade à fotografia, o pensamento positivista dos Oitocentos afirmava sua capacidade de tornar duradouras as imagens que refletia.⁹⁰ Todavia, ao longo do século XX ocorreu o questionamento dessas ideias, passando-se a considerar que a fotografia não é uma fiel reprodução do real, mas sim “uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso de uma série de regras”⁹¹. Ela pode ser considerada

⁸⁴CARDOSO, Ciro Flamarion. Os historiadores e as imagens. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História & imagem: cinema, cidades, música, pintura, narrativas, iconografia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

⁸⁵MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996.

⁸⁶Idem.

⁸⁷MAUAD. *Op. cit.*, 1996.

⁸⁸Idem.

⁸⁹ MAUAD. *Op. cit.*, 1996.

⁹⁰ MAUAD. *Op. cit.*, 1996, p. 74.

⁹¹MAUAD. *Op. cit.*, 1996, p. 75.

um importante instrumento de interpretação do real, no entanto, a imagem fotográfica não traz de volta a própria realidade das coisas.⁹².

A presente dissertação está estruturada em três capítulos, nos quais analisamos as formas de resistência e a atuação dos militantes ligados aos grupos de esquerda em Divinópolis durante todo o período da ditadura, ou seja, de 1964 até 1985. Como se trata de um período muito extenso, a proposta inicial foi a de organizar os três capítulos seguindo um percurso cronológico que privilegiasse a sucessão dos acontecimentos. Não obstante, devido à amplitude do recorte temporal, torna-se uma tarefa complexa manter a linearidade dos acontecimentos. Assim, mesmo procurando manter o raciocínio cronológico, em alguns momentos foi necessário recuar temporalmente, ou mesmo antecipar alguns acontecimentos.

O primeiro capítulo aborda, de forma panorâmica, uma discussão sobre o golpe de 1964 no Brasil. São apresentadas, de forma sintética, as agitações políticas e sociais do período que o precedeu, as suas principais motivações, e como foi a repercussão desse acontecimento na cidade de Divinópolis. Além disso, nessa parte inicial, analisamos o posicionamento assumido pelos atores políticos divinopolitanos nos primeiros momentos da ditadura, seja através de ações de apoio, como na realização da “Marcha da Família” em comemoração pela “revolução”, ou de resistência. Dedicamos a maior parte do primeiro capítulo à abordagem da atuação dos franciscanos em Divinópolis, buscando compreender como se constituíram as formas de resistência entre membros desse grupo religioso. Averiguamos a importância que os freis franciscanos tiveram na conscientização da população, no trabalho educativo, e, também, na abertura do espaço do convento para a realização de assembleias e reuniões que não podiam ser organizadas em locais abertos, em razão da repressão.

O segundo capítulo, subsidiado pelo conceito de resistência cultural, abrange as manifestações culturais e estudantis como forma de resistência e conscientização política durante todo o período da ditadura. Partimos de um enfoque macro-analítico, prestigiando as ações de resistência nas grandes cidades, para desembocar no nível micro-analítico, dando voz às ações de resistência que se articularam no nível local. Elencamos como objeto de análise a Semana de Arte de Divinópolis, um evento organizado por estudantes e que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970. Além disso, estudamos algumas peças teatrais apresentadas na cidade,

⁹² Idem.

buscando perceber em que medida elas se constituíram como forma de resistência cultural. Por fim, buscamos abordar a questão da censura, embora as fontes não tenham apontado com precisão como ela se organizava objetivamente na cidade.

No terceiro capítulo, buscamos reunir as memórias e trajetórias dos principais personagens de Divinópolis que fizeram parte da resistência à ditadura, seja no limite geográfico do município ou fora dele. Os percursos políticos de Carlos Schirmer, Aristides Salgado e Celso Aquino Ribeiro foram analisados com o objetivo de compreender os sentidos assumidos pelas suas ações.

Por fim, é importante destacar que antes da execução desta pesquisa foram realizadas conversas preliminares com moradores de Divinópolis, nas quais foi possível observar que a maior parte da população ainda desconhece a história da cidade durante esse período. Na época, muitos chegaram a expressar a crença de que talvez as repercussões e os impactos da ditadura não tivessem alcançado a cidade. Diante dessas questões, pretendemos por meio deste trabalho contribuir para o preenchimento de algumas lacunas, buscando, por meio da análise das fontes históricas, possibilitar que haja maior fruição sobre fragmentos da história e da memória que, por muito tempo, foram inexploradas e silenciadas.

CAPÍTULO 1: A CIDADE DE DIVINÓPOLIS DIANTE DO GOLPE DE 1964: APOIO, RESISTÊNCIAS E ATUAÇÃO FRANCISCANA

Nesta fase da vida brasileira, temos de dizer: “Deus é Brasileiro”, e, esta alegria contagiante se associa à festa da celebração do quinquagésimo segundo aniversário da cidade. Sentimo-nos libertos do jugo comunista que se nos avizinhava.¹

1.1 – O golpe de 1964 e a Marcha da Família em Divinópolis

O golpe civil-militar de 1964 provocou, em todo o país, diferentes posicionamentos políticos. A população se dividiu entre opiniões favoráveis, contrárias e, também, de omissão e indiferença. Compreender a trama que culminou na tomada do poder pelas forças armadas requer um esforço de retroceder aos conturbados períodos em que o país foi governado pelos presidentes Jânio Quadros e João Goulart, figura emblemática e que divide opiniões entre os historiadores. Foi neste período, entre 1961 e 1964, que muitos projetos e ideias conflitantes se desenvolveram e consolidaram-se como motivações fundamentais para o golpe. Podemos citar como exemplo o imaginário que se constituiu acerca do perigo comunista, que se apresentou de maneira muito expressiva naquele momento².

Manifestações contra o comunismo já haviam acontecido no país em outras épocas, mas nesse momento eclodiram com maior força, e representaram a centelha principal para o golpe de 31 de março de 1964³. No contexto internacional, o mundo presenciava a Guerra Fria, e há apenas cinco anos havia eclodido, a Revolução Cubana, fato que acarretou forte reação dos Estados Unidos, pois acreditava-se que esta revolução significaria o “avanço soviético” na América Latina.⁴

Nesse mesmo período, o Brasil presenciava o crescimento das organizações ligadas à esquerda. Porém, o que causou maior pânico nos anticomunistas foi a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, visto que o seu vice, João Goulart, possuía histórico de ligação com os sindicatos e movimentos sociais de esquerda. Setores ligados à oposição apoiaram-se em

¹BOTELHO, Maria José Faria. Salve o 1º de junho de 1964, Salve. A Semana. Divinópolis, 31 de maio de 1964, nº 21.

²MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Tese em história econômica). São Paulo, 2000, p. 286.

³ Idem.

⁴ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 287.

muitos argumentos para impedir a ascensão de Jango à presidência da República. A solução estratégica assumida foi a de implantar um sistema parlamentarista, em que o presidente tem menor poder decisório: “Tratou-se de uma solução que resultou de uma ampla coalizão para impedir o golpe militar, isolando os grupos civis e militares que não se conformaram com a sua posse, garantindo, assim, as instituições democráticas.”⁵ Nesse sistema, Jango teve seus poderes reduzidos, ficando assim impossibilitado de realizar todas as reformas almejadas.

João Goulart assumiu a presidência da República em um momento de instabilidade no âmbito político e econômico.⁶ As contas públicas estavam descontroladas e o país endividado externa e internamente, além de apresentar uma grave crise militar e uma complicada situação política⁷.

A ascensão do líder gaúcho ao poder foi um verdadeiro divisor de águas nos embates políticos da época, pois se constituiu num fator de fortalecimento da esquerda e numa motivação para a arregimentação do anticomunismo. A manobra parlamentarista teve o efeito de apaziguar a crise e evitar o confronto aberto, mas não desmobilizou os conservadores e anticomunistas, que na primeira oportunidade voltaram a assestar baterias contra Jango⁸.

No decorrer de seu governo, João Goulart tomou decisões que desagradaram os opositores anticomunistas, como, por exemplo, a a relação amistosa que mantinha com relação a Cuba, China e União Soviética. A sua insistência em realizar reformas sociais profundas e sua aliança com organizações de esquerda estimulou a organização dos setores anticomunistas. O historiador Rodrigo Patto Sá Motta aponta algumas organizações que fizeram parte dessa frente anticomunista entre os anos de 1961 e 1964, criadas antes mesmo desse período: a Cruzada Brasileira Anticomunista, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a Liga da Defesa Nacional (LDN) e o Movimento por um Mundo Cristão (MMC).⁹ Das organizações que surgiram na década de 1960, destaca-se o Movimento de Mobilização Democrática e a Mobilização Democrática Mineira.¹⁰

Um dos principais objetivos dessas organizações, que cresceram exponencialmente nesse período, era propagar o anticomunismo na sociedade. O mosaico que envolvia o imaginário anticomunista era composto por um grupo diverso de sujeitos, como

⁵ Ibidem, p. 348.

⁶ Ibidem, p. 348.

⁷ FERREIRA, Jorge. *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 348.

⁸ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 290.

⁹ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 294.

¹⁰ Idem.

conservadores, tradicionalistas, liberais, setores da igreja católica e outros. A realização das “Marchas da Família” talvez seja o exemplo mais forte do que representou o papel das religiões nesse momento. E não apenas da Igreja Católica, como aponta Rodrigo Patto Sá Motta, pois na organização dessas marchas havia também pastores, rabinos, e até mesmo umbandistas.¹¹ Na construção do imaginário contra o comunismo, as organizações e discursos religiosos ocuparam, portanto, papel de destaque, ocorrendo alianças entre religiões de vertentes distintas, unidas contra o “inimigo comum”.

O governo parlamentarista de João Goulart persistiu até 1963, quando após um amplo debate público, a sociedade brasileira, por meio de um plebiscito, decidiu pela volta do presidencialismo. Cinco de cada seis brasileiros apoiaram, com seu voto, não apenas o retorno ao sistema presidencialista; sobretudo, estavam sinalizando seu apoio ao presidente João Goulart¹². Vale ressaltar que os setores conservadores também deram, na ocasião, seu voto de confiança ao presidente:

Embora temesse as “más companhias” das quais Jango se acercava, a maioria conservadora resolveu dar-lhe um voto de confiança e aceitar a volta do presidencialismo. Poucas vozes se levantaram para defender o parlamentarismo, mesmo porque os candidatos em potencial à presidência gostariam de ver o Executivo restaurado em seu poder tradicional. Neste momento, Goulart não era considerado um aliado incondicional e irrecuperável dos comunistas¹³.

Após ter os seus poderes reconstituídos, João Goulart passou por um momento de grande prestígio, afinal de contas, havia sido praticamente “eleito” pela maioria da população.¹⁴ Passou a defender com vigor as políticas reformistas, prometendo à população as chamadas reformas de base, discurso que passou a surgir com maior frequência em suas falas. Entre as principais reformas de base apresentadas pelo presidente estavam a bancária, fiscal, urbana, tributária, administrativa, agrária e universitária.¹⁵

Essa situação agravou ainda mais a insatisfação dos adversários políticos de João Goulart. No final de 1963, em seu tradicional discurso de fim de ano, o presidente afirmou seu compromisso com as reformas, acenou para os esquerdistas e teceu críticas à estrutura desigual da sociedade brasileira¹⁶. A partir desse momento, o quadro político se agravou consideravelmente, e no início de 1964 uma sucessão de episódios e conflitos propiciaram o

¹¹ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 304.

¹² FERREIRA. *Op. cit.*, 2010, p. 362.

¹³ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 310.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ FERREIRA. *Op. cit.* 2010, p. 315.

¹⁶ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 318.

recrudescimento do anticomunismo.

Dois eventos tiveram papel fundamental no acirramento das crises políticas. O primeiro constitui-se na realização do comício de Jango em frente ao prédio da Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, o presidente reforçou seu compromisso com as reformas de base, recebendo massivo apoio de aproximadamente 200 mil pessoas presentes.¹⁷ O comício, ocorrido em 13 de março, aumentou o temor entre os anticomunistas, que reagiram por meio da organização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em São Paulo no dia 19 de março. A reação dos setores conservadores ao comício de Jango envolveu a participação de cerca de meio milhão de pessoas.¹⁸ Durante o mês de março, à medida em que os acontecimentos conflitantes iam se sucedendo, o anticomunismo tornou-se cada vez mais expressivo e a situação de Jango se tornava cada vez mais crítica.

Existia entre os anticomunistas a ideia de que era preciso derrubar Jango do poder, mas para Rodrigo Patto Sá Motta, o estopim para o acontecimento veio através da Revolta dos Marinheiros, liderada por grupo que simpatizava com as ideias esquerdistas. João Goulart tomou a decisão de ceder às reivindicações dos rebeldes, acentuando o medo dos oficiais de que os “vermelhos” chegassem ao poder.¹⁹ Entre os dias 31 de março e 1º de abril consolidou-se no Brasil um episódio que há tempos já era anunciado. As forças militares colocaram em prática um golpe que destituiu o presidente Jango do poder e instaurou no país a era de ditadura, que perdurou por 21 anos. Jango não ofereceu resistência, ao contrário, partiu para o exílio. E o novo governo se instalou, sob a ideia da eliminação do comunismo e das forças de esquerda.

De maneira geral, esses acontecimentos ilustram o contexto vivenciado no Brasil nos anos que antecederam o golpe. Uma trama marcada por conflitos, ideologias, projetos divergentes e imaginários. Divinópolis, nesse mesmo momento, vivenciava um cenário de crescimento econômico e populacional, sendo considerada a cidade polo da região Centro-Oeste de Minas Gerais. Com relação ao processo político que desaguou no golpe militar, o escritor Osvaldo André de Mello, que em 1964 tinha apenas 14 anos, assim discorreu sobre suas mais remotas lembranças daquele momento:

A respeito da ditadura militar em Divinópolis, que eu vivi, a lembrança mais antiga que eu tenho é da passagem dos soldados aqui na rua Itapecerica, vindo do Niterói em direção ao centro. E o que me ficou na memória, é que esse destacamento iria se unir a um destacamento de Bom Despacho. Eram forças militares que estavam

¹⁷ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 324.

¹⁸ Idem.

¹⁹ MOTTA. *Op. cit.*, p. 331.

apoiando a ditadura. Então, nós, o povo, a população, os passeios ficavam cheios, nós todos aplaudíamos muito e fazíamos o “V” da vitória. Porque, foi o golpe né, então a vitória já era dada como certa. Isso foi em 1964, perto, muito perto, da revolução de 31 de março²⁰.

Por meio desse trecho da fala de Osvaldo André de Mello podemos observar os traços relacionados à memória. Quando realizamos entrevistas de história de vida, como as que foram feitas nessa pesquisa, podemos pensar estarmos lidando apenas com memórias individuais, subjetivas.²¹ Todavia, Michael Pollack nos lembra que a memória possui o caráter de uma construção coletiva e sujeita a mudanças ao longo do tempo. Assim, ela “deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”²². Apesar de mencionar ter participado das comemorações do golpe, Osvaldo André de Mello logo se justifica, argumentando que era jovem e que “as pessoas, no geral, não tinham uma percepção do que estava acontecendo. “Com o passar dos anos, eu tive mais consciência, um pouquinho mais de consciência do que estava acontecendo”²³.

Além de ressaltar a característica de flutuação que a memória possui, Michael Pollack afirma que ela pode sofrer interferência em função das preocupações do momento em que é articulada.²⁴ O entrevistado Osvaldo André de Mello possui um posicionamento contrário à ditadura e define-se como participante da resistência, portanto, no momento atual, não é de seu interesse vincular-se à um movimento de apoio ao golpe de 64, o que justifica sua rápida argumentação de que ainda não possuía, aos 14 anos, entendimento acerca dos acontecimentos. Os trechos da fala de Osvaldo André levam-nos a pensar em um aspecto importante, pois grande parte da população que apoiou a tomada do poder pelos militares provavelmente não tivesse informações ou não compreendesse a dimensão do que realmente estava acontecendo, apenas seguindo o clima de euforia que se apresentava naquele momento.

Ao se completarem dois meses do golpe, data que coincidiu com o aniversário de Divinópolis, setores conservadores organizaram uma “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em comemoração à tomada do poder pelos militares e ao aniversário da cidade. No dia 31 de maio de 1964, véspera do evento, o Jornal *A Semana* fez uma publicação convidativa para que a população participasse dos festejos que, naquele ano, seriam ainda

²⁰Osvaldo André de Mello, entrevista realizada em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

²¹POLLACK, Michael. *Memória e identidade social. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 201.

²²POLLAK, Michael. *Memória e identidade social. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 201.

²³ Idem.

²⁴POLLACK. *Op. cit.*, 1992, p. 204.

mais especiais:

O 1º de junho é festejado todos os anos. Em cada coração há um palpitar de emoção, de alegria. Todos voltam os olhos ao passado e rememoram a história desta querida Divinópolis. Este ano, a data hoje em transcurso tem razão de ter mais brilho que nos anos anteriores. Nesta fase da vida brasileira, temos de dizer: “Deus é Brasileiro”, e, esta alegria contagiante se associa à festa da celebração do quinquagésimo segundo aniversário da cidade. Sentimo-nos libertos do jugo comunista que se nos avizinhava. O desafogo de que estávamos possuídos é inenarrável. A Providência Divina se apiedou de nós. Neste 1º de junho vamos fazer ação de Graças pelo êxito crescente de nossa cidade e pela salvação do Brasil pelas forças democráticas. Viva Divinópolis! Viva Minas Gerais! Viva o Brasil²⁵!

A nota publicada no jornal faz alusão aos festejos de comemoração pelo aniversário de Divinópolis, no entanto, é possível observar que o texto aponta um motivo que fazia o 1º de junho daquele ano ainda mais especial: a libertação do “jugo comunista”. O imaginário e as narrativas criadas em torno do comunismo foram uns dos principais motivos que levaram à legitimação do golpe, mas os grupos envolvidos nesse processo possuíam pouca clareza com relação ao futuro, pois o que almejavam de fato era remover o governo de João Goulart, para romper com o processo de esquerdização da sociedade.²⁶

Por meio da fala de Osvaldo André e dos textos publicados em jornais, podemos concluir que o imaginário acerca do “perigo vermelho” rondou não apenas as grandes cidades, mas também os municípios do interior. O espectro do comunismo pairou naquele momento como uma ameaça de proporções extremamente negativas. Daí, quando os militares chegaram ao poder, ocorreram marchas da família em diversos lugares do país, ao longo de vários meses do ano.²⁷ Foi, então, o caso da celebração realizada em Divinópolis em junho de 1964, um episódio da história da cidade que é hoje desconhecido pela maioria da população.

Abaixo, apresentamos a reportagem completa que convidava os divinopolitanos para os festejos de 1º de junho, de onde foi extraído o trecho que analisamos anteriormente.

²⁵BOTELHO, Maria José Faria. Salve o 1º de junho de 1964, Salve. A Semana. Divinópolis, 31 de maio de 1964, nº 21.

²⁶ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 301.

²⁷ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 29.

Figura 1: Nota convocatória para que a população pudesse participar da Marcha da Família com Deus pela Liberdade – 1964.



Fonte: *Jornal A Semana*.

Durante a pesquisa, identificamos que as declarações de crítica ao comunismo circulavam na imprensa divinopolitana antes mesmo do golpe, mas se intensificaram nos primeiros dias da intervenção militar e meses posteriores. O jornal *A Semana*, no dia 05 de abril de 1964, publicou uma nota com o seguinte título: “*Atitude de A Semana*”, em que foram enumeradas algumas diretrizes com relação ao comunismo:

Na questão do comunismo o *A Semana* segue as seguintes diretivas: 1 – A doutrina do comunismo, de acordo com as Encíclicas Pontifícias é intrinsecamente ateia; nenhum católico pode adotá-la. 4 - O comunismo não se vence por orações, S. Comunhão, ou Santa Missa. Pela prática integral da justiça, virtude que é companheira do amor ao próximo, conseguiremos tirar a base à pregação comunista. Assim o comunismo será enfraquecido, mas infelizmente não vencido. 5 – Ninguém que luta por uma justiça verdadeira pode ser taxado de comunista²⁸.

O trecho ainda apresentava outras diretivas, que tinham como propósito levantar críticas ao comunismo e às pessoas da comunidade católica que o defendiam. Podemos relacionar esses trechos com trabalho do historiador Rodrigo Patto Sá Motta, o qual propõe que as bases do discurso anticomunista sempre estiveram firmadas em três pilares principais: a religião, o patriotismo e o liberalismo. De acordo com o autor, desde os primórdios, o comunismo foi identificado como algo maligno, que teria como resultado o sofrimento,

²⁸JORNAL A SEMANA. *Atitude de A Semana*. Divinópolis, 05 de abril de 1964.

pecado, fome, miséria, morte, entre outras consequências.²⁹ Ao discutir sobre esse imaginário, Rodrigo Patto delimitou algumas categorias pelas quais o comunismo foi associado ao longo do tempo. “Piratas, desvairados, paranoicos, degenerados, dementes, bárbaros, selvagens”, essas são algumas das muitas qualidades negativas atribuídas aos comunistas.

Destacamos aqui o viés religioso, muito presente nas publicações da imprensa em Divinópolis. O demônio sempre ocupou um papel de destaque na religião cristã, representando a origem do mal, e a Igreja sempre caracterizou seus adversários como espíritos do mal. Com o comunismo não foi diferente, pois à medida em que a Igreja começou a percebê-lo como uma ameaça, diversos líderes religiosos passaram a representar os comunistas como figuras demoníacas e assustadoras, seja de maneira implícita ou explícita.³⁰

O texto abaixo foi extraído de uma publicação do jornal *A Semana*, também do dia 31 de maio de 1964, no qual havia o anúncio da realização da Marcha da Família. Nele é possível observar o discurso anticomunista, ancorado em representações religiosas:

Festejando seu aniversário, Divinópolis marchará pelas ruas a proclamar também: Com Deus pela Libertação da nossa pátria! A atitude dos comunistas com respeito à religião tem raízes profundas, que jamais poderão ser erradicadas. Os líderes comunistas sempre tiveram o mais profundo desprezo pela religião, mesmo os primeiros líderes como Karl Marx e Engels.³¹

No trecho podemos observar a força alcançada pelos discursos anticomunistas de cunho religioso. Além de os comunistas serem caracterizados como indivíduos de profundo desprezo pela religião, a figura maligna do demônio aparece implicitamente, pois, na mesma reportagem, foi utilizado como instrumento o exemplo da fábula de “Chapeuzinho Vermelho”. Nela, a menina quase foi enganada pelo lobo, “mas vieram os caçadores com seus cães, o bicho foi descoberto, e suas intenções desmascaradas”³². Podemos observar que a fábula foi utilizada como recurso para demonstrar o comunismo e os comunistas como seres de intenções malignas, ainda que isso não tenha sido colocado no texto de maneira direta.

O historiador Daniel Aarão Reis, também ressalta o quanto esse temor relacionado ao comunismo foi decisivo no processo conturbado que levou ao golpe. “A ideia de que a civilização ocidental e cristã estava ameaçada no Brasil pelo espectro do comunismo ateu

²⁹ MOTTA. *Op. cit.*, 2000, p. 72.

³⁰ MOTTA. *Op. cit.* 2000, p. 76.

³¹ VALÊNCIA. Jornal *A Semana*. “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Divinópolis, 31 de maio de 1964.

³² *Idem*.

invadiu o processo político, assombrando as consciências”³³. Um medo que, para Rodrigo Patto Sá Motta, partia mais de um mito do que necessariamente uma realidade. Isso, porque não havia uma esquerda efetivamente organizada, se esta existisse, teria resistido ao golpe, fato que não ocorreu³⁴. Para o historiador, grande parte da sociedade brasileira acreditou nesse eminente perigo vermelho, no entanto, uma parte da sociedade que disseminava esse medo, sabia que não havia de fato possibilidade de que os comunistas tomassem o poder³⁵.

Em Divinópolis, o jornal *A Semana* foi fundado pelos franciscanos, ou seja, possuía profunda ligação como catolicismo. Esse pode ser o motivo pelo qual os discursos anticomunistas apareçam com mais frequência nele. Uma semana após a realização da Marcha da Família, no dia 7 de junho de 1964, o *A Semana* voltou a noticiar, dessa vez, para celebrar o sucesso do evento.

A “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, ou melhor diremos: a passeata cívica e democrática em regozijo pela vitória de 31 de março, teve êxito em Divinópolis. Dela participaram o Bispo Diocesano, o Cel. José Geraldo de Oliveira, Comandante da Polícia Militar do Estado, Deputados e outras autoridades civis e militares. Ressaltou a liderança de Minas e seu papel relevante e decisivo no movimento que derrubou o governo passado³⁶.

O texto mostra, além da continuidade do discurso salvacionista, que os integrantes da Igreja católica marcaram presença evento. Ao analisarmos os jornais, pudemos observar que o sentimento de gratidão e saudosismo pela vitória da “revolução”, continuou presente na sociedade divinopolitana e na imprensa nas décadas seguintes. Podemos citar, especialmente, as comemorações que ocorriam anualmente para festejar o aniversário do 31 de março de 1964, assim como acontecia em diversas cidades do país. Encontramos, nos jornais, diversas notícias de cerimônias realizadas em Divinópolis, entre as décadas de 1960 e 1980, em comemoração pela “revolução”. No dia 12 de abril de 1970, uma publicação do Jornal *A Semana* trazia um texto de reflexão sobre os supostos benefícios alcançados pelo país após a tomada do poder pelos militares.

Às vezes, no fim de uma batalha, não se sabe quem venceu. Cristo morreu na cruz, no entanto o cristianismo transformou-se na maior força espiritual do mundo (...). Assim aconteceu com o Brasil, quando reinava a insegurança e o caos, veio um passo decisivo e salvador: a revolução de março de 1964. A revolução trouxe as suas consequências, o país sofreu o impacto de sua vinda, mas hoje já nos soerguemos, e

³³REIS. *Op. cit.*, 2000, p. 27.

³⁴MOTTA. *Op. cit.*, 2000.

³⁵Entrevista realizada com os historiadores Marcos Napolitano e Rodrigo Patto Sá Motta. Mitos da ditadura: usos políticos do passado. Disponível em: <<https://www.facebook.com/historiaemquarentena/videos/939965219853468>>.

³⁶JORNAL A SEMANA. Marcha Cívica. Divinópolis, 07 de junho de 1964.

somos maiores que ontem, na certa, amanhã seremos melhores que hoje (...). Devemos saber que a revolução não pode marchar sozinha, devemos nos erguer e de pulso firme, cabeça levantada, procurar fazer nossa parte, pois a revolução está fazendo a dela³⁷.

No trecho citado, a defesa do regime é apresentada de forma explícita, no entanto, há o reconhecimento de que “a revolução trouxe algumas consequências”, sem que estas sejam elencadas. Foi enfatizado o argumento de que o país cresceu economicamente e, nesse sentido, é importante ressaltar que a publicação é do ano de 1970, período no qual foi disseminada a ideia de que o país passava por um “milagre econômico”. Por fim, após os elogios, o periódico pede apoio ao governo “revolucionário”. Podemos conjecturar que tal apelo se devesse ao fato de que, nesse momento, o governo já tivesse perdido parte dos apoiadores. O declínio do apoio e o surgimento de resistência, traria a necessidade de seguir afirmando os benefícios da revolução, bem como a necessidade de sua continuidade.

Anteriormente, vimos Osvaldo André lembrar momentos de comemoração logo após ao golpe, mas o entrevistado também apresentou fragmentos da sua memória relacionados à repressão e censura que viriam depois, às situações de medo e insegurança, nomeando esse período como os “anos de chumbo e tempos sombrios”³⁸. Um momento para ele marcante diz respeito ao dia em que seu pai e um vizinho saíram de madrugada para jogar no rio livros que pudessem ser comprometedores:

Durante um período da ditadura era proibido manifestações e, os sindicatos, foram todos fechados. Meu pai e um vizinho saíram de madrugada, pra jogar no rio o que pudesse comprometer, porque havia muitas denúncias. Havia batidas nas casas das pessoas, eu me lembro assim, que meu pai lia, tinha livros russos, tinha autores russos, tinha *Minha Vida*, de Hitler. Porque ele gostava de se informar, e tínhamos discos de compositores russos, então, isso tudo, de madrugada, na calada da madrugada, meu pai e meu vizinho, José Guimarães, jogaram esse tesouro, pra não se comprometerem, porque havia denúncias. Carlos Schirmer foi denunciado, então, tinha os dedos duros.³⁹

Mesmo sendo uma localidade do interior, a sociedade divinopolitana não se manteve alheia aos acontecimentos políticos, seja no momento anterior ou posterior ao golpe. A princípio, muitas pessoas não possuíam clareza do que realmente estava acontecendo, apenas comemoravam uma vitória que a imprensa e os setores conservadores, como a Igreja,

³⁷ ALTIVE, Antônio Carlos. *Jornal A Semana*. Divinópolis, 12 de abril de 1970.

³⁸ Entrevista realizada com Osvaldo André, em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

³⁹ Osvaldo André de Mello, entrevista realizada em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020. Nesse momento, Osvaldo André faz referência ao episódio ocorrido com Carlos Schirmer, ainda no início da ditadura. Schirmer fazia parte do Partido Comunista, e, devido a uma denúncia, policiais foram até sua casa para leva-lo até a delegacia. Ele resistiu e foi morto, conforme ainda discutiremos nesse trabalho.

divulgavam ser necessária para o país. Mas, assim como ocorreu na maior parte do Brasil, a ditadura não obteve apenas apoio da sociedade divinopolitana. Muitos grupos assumiram posicionamento contrário, e por isso sofreram os efeitos da repressão, conforme veremos nos tópicos e capítulos seguintes.

1.2- A atuação dos franciscanos em Divinópolis: apoio, resistência e divergências ideológicas

A atuação da Igreja Católica durante os anos de ditadura no Brasil ocorreu de forma heterogênea e foi permeada por ambigüidades.⁴⁰ Se no princípio a instituição foi uma das grandes apoiadoras do golpe e do regime que se instaurou, posteriormente, no interior da instituição emergiram correntes que se levantaram como resistência.⁴¹ Assim, para se compreender a atuação dos religiosos nas ações de resistência, é preciso perceber que não havia homogeneidade política no interior da Igreja Católica. E desde os anos que antecederam o golpe, houve a organização de grupos e comunidades eclesiais de base que se afirmaram com veemência no campo da militância social e do amparo aos direitos humanos.

Após 1968, com a promulgação do AI-5, a participação da igreja se tornou muito mais crítica e ativa, no sentido da luta pelos direitos sociais e humanos.⁴² A título de exemplo, podemos mencionar grupos como a Ação Católica, a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), que durante a ditadura foram parte do que ficou conhecido como militância político-religiosa.⁴³ O posicionamento adotado por alguns membros desses grupos gerou conflitos que desencadearam dissidências, por exemplo, muitos membros da JUC se vincularam posteriormente à Ação Popular, que tinha como base uma forma de atuação mais revolucionária.⁴⁴

O cenário de resistência católica também foi alvo da repressão do regime. As ações da Igreja iam desde denúncias contra as arbitrariedades até o amparo às pessoas perseguidas. Em razão dessa atuação, muitos militantes católicos se tornaram também “vítimas do

⁴⁰ GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira**: a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

⁴¹ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Zahar: Rio de Janeiro, 2014, p. 30-47.

⁴² DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Civilização Brasileira, 2010, p. 117.

⁴³ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. op. cit. 2010, p. 126.

⁴⁴ Idem.

autoritarismo, sofrendo prisões, expulsão do país, difamação, atentados e assassinatos”.⁴⁵ Lucília Delgado e Mauro Passos reforçam que a atuação do catolicismo durante os anos de ditadura ocorreu de maneira ampla e diversificada, tendo como princípio norteador a causa dos direitos sociais e humanos.⁴⁶

Em Divinópolis, a movimentação católica nesses anos também foi intensa, apesar de não encontrarmos indícios acerca da perseguição e repressão a membros da igreja. Observamos, por meio das fontes, uma sequência de pensamentos e de mudanças de discursos que se assemelham ao que ocorreu no meio católico em outras partes do país. A história da cidade é intimamente ligada à presença dos franciscanos que, seguindo o exemplo de São Francisco de Assis, sempre buscaram estabelecer uma íntima relação entre fé e obras. Em Divinópolis, essa atuação não foi diferente, pois ao longo dos anos muitos representantes da ordem franciscana deixaram as marcas de suas obras, contribuindo não apenas no quesito religioso, mas também na esfera social e cultural.

Considerando que a Igreja Católica foi um eixo de apoio e também de resistência ao regime e observando sua massiva presença em Divinópolis, discutimos as principais ações empreendidas pelos franciscanos, com a finalidade de analisar as ações de oposição no âmbito religioso. Para isso, utilizamos, além dos relatos orais, de artigos escritos e publicados por franciscanos no jornal *A Semana*.

A presença franciscana no país data de tempos bem distantes, “pois a Ordem Seráfica já se fazia presente junto aos descobridores portugueses”⁴⁷. Segundo Batistina de Souza Corgozinho, frades franciscanos holandeses vieram para o Brasil no ano de 1899, chegando em Minas Gerais em 1903, quando o bispo de Mariana, Dom Silvério, requisitou ao bispo de Petrópolis o envio de freis. Ainda de acordo com Batistina Corgozinho, o primeiro frade holandês chegou a Divinópolis em 1924, devido uma instrução superior para que os franciscanos assumissem na cidade a Paróquia do Divino Espírito Santo.⁴⁸ Logo depois vieram outros frades e noviços sendo que nas décadas de 1950 e 1960 a quantidade de franciscanos em Divinópolis era vasta, e suas atividades muito dinâmicas, sempre abrindo espaço para participação da comunidade.⁴⁹

Dentre os franciscanos que atuaram em Divinópolis, Frei Bernardino Leers foi um dos

⁴⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. op. cit. 2010, p. 125.

⁴⁶ DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. op. cit. 2010, p. 127.

⁴⁷ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 9.

⁴⁸ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 10.

⁴⁹ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 11.

que mais se destacou, principalmente em razão das atividades sociais e educativas desenvolvidas por ele no meio urbano e rural. Nascido na Holanda, em 1919, Bernardino entrou para a ordem franciscana em 1938, ordenando-se sacerdote em 1945.⁵⁰ Estudou Filosofia, Teologia, Sociologia, especializando-se “em Teologia Moral na Antonianum, em Roma, entre 1947 e 1949. Defendeu sua tese láurea em Roma em 1951 e nesse mesmo ano, em dezembro, foi transferido para a Província de Santa Cruz”⁵¹.

Em terras brasileiras, Bernardino exerceu muitas atividades voltadas para o ensino. Lecionou na Universidade Católica de Minas Gerais e no Centro de Estudos superiores da Companhia de Jesus, ambos em Belo Horizonte, e em muitas outras instituições.⁵² Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis (FAFID), onde ministrou a disciplina de Sociologia de 1965 a 2002.⁵³ Além do trabalho no magistério, Frei Bernardino deixou uma vasta produção intelectual, registrada em diversos livros, artigos e coletâneas, publicadas no Brasil e no exterior.⁵⁴ Em Divinópolis, colaborou assiduamente com a escrita de artigos para o Jornal “*A Semana*”, além de ter redigido muitas cartas aos professores e líderes comunitários rurais.⁵⁵

O frei atuou especialmente na esfera política, procurando estimular operários a se organizarem por melhores condições de vida e trabalho, através de reuniões realizadas com esses grupos.⁵⁶ Por ter estabelecido essa proximidade com as comunidades rurais, e, também, pela sua formação social e humanitária, Frei Bernardino se tornou um grande defensor da Reforma Agrária no início dos anos 1960. Para exemplificar esse posicionamento, analisaremos trechos escritos por ele e publicados no jornal *A Semana*, observando como os discursos, apesar de carregarem um teor de defesa do povo, eram influenciados pelo pensamento anticomunista que pairava no momento.

Em 15 de outubro de 1961, poucos anos antes do golpe, frei Bernardino publicou no jornal um texto em que expressava seu desejo pela realização de uma reforma agrária no Brasil. Por ter uma atuação forte na zona rural, o frei se atentava para os interesses e necessidades das pessoas do campo, ainda que mantendo um discurso conservador:

Na sua justa vontade de explorar suas riquezas humanas e materiais, o Brasil precisa

⁵⁰CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 16.

⁵¹ Idem.

⁵² CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 17.

⁵³ Idem.

⁵⁴ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 17.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 15.

descobrir-se a si mesmo: brasileiro e cristão. Não queremos a reforma agrária de Cuba, porque não somos comunistas e nem cubanos. Mas queremos a reforma agrária, sim, em moldes cristãos e brasileiros. Começando hoje⁵⁷.

O discurso de Bernardino, apesar de apoiar a pauta reformista, estava naquele momento carregado pelo sentimento de repúdio ao comunismo. A utilização do exemplo de Cuba como um modelo a não ser seguido, bem como a proposta de que a reforma fosse realizada nos moldes cristãos, apontava para uma característica da maior parte dos membros religiosos naquele período, a de relacionar o comunismo a figuras negativas e contrárias ao cristianismo.

Durante a pesquisa, especialmente nos relatos dos entrevistados, observamos a construção de uma memória afetiva muito forte em torno da figura de Frei Bernardino em Divinópolis. Pessoas que mantiveram um contato estreito com ele ressaltam, em suas memórias, sua jornada de amor e ajuda ao próximo, na busca por mais justiça e igualdade. Com relação aos anos de ditadura, notamos também relatos que apontam o frei como contrário ao regime e suas imposições. Frei Leonardo, que por muitos anos conviveu com Bernardino, ao ser perguntado sobre os textos de viés anticomunista ou mesmo que não traziam críticas explícitas ao regime, argumentou que, de início, a maioria dos membros da Igreja ainda não possuía conhecimento suficiente sobre a situação política, que proporcionasse uma crítica profunda em relação ao que estava acontecendo.

Ao longo do tempo, com a sucessão de fatos e por meio dos estudos e contatos diversos, uma parte dos freis, na qual se incluía Bernardino e Leonardo, passou a questionar e se opor ao regime. Importante ressaltar que, ainda que fosse uma oposição, ela foi se construindo paulatinamente, ao longo do tempo, sempre convivendo com formas divergentes de pensamentos. A seguir, apresentamos dois fragmentos que datam do início da ditadura. O primeiro, escrito por Frei Miguel e publicado no dia 07 de junho de 1964, no jornal *A Semana*. Parte do texto foi comentado em páginas anteriores deste trabalho, quando mencionamos a Marcha da Família. Mas uma outra parte aponta novos elementos importantes ao nosso estudo.

Abriam a marcha as bandeiras nacional e do estado; seguiam: uma faixa do círculo operário local, as autoridades e a grande massa popular, com a maravilhosa visão cambiante de cores dos vestuários. A banda militar do 5º batalhão da capital abrilhantou a passeata. No palanque da Praça da Catedral, discursaram pela ordem, as seguintes pessoas: dom Cristiano, os deputados Alvimar Mourão, Reni Rabelo, em nome do prefeito e da associação dos ex-combatentes, e Levi de Sousa e Silva.

⁵⁷ Jornal A Semana. Divinópolis, 15 de outubro de 1961.

Por último, falou demoradamente o coronel José Geraldo, grande líder da Revolução. Historiou a Revolução em seus diversos aspectos. Ressaltou a liderança de Minas e seu papel relevante e decisivo no momento que derrubou o governo passado. Acentuou a Providência Divina e a Proteção de Nossa Senhora Aparecida (muitas palmas) no movimento revolucionário vitorioso em 48 horas sem derramamento do sangue fraterno. Seu discurso foi ouvido com grande interesse e por vezes aplaudido pela massa humana.⁵⁸

O fragmento de texto apresentado faz parte do relato de um frei acerca dos acontecimentos que transcorreram durante a “marcha da família”. Nele é possível observar um discurso de elogio à “revolução”, que destaca as manifestações de comemoração e a massiva participação popular. O trecho foi construído no sentido de enfatizar as personagens presentes no evento, como autoridades militares e religiosas. Novamente ocorre a utilização do elemento divino para enfatizar a tomada do poder pelos militares, como uma salvação, pela intervenção divina, de algo maligno.

Em 30 de agosto de 1964, frei Bernardino Leers publicou no *A Semana* um texto intitulado “Acorde, Operário”, que possuía traços de desaprovação à dita “revolução”.

A revolução passou. Ou continua ainda. Não sei. Estão discutindo o assunto. Mas há um fato curioso em toda esta história: os nossos sindicatos locais desapareceram como tatu em baixo do chão. A onda que a revolução provocou, abafou profundamente a voz de nosso operariado. Férias para recompensar o negócio todo? Férias de morte, então. Para que, afinal de contas? Lembro-me ainda daquela alma boa que, com a cara mais séria do mundo, afirmou-me que tinha mais do que mil comunistas aqui na cidade. Pode ser, a gente nunca sabe. Mas de qualquer jeito, parece que não estavam em nossos sindicatos.⁵⁹

No trecho de Bernardino podemos observar um viés de reprovação à “revolução”, ainda que ela não tenha sido colocada de forma explícita. O frei, que possuía histórico de envolvimento com a organização sindical, por meio de seu texto denunciava que as vozes dos sindicatos foram caladas após o acontecimento. Embora existisse um fundo de crítica, essa foi realizada com muitas limitações. O frei adotava a denominação oficial do movimento militar, como uma revolução, além de inserir em sua narrativa a ideologia do comunismo com uma conotação negativa. Ou seja, o texto escrito por Bernardino, embora crítico, se aproxima, em alguns momentos, dos discursos de apoio ao golpe, no início do regime militar.

Como mencionamos anteriormente, frei Leonardo relatou que a oposição de muitos freis à ditadura foi sendo construída ao longo dos anos, especialmente à medida em que estiveram em contato com outras esferas, para além do meio religioso. Paulo César Gomes ressalta em seus estudos que essa foi uma característica nacional, ou seja, não podemos

⁵⁸JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 07 de junho de 1964.

⁵⁹JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 30 de agosto de 1964.

considerar as transformações de posicionamento no meio católico como algo automático ou heterogêneo.⁶⁰ Ao contrário, é necessário compreender que membros da Igreja tiveram particularidades em suas trajetórias que os fizeram ter posições distintas durante todo o período do regime militar, seja em relação à posição de outros companheiros que vestiam o hábito clerical, seja em relação aos interesses e ideologias defendidas pelos militares.⁶¹

As publicações dos religiosos em Divinópolis, com todas as suas particularidades, nos possibilitam reflexões importantes. No mesmo ano em que um frei marchava junto com coronéis comemorando a vitória do “movimento revolucionário”, outro manifestava sua indignação por eventos trágicos que ocorreram após o episódio do golpe. São ambiguidades que permeavam o cenário das grandes capitais e que podiam ser percebidas também no interior do país.

Além de textos, o acervo dos franciscanos também é constituído por fotografias que representam diferentes momentos da sua presença em Divinópolis. A imagem abaixo apresenta frei Bernardino juntamente com outros religiosos, manifestando-se em favor da reforma agrária, no início da década de 1960. Nela podemos observar alguns elementos que indicam a defesa das classes populares pelos religiosos, possivelmente, ainda nos momentos que antecederam o golpe de 1964.

⁶⁰ GOMES. *Op. cit.*, 2014, p. 17. .

⁶¹ *Idem.*

Figura 2: Frei Mateus, Bernardino, Estanislau e Pascoal, entre outros, em manifestação a favor da reforma agrária.



Fonte: acervo dos franciscanos.

Ao analisarmos a fotografia, devemos atentar para detalhes que podem fornecer indícios importantes, sendo uma das questões mais relevantes a compreensão de que a fotografia é fruto de um conjunto de escolhas, especialmente daqueles que a registraram. Jacques Le Goff ressalta que é necessário pensar nela como imagem/documento, ou seja, como uma informação do passado que pode ser analisada através de objetos, pessoas, lugares e outros pontos.⁶² Além disso, também é preciso olhar para ela como imagem monumento, em outras palavras, um símbolo escolhido pela sociedade do passado para ser perenizado.⁶³ A fotografia envolve o “autor, o texto propriamente dito e o leitor”⁶⁴, sendo que esses três

⁶²Jacques Le Goff, “Documento /monumento”, In: Memória-História, Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

⁶³ MAUAD. *Op. cit.*, 1996.

⁶⁴Idem.

elementos compõem o resultado final.

“A imagem não fala por si só, ao contrário, é necessário que perguntas sejam feitas a ela”⁶⁵. A historiadora Ana Maria Mauad levanta questionamentos importantes que devem ser realizados durante o processo de análise de uma fotografia, como por exemplo, a observação de elementos de forma e conteúdo: quem produziu a imagem, o ano, o tema e o local retratados, pessoas, objetos, período (dia ou noite). Da mesma forma, as expressões dos retratados, o enquadramento, a nitidez, o foco, a iluminação e outros.⁶⁶ Buscamos analisar com detalhamento as fotografias que remetem aos eventos ocorridos em Divinópolis, porém, ressaltamos que não é nossa pretensão aprofundar em todos pormenores técnicos. A nossa intenção é levantar pontos que consideramos relevantes e, assim, provocar alguns questionamentos.

Não conseguimos identificar o fotógrafo que registrou a imagem e nem a data exata do documento, todavia, sabemos que o registro se deu nos anos iniciais da década de 1960. Sobre o conteúdo da foto, identificamos que o local representado provavelmente é o convento de Santo Antônio, local onde residiam os franciscanos em Divinópolis. À frente, há um grupo de freis, entre os quais se destaca Bernardino, utilizando as vestimentas religiosas. Não sabemos se o grupo posicionado ao fundo também é composto por franciscanos, porém, o que nos chama atenção são os cartazes que compõem a cena. Conseguimos identificar que em um deles está a frase “Reforma Agrária”, provavelmente com o dizeres “Reforma Agrária Já!”, que seria, portanto, uma das demandas daquela manifestação.

Em outro cartaz está escrito Paredón, seguido de uma segunda palavra que não foi possível discernir, provavelmente uma referência ao Paredón⁶⁷ de Cuba. Em um terceiro cartaz é possível identificar a palavra “Viva”, seguida de outra palavra cuja inicial é a letra C. Uma hipótese é que o cartaz traria a frase “Viva Cuba”, mas acreditamos ser uma alternativa pouco provável, visto que Bernardino está presente na foto e, nesse mesmo período, seus discursos eram de repúdio à Cuba, como apresentamos anteriormente. Ainda há outro cartaz ao fundo de que não conseguimos identificar os dizeres.

A presença de elementos de referência ao campesinato, como por exemplo, uma enxada e personagens utilizando chapéus, nos leva a hipótese de que não havia apenas figuras

⁶⁵ MAUAD. *Op. cit.*, 1996.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Paredón ficou conhecido como o local de execução de sentenciados à morte em Cuba. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-09-24/especial-governo-de-fidel-prepara-fim-do-paredon-em-cuba>>. Acesso em 24 de nov. de 2021.

ligadas ao catolicismo nesse grupo, mas também trabalhadores rurais. A análise do contexto geral da fotografia permite-nos apontar que os franciscanos, em Divinópolis, atentavam-se para questões que iam além do aspecto religioso, envolvendo-se também em assuntos que estavam relacionados ao âmbito político e social. Mesmo porque havia uma sintonia entre as pautas políticas da agenda nacional e internacional das esquerdas, que incluía também setores da Igreja.

O Jornal *A Semana* circulou em Divinópolis até o início dos anos 2000, e durante todo esse tempo foi possível observar transformações em certos aspectos do seu formato. A temática religiosa, que até a década de 1960 era veiculada nas primeiras páginas, passou a ocupar outros espaços na diagramação do jornal.⁶⁸ Assim, os assuntos políticos, sociais e culturais começaram a ocupar com mais frequência a primeira página. A segunda era “destinada ao evangelho do Domingo e as colunas escritas pelos franciscanos, a terceira lauda composta por publicidade local e assuntos relacionados à Paróquia de Santo Antônio, e política”⁶⁹. A partir da quarta página, veiculavam-se as notícias de esporte, poesias, notas de falecimento, entre outras.

A história do *A Semana* pode ser dividida em duas fases: a primeira, entre 1943 e 1946, quando o jornal foi uma publicação pequena, sem preço de assinatura e distribuída apenas internamente, entre os religiosos e fiéis. E a segunda, a partir de agosto de 1946, quando ele assumiu um novo formato, passou a ter toda a população como público alvo e teve seu subtítulo modificado, passando a ser “Órgão Oficial das Paróquias de Divinópolis, Círculo Operário e Educandários”, sendo assim editado até o ano 2000.⁷⁰ Essas transformações foram impulsionadas por Frei Rafael, que chegou a Divinópolis em 1945 e trouxe a ideia de ampliar o jornal, propagando-o para um público maior, que incluía os moradores da zona rural⁷¹. Após esse momento ocorreram mudanças, como, por exemplo, o início da assinatura anual e o aumento das páginas e colunas.⁷² O *A Semana* afirmou-se cada vez mais no cotidiano do município, muitas vezes denominando-se agente “educador e guarda

⁶⁸Idem.

⁶⁹AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. C. *Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). *História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas*. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 193.

⁷⁰Idem, p. 194.

⁷¹ Idem.

⁷²AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. C. *Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). *História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas*. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 194.

da moralidade”⁷³. Como dissemos, a pluralidade de ideias era uma realidade no meio franciscano.

A historiadora Tania Regina de Luca destaca a importância da utilização dos periódicos como fonte de pesquisa, ressaltando que por meio deles podem ser abordadas diversas temáticas, como história e gênero, história e literatura, história cultural, e, também, história política, visto que os periódicos registram os “embates de poder”⁷⁴. Outra questão importante para reflexão, durante o trabalho com periódicos, consiste no fato de que está sendo analisado algo que se tornou notícia, portanto, vale pensar sobre quais foram os porquês que levam tal fato a ser divulgado. Além disso, deve-se observar o destaque conferido ao acontecimento e os discursos elaborados sobre o mesmo, visto que estes podem assumir muitas formas.⁷⁵ Da mesma maneira, é importante identificar o grupo responsável pelas publicações, os colaboradores e o público alvo.⁷⁶

Em estudo recente, Denise Silva e Souza, Rafaela Guimarães Pereira e Douglas Souza Angeli analisaram publicações do jornal *A Semana* referentes ao caso ocorrido em 1982, com três jovens da cidade de Divinópolis. Os autores selecionaram edições, entre os anos de 1982 e 1985, que tratavam do desaparecimento de três jovens: Jorge Amaro, Adilson Meira e Gilberto Carlos, que estavam presos na delegacia da cidade, onde foram vistos pela última vez. É desconhecido o motivo pelo qual os jovens foram presos, todavia, sabe-se que desapareceram antes do julgamento.⁷⁷

Na análise, os autores concluíram que o jornal *A Semana* se tornou um meio no qual eram veiculadas matérias com teor de denúncia e cobrança das autoridades de uma solução para o caso. Ao analisar o contexto das publicações, os autores concluíram que o jornal não se limitou a fazer apenas esta exigência, mas também denunciar outros abusos policiais, corrupção e situação carcerária crítica. Tais abusos denunciados não se referiam apenas ao território divinopolitano. Por vezes, o jornal explicitou casos de violência ocorridos em várias cidades próximas à Divinópolis, apresentando aos leitores um espaço mais amplo, em que se desenhavam os desrespeitos aos Direitos Humanos, os excessos da Ditadura Militar e seus desdobramentos.

⁷³ Idem.

⁷⁴ LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 128.

⁷⁵ Idem, p. 140.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ SOUZA, Denise Silva; PEREIRA, Rafaela Guimarães; ANGELI, Douglas Souza. *A resistência do jornal A Semana a partir do caso dos jovens desaparecidos de Divinópolis, Minas Gerais (1982-1985)*. *Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 34, v. 12, n. 3 (Set./Dez. 2020), p. 175-192

Corroboramos com as proposições dos autores que consideram o jornal *A Semana* como um espaço de resistência naquele momento, diferentemente dos primeiros momentos após o golpe, quando os discursos de apoio aos militares se sobrepuseram de maneira majoritária. As matérias trazendo denúncias e reivindicações são reflexos de mudanças de pensamento internas do jornal, como dissemos, transformações relacionadas à oscilação de posicionamentos dos freis e demais pessoas que escreviam para o jornal e às renovações administrativas.

Os exemplos que mencionamos apresentam apenas alguns dos casos de divergências ideológicas e de posicionamentos que permearam *A Semana* e, principalmente, o ambiente franciscano. Há diversos escritos sobre questões sociais, culturais e econômicas que também demonstram conflitos de ponto de vista. Na historiografia, observa-se que a atuação da Igreja Católica durante a ditadura é alvo de muitos estudos, o que contribui para a existência de distintas explicações. Todavia, ainda que tais pesquisas se apropriem de diferentes teorias, existe um consenso no que se refere à ideia de que predominou, durante a ditadura, uma oposição entre Igreja e Estado.⁷⁸ Em Divinópolis, essa oposição ficou marcada pelos escritos, como vimos, mas também por ações que se desenvolveram para além do ambiente religioso, como nas universidades e nos movimentos sociais resistência, como abordaremos adiante.

1.3 – Os franciscanos e a “conscientização da sociedade”: atuação nas universidades, distribuição de panfletos nas missas e abertura dos espaços religiosos para ações de resistência

Para além das disputas ideológicas e da resistência por meio de escritos publicados no jornal *A Semana*, a atuação franciscana em Divinópolis ocorreu nos ambientes religiosos mas também externamente, como nas universidades. Com o objetivo de compreender melhor a questão, atentaremos para a trajetória de frei Leonardo Lucas Pereira, que atuou à época em Divinópolis e nos concedeu uma entrevista. Nascido em Abaeté, também interior de Minas, o frei possui formação em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Sua chegada em Divinópolis ocorreu em 1964, onde permaneceu até 1968. Após esse período, Leonardo Lucas passou por algumas cidades mineiras, até partir para Paris, em 1970, mudança que tinha como objetivo a realização de uma especialização em Sociologia.

Leonardo Lucas permaneceu por três anos estudando na Universidade Sorbonne, momento que para ele foi essencial para a sua formação política, visto que o instituto em que se fixou era uma referência fundamentalmente marxista na década 1970, conforme destaca no

⁷⁸ GOMES. *Op. cit.*, 2014, p. 21.

texto abaixo:

Em Paris eu acordei um pouquinho mais para as questões sociais. Foi que eu aprendi a fazer um olhar mais crítico do desenvolvimento brasileiro, do movimento econômico e político brasileiro que foi a discussão central da minha tese, sobre como o modelo de dependência ligado a questão do imperialismo, como é que isso cria uma urbanização sociopática, com a questão da marginalidade urbana, falta de planejamento, foi sobre isso que eu me debrucei e estudei dentro de uma perspectiva neomarxista. Minha formação lá em Paris foi nesta direção. Eu tive mais ou menos a minha conversão, depois de sair mais do ambiente de Igreja, eclesial, eu fui cair numa Universidade que tinha uma referência fundamentalmente marxista na década de 1970.⁷⁹

Esse trecho da fala de frei Leonardo evidencia uma característica que notamos no decorrer do processo da pesquisa. Grande parte dos entrevistados considera a inserção no âmbito acadêmico como fator fundamental para a formação política. No caso de frei Leonardo, mais do que a formação acadêmica, esse momento significou certo distanciamento do ambiente eclesial, o que o possibilitou fazer reflexões mais autônomas e aguçadas sobre a situação política que o Brasil vivenciava na época.

Ao retornar para Divinópolis, em 1974, o frei iniciou o trabalho em faculdades do município, o que, em sua narrativa, ficou marcado como uma nova fase de atuação na vida profissional. Ao ser questionado sobre suas principais ações durante o período de ditadura, ele destacou o fato de ter contribuído para a formação acadêmica dos divinopolitanos.

Depois de 1974 foi uma nova fase da minha presença em Divinópolis, quando eu dava aula lá na FAFID. Eu não dava aula na FADOM, quem dava aula lá era o Frei Cristóvão. Mas ele, Frei Bernardino e eu, nas faculdades de lá, a gente dava uma orientação bastante crítica para os alunos, para que eles pudessem ter uma visão mais adequada do que estava acontecendo no país. E isso seria uma forma da gente colaborar, principalmente dentro do âmbito universitário, com uma certa resistência daquilo que estava acontecendo.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis (FAFID) foi a primeira instituição de ensino superior de Divinópolis, fundada em 1955.⁸⁰ Muitos franciscanos colaboraram com a sua formação, sendo que durante os anos de ditadura o local ainda abrigava, em sua maioria, cursos voltados para a área da educação. A FADOM, Faculdade de Direito do Oeste de Minas, também contava com a presença de franciscanos em seu corpo docente. Para frei Leonardo, o que ele e outros sujeitos vinculados à Igreja faziam dentro das universidades, através de textos e discussões no cotidiano da sala de aula, era propiciar um

⁷⁹ Entrevista realizada pela autora, com frei Leonardo Lucas Pereira, em Divinópolis, no dia 05 de fevereiro de 2021.

⁸⁰ AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; MOURA, Keversson William; MARTINS, Maráisa Inês de Assis; MOURA, Mateus Henrique. História de Divinópolis. Cartilha de Educação Patrimonial, 2019, volume 1.

ambiente reflexivo para que os alunos pudessem construir uma visão crítica sobre os fatos políticos, a despeito da severa vigilância a que estavam expostas as instituições de ensino e os próprios professores.-

Maria Izabel Ramos, que atuava como professora no final da década de 1970, aponta que a cidade de Divinópolis naquela época era marcada por forte efervescência cultural e que havia muitos grupos de discussões, em especial na FADID, ou INESP, como passou a ser conhecida a instituição anos mais tarde.

Nas década de 70, era uma cidade aberta a novas ideias, com atuações culturais de vanguarda. Fizemos logo muitos amigos na cidade, principalmente no INESP, onde havia um grupo de intelectuais, professores e alunos, que assimilou integralmente a ideia da criação de um "grupo de resistência", onde era discutido sobre tudo: das filosofias à prática política. Líamos muito, debatíamos tudo, ouvíamos a rádio Tirana, a mais confiável naquele período, mas também fazíamos festas e saraus⁸¹.

A dubiedade existente na sociedade quanto à interpretação do regime militar também se manifestava no ambiente universitário, que foi fundamental para a resistência à ditadura, mas também foi espaço de acomodação, quanto aos projetos “modernizadores” do regime militar, que eram impostos através de estratégias autoritárias,

O regime militar combateu e censurou as ideias de esquerda e tudo o mais que achasse subversivo – e, naturalmente, os seus defensores; controlou e subjulgou o movimento estudantil; criou agências de informação (as Assessorias de Segurança e Informações, ASIs) específicas para vigiar a comunidade universitária; censurou a pesquisa, assim como a publicação e circulação de livros; e tentou incutir valores tradicionais por meio de técnicas de propaganda, da criação de disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo.⁸²

Durante a ditadura, as universidades eram consideradas um campo de disputas, pois nelas perpassavam ideais conservadores e revolucionários, de viés esquerdista, que para o governo militar deveriam ser combatidos e eliminados. E essa situação perdurou até os momentos finais, de abertura política, nos quais as universidades foram também um local de vanguarda para algumas mudanças políticas.

A fotografia abaixo, do ano de 1982, representa o momento em que estaria sendo realizada uma reunião entre Padre Pedrosa, frei Leonardo e frei Bernardino, no Inesp. A imagem pertence ao acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho e demonstra que os franciscanos tinham participação ativa nas discussões que ocorriam dentro das universidades.

⁸¹ Entrevista realizada pela autora, com Maria Izabel Ramos, via e-mail.

⁸² MOTTA. op. cit. p. 57.

Figura 3: Padre pedrosa, Frei Leonardo, Almor Paiva e Frei Bernardino durante reunião no Inesp, em junho de 1982.



Fonte: acervo do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho

Outra forma encontrada por frei Leonardo e seus companheiros de convívio para conscientizar a população acerca da situação política do país consistiu na introdução do folheto de Nova Iguaçu em missas realizadas nas paróquias da cidade, conforme mostra o trecho abaixo:

Eu, o padre Zé Raimundo, o Padre Pedrosa e outros padres da cidade, nós introduzimos o folheto, a Folha de Nova Iguaçu. Essa folha foi usada nas missas em quase todas as paróquias de Divinópolis, o que vai provocar uma certa reação de pessoas mais à direita, por isso que essa folha ficou mais ou menos uns seis anos e depois ela foi retirada, porque teve muita resistência. O povo estava acostumado com aquele folhetinho que quase todo mundo usava. Eu e alguns padres achamos que aquilo estava meio conservador. Nós resolvemos introduzir uma outra ideologia. Não nos textos da bíblia mesmo, mas artigos que eram muito mais críticos em relação ao golpe de estado, mas infelizmente não foi uma resistência muito nítida da maioria do clero de Divinópolis.

A *Folha* foi um folheto litúrgico criado em meados da década de 1970, pela Diocese de Nova Iguaçu. Ele era distribuído aos fiéis no final das missas das paróquias diocesanas, sendo formado por quatro páginas, “a primeira e a última páginas traziam artigos do bispo e/ou de algum teólogo discutindo assuntos da realidade local, regional, nacional ou internacional”⁸³. Segundo Matheus Sampaio e Diana Iliescu, o grande diferencial do folheto consistia na abordagem de problemas da sociedade, religiosos ou não. Ao final das missas, o material era distribuído e as pessoas poderiam levar para suas casas. Além disso, é importante destacar que, inicialmente, a proposta da *Folha* era se situar apenas no âmbito religioso,

⁸³ SAMPAIO, Matheus da Silva; ILIESCU, Diana. De folheto litúrgico a ocupação cultural – práticas de resistência contra autoritarismos. *Mosaico* – Volume 11 – Nº 17 – Ano 2019.

todavia, com o passar do tempo ocorreram mudanças de foco, passando a ser essencial na formação de um processo de conscientização da população⁸⁴.

Segundo frei Leonardo, a ideia de inserir a distribuição da *Folha* de Nova Iguaçu em Divinópolis partiu dele, de padre Zé Raimundo e padre Pedrosa, aproximadamente em 1975 ou 1976. A distribuição continuou até o início da década de 1980, quando foi encerrada por “existir muita resistência de pessoas que estavam acostumadas com folhetos comuns”⁸⁵. No entanto, durante a entrevista frei Leonardo não deixou explícito com clareza como terminou o processo de distribuição do material.

Além da resistência franciscana se situar na transmissão dos ensinamentos e na distribuição de panfletos nas missas, como forma de conscientização, um ponto importante que ainda precisa ser abordado diz respeito à abertura do espaço da igreja para a realização de diversas atividades que assumiram caráter de resistência. Reuniões de professores em greve, ciclos de estudos e debates sobre a situação política e reuniões da União de Mulheres de Divinópolis, são exemplos de atividades que ocorreram no âmbito do convento, justamente porque, devido a repressão, não podiam ser realizadas em outros lugares abertos.

As greves de professores que ocorreram no final da década de 1970 e início de 1980, emergiram em diversas localidades do país e em Divinópolis não foi diferente. Professores do município, engajados nas lutas políticas do momento, dedicaram-se à realização de importantes movimentos grevistas nesse período. A repressão aos grevistas era uma realidade, e nas palavras dos entrevistados fica nítida a importância representada por membros da Igreja Católica, no sentido de abertura dos espaços físicos pertencentes à Igreja Católica aos manifestantes.

Nós fizemos uma assembleia na Igreja do Santuário. Na hora, eu estava com o microfone na mão fazendo o discurso e chegou um professor atrás de mim e disse: “Afra, o Santuário está cercado. Eu fiquei com aquele medão, os meus melhores amigos não estavam lá, mas eu recebi um recadinho do padre falando pra eu passar pela porta, por dentro, e ficar lá um pouco esperando as pessoas dispersarem. O pessoal foi embora, e com o tempo o pessoal da delegacia também e então eu pude sair. (...) Alguns padres sempre cediam espaço para nós, e isso era fundamental diante de uma repressão constante a gente não tinha lugar pra reunir. E a repressão respeitava o convento, a repressão respeitava a Igreja. Eles cercaram a Igreja, mas não entraram pra pegar a gente, porque eles respeitavam o Frei Leonardo, respeitava também os outros padres que eu não lembro o nome deles, mas tinha padres bem favoráveis a nossa luta e que contribuía cedendo espaços.”⁸⁶

⁸⁴ SAMPAIO, Matheus da Silva; ILIESCU, Diana. De folheto litúrgico a ocupação cultural – práticas de resistência contra autoritarismos. **Mosaico** – Volume 11 – Nº 17 – Ano 2019.

⁸⁵ Entrevista realizada pela autora, com frei Leonardo Lucas Pereira, em Divinópolis, no dia 05 de fevereiro de 2021.

⁸⁶ Entrevista realizada com Afra Durães Siqueira, em 05 de fevereiro de 2021.

Ao discutir sobre o conceito de memória, o autor Michael Pollack traz uma definição relacionada à ideia de memórias subterrâneas. Segundo ele, essas memórias partem dos sujeitos dominados, e compõem uma forma de oposição à “memória oficial e nacional”. Nesse sentido, aponta a importância da história oral como forma de privilegiar a análise de grupos excluídos e marginalizados.⁸⁷ Da mesma maneira, Alessandro Portelli, a partir de suas experiências de campo, no trabalho com a história oral, discorre sobre as narrativas e formas presentes nos testemunhos, destacando a importância da utilização desse tipo de fonte como forma de possibilitar a fala de sujeitos que durante muito tempo estiveram silenciados.⁸⁸ Assim, ressaltamos a relevância das memórias aqui apresentadas, visto que, naquele momento, os professores foram considerados marginalizados por empreenderem greves na luta por seus direitos, sendo reprimidos até mesmo durante a realização das assembleias. Quando falamos em silenciamento, nos referimos principalmente à ausência de uma escuta social que perdurou por muito tempo.

Como vimos, Leonardo não se considera um frei que atuou na resistência, todavia, na memória de grande parte das pessoas da época, ele ficou marcado pela atuação de proteção aos que realizavam os mais diversos movimentos. A fala abaixo, da professora Afra Durães, revela o sentimento de afetividade construído em torno do frei.

⁸⁷ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 4.

⁸⁸ PORTELLI. *Op. cit.*, 2010, p. 19.

Ai de nós se não fosse o Frei Léo. Na questão organizativa, ela precisa pensar onde que vai ser, onde vamos encontrar com os professores. E a gente não tinha isso, podíamos ser presos. Tinha que ser mais ou menos no centro de Divinópolis. Então quando o Frei Léo falava: “pode ser lá no convento”, ele agasalhava a gente. Ele protegia a gente do pior que era o pior dos piores. O Léo cumpriu um papel bacana demais⁸⁹.

Eventos e reuniões promovidas pela União das Mulheres de Divinópolis também ocorriam dentro do espaço do convento. Abaixo, temos um documento produzido pelo Sistema Nacional de Informações, o qual informa sobre a realização de uma assembleia de mulheres, em que Afra Durães fez uma “análise da condição social e política que o país atravessava”. O documento é datado de maio de 1983 e demonstra que ainda nesse período existia forte vigilância com relação a qualquer pessoa ou movimento que pudesse ir contra ao governo.

Figura 4: Documento policial sobre a realização de uma reunião da União das Mulheres de Divinópolis, 1983.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
ESTADO - MAIOR 2.ª SEÇÃO (PM/2)

INFORME Nº 330/83/SST3.2.5/PM2

DATA : BELO HORIZONTE/MG, 19 MAI 83
ASSUNTO : ASSEMBLÉIA GERAL DA UNIÃO DAS MULHERES DE DIVINÓPOLIS/MG
ORIGEM : PM/2
AVALIAÇÃO : A-1
DIF. ANTERIOR: E2/4a.BDA INF
DIFUSÃO : E2/4a.DE - ABH/SNI - SR/DPF/MG - ARQUIVO
REFERÊNCIA :
ANEXO : Xerocópia do "Estatuto da UMD", xerocópia de "Ficha de Inscrição" e xerocópia de um boletim da "UMD".

1. No dia 30 Abr 83, no salão do convento de SANTO ANTÔNIO, em DIVINÓPOLIS/MG, foi realizada uma assembleia geral da UNIÃO DAS MULHERES DE DIVINÓPOLIS/MG, que contou com a participação de aproximadamente 60 pessoas.

2. A abertura da referida assembleia foi feita pela presidente ROSA IFRACASSO KUNZ, que manifestou o interesse de legalizar a entidade. Em seguida AFRA SIQUEIRA DURÃES fez uma análise da condição social e política que o País atravessa.

Fonte: Arquivo Nacional.

⁸⁹ Entrevista realizada com Afra Durães Siqueira, em 05 de fevereiro de 2021.

Segundo Afra Durães, o movimento de mulheres em Divinópolis promoveu muitas ações no sentido de denunciar a situação social do momento, bem como de trazer informações para as mulheres. O grupo criou o jornal *Palavra de Mulher*, cujo objetivo era informar e também, de alguma maneira, lutar contra a ditadura militar. Afra Durães, que participou do movimento e da escrita do jornal, aponta que:

O movimento de mulheres era, a nossa presença, era forte, todo jornal que a gente fazia, era fazendo a análise de conjuntura. Tinha no editorial uma avaliação do quanto era importante lutar contra a ditadura militar, a importância da liberdade política, e era sempre nessa linha assim, onde a gente estivesse.⁹⁰

O documento abaixo estava anexado ao que analisamos acima, que denunciava a realização da assembleia. Ele se constitui em um fragmento do jornal *Palavra de Mulher*. O texto, escrito por Afra Durães, faz uma abordagem acerca da emancipação feminina, relacionando-a com a questão da liberdade e distanciamento do autoritarismo. Podemos dizer que essa também foi uma ação fundamental de resistência na cidade de Divinópolis, especialmente nos anos finais e de abertura política.

⁹⁰ Entrevista realizada com Afra Durães Siqueira, em 05 de fevereiro de 2021.

Figura 5: Fragmento do jornal "Palavra de Mulher".



Fonte: Arquivo Nacional

O Ciclo de Estudos Brasileiros, organizado por alunos do INESP, foi um evento dedicado às discussões políticas do momento e também aconteceu no espaço do convento dos franciscanos. O entrevistado Rui Campos Tavares, que na época era estudante e auxiliou na organização do evento, menciona a importância dele no sentido de trazer para o debate figuras políticas de destaque:

Trouxemos grandes figuras. Florestan Fernandes, José Genoíno. Ah, muita figura. Eu sou ateu, mas esse ateísmo meu nunca me impediu, em momento algum, de eu ter uma visão e praticidade de união, nem que seja momentânea, mas isso não me impedia. Muito importante, eu acho que aquela atuação do Frei Leonardo ajudava muito, coleta de alimentos, de apoio a movimento de greve, setores da igreja, não é. Não toda igreja, porque a igreja aqui em Divinópolis é bem conservadora. Eu era um cara alienado, Zé. Um cara alienado, sem nenhuma perspectiva assim, de ver a sociedade mudando, aquilo mesmo e tudo. A sociedade está aí, então vamos cumprir o nosso dia-a-dia e tchau e benção. Então foi só o engajamento estudantil, o

engajamento político e partidário é que foi abrindo a cabeça⁹¹.

A memória afetiva construída pela figura de frei Leonardo fica nítida na maioria dos relatos. Para Rui Tavares, nem mesmo o fato de ser ateu o impede de compreender e admirar a importância da atuação do frei naqueles tempos. É importante mencionar que, em nossa concepção, a Igreja em Divinópolis representou um ambiente de resistência. Como mencionamos, não a instituição de forma homogênea, mas parte de seus representantes, fato que marca as ambiguidades existentes em todo o país. As fontes demonstraram que apesar das divergências ideológicas no meio católico, o espaço do convento funcionou como “abrigo” para muitas atividades que tinham como fundo discussões políticas sobre a sociedade e os problemas da época.

Abaixo, podemos observar outro trecho em que Frei Leonardo constrói uma imagem de si como membro da resistência, e logo após volta atrás. Para ele, apesar de ter contribuído através de suas ações, havia pessoas que se envolviam muito mais diretamente nessas questões.

Eu acho que a minha presença também representou uma certa resistência na cidade, mas acho que é uma coisa mais ampla. O que a gente estava sempre pregando, tentando vivenciar, ensinando, é que a pessoa humana tem que ser respeitada. Defendendo a liberdade, inclusive religiosa. Eu acho que eu também colaborei um pouquinho junto com os colegas, junto com os professores, para a gente sair dessa situação. De qualquer jeito eu acho que eu não incomodava muito, porque eu nunca fui preso, eu nunca fui torturado, como outras pessoas que às vezes enfrentaram mais diretamente e que estavam mais, digamos, capitaneando a resistência⁹².

O discurso do frei aponta também para o fato de não ter sido preso, torturado e de ter sofrido repressão, como outros militantes, para dizer que estes, sim, “capitaneavam” a resistência. Essa é uma das muitas memórias construídas acerca do regime militar. Para o historiador Marcos Napolitano, a esquerda, derrotada na política e nas armas é, muitas vezes vista como símbolo de resistência e heroísmo contra o autoritarismo.⁹³

Para finalizarmos esse tópico, é necessário fazer uma reflexão acerca do papel representado pelos franciscanos nesse período. Podemos dizer que o caráter da atuação apresentou ambivalências, pois ainda que parte tenha se posicionado na esfera da resistência, da abertura dos espaços religiosos e da contribuição com as discussões políticas, outra parte

⁹¹Entrevista realizada pela autora, com frei Leonardo Lucas Pereira, em Divinópolis, no dia 05 de fevereiro de 2021.

⁹²Entrevista realizada pela autora, com frei Leonardo Lucas Pereira, em Divinópolis, no dia 05 de fevereiro de 2021.

⁹³Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, v. 8, n. 15 esp., p. 09-44, nov. 2015.

se firmou no campo do apoio ao regime militar. Assim como o regime apresentou ambivalências no contexto nacional, no interior esse aspecto também pôde ser observado.

Apesar de não terem sido presos, torturados ou sofrido repressão, consideramos a resistência franciscana importante, ainda que situada no campo do cotidiano. Para Michel de Certeau, o “cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”⁹⁴. As aulas ministradas nas universidades, folhetos distribuídos nas missas e espaços abertos para realização de eventos e assembleias de greves demonstram que, em suas práticas cotidianas, frei Leonardo e os demais franciscanos buscavam transformar e conscientizar as pessoas ao seu redor, e participavam assim, de alguma forma, da resistência à ditadura militar.

CAPÍTULO 2: SEMANA DE ARTE, TEATRO E CENSURA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RESISTÊNCIA EM DIVINÓPOLIS

“A arte é inseparável da vida diária, assim como a alma eterna é inseparável do corpo efêmero, que, às vezes, apenas através da arte, se transcende, se imortaliza. Mais alma no corpo quer dizer mais arte na cidade. E Divinópolis a tempo está compreendendo esta verdade”.⁹⁵

1.1 – O campo cultural divinopolitano e a ação dos franciscanos

Ao longo da ditadura levantaram-se muitas vozes de resistência em Divinópolis. Cidadãos e cidadãs que, mesmo num cenário marcado pela repressão, assumiram posicionamentos contrários ao regime. Cabe ressaltar que os diversos grupos de esquerda e luta armada representaram formas expressivas de resistência nesse período, no entanto, para além deles, um dos eixos mais marcantes de contestação concentrou-se no âmbito das artes e da cultura.⁹⁶ Dessa maneira, abordaremos as múltiplas atividades culturais que se manifestaram durante o regime, bem como a importância delas enquanto resistência e também como forma de conscientização política.

Além do expressivo crescimento econômico e populacional, Divinópolis, durante os

⁹⁴ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁹⁵ JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 1º de junho de 1970.

⁹⁶ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014.

anos de ditadura, também foi palco de manifestações culturais plurais que possuíam viés de contestação política e que tiveram uma memória coletiva construída em torno da ideia de resistência. Por meio dos relatos e documentos analisados, foi possível mapear algumas dessas práticas. Discutiremos as principais, analisando seus distintos aspectos, bem como a importância que assumiram.

Antes de iniciarmos as discussões sobre a cultura brasileira pós-1964, é importante assinalar brevemente o cenário cultural do período anterior. Os anos que antecederam o golpe foram marcados pelo crescimento de um sentimento nacionalista, que tinha como principais características o desenvolvimentismo, visando o fortalecimento do país.⁹⁷ Contudo, esse espírito nacionalista não era homogêneo, pois atingia tanto setores da direita como da esquerda. O historiador Marcelo Ridenti afirma que nos momentos que precederam o golpe havia uma busca por parte de alguns grupos, como estudantes, intelectuais, e artistas, de realizar uma grande aproximação com o povo, suas necessidades e sua cultura.

Tornar o Brasil mais alfabetizado e com mais direitos para os trabalhadores, eram algumas das utopias do momento, a que o historiador Marcelo Ridenti denominou de “romantismo”⁹⁸. O autor complementa suas discussões por meio do conceito de “romantismo revolucionário”, referindo-se a ideia muito comum naquele momento, que pregava a necessidade de se recuperar as raízes autenticamente brasileiras e não contaminadas pela modernidade.⁹⁹ Havia uma idealização do homem camponês, como portador das raízes nacionais. Além disso, acreditava-se ser necessária a realização de uma revolução brasileira, nacional e democrática, que tirasse o Brasil do subdesenvolvimento¹⁰⁰.

De acordo com Marcelo Ridenti, esse cenário foi muito rico para o campo cultural. O autor destaca que houve um florescimento cultural muito diverso desde o final da década de 1950, acompanhando também os movimentos de massas.¹⁰¹ Dentre as múltiplas manifestações culturais manifestas no final dos anos 1950 e início de 1960, o autor cita o Cinema Novo, o Teatro de Arena e Oficina, a Bossa Nova, os Centro Populares de Cultura (CPCs) ligados à UNE, o Movimento Popular de Cultura em Pernambuco (MPC), a poesia concreta, entre outras, iniciativas, que levavam tanto a arte, a cultura e a conscientização ao

⁹⁷RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da tv*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

⁹⁸RIDENTI. *Op. cit.*, 2014, p. 9.

⁹⁹RIDENTI. *Op. cit.*, 2014.

¹⁰⁰RIDENTI. *Op. cit.*, 2014, p. 29.

¹⁰¹RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 75.

povo.¹⁰²

No entanto, com o golpe de 1964 e suas subseqüentes implicações, a área da cultura foi uma das mais afetadas. A população, de forma geral, não resistiu ao levante. Isso porque, ao contrário do que era disseminado pelas direitas, não havia por parte da esquerda um movimento unificado, pronto para iniciar uma revolução.¹⁰³ Todavia, o golpe não interrompeu totalmente as manifestações culturais que estavam em curso, tanto que, de 1964 a 1968, o país presenciou um florescimento expressivo de movimentos culturais de resistência e, apesar da força que a ditadura possuía para proibir essas atividades, elas continuaram acontecendo, fosse de forma aberta ou de maneira clandestina.¹⁰⁴

De acordo com Marcos Napolitano, a questão cultural representou o calcanhar de Aquiles da ditadura¹⁰⁵, mas foi marcada por algumas ambigüidades. Apesar de ter criado algumas políticas neste campo, o regime reprimiu e censurou muitas atividades culturais ao longo dos anos da ditadura. É incontestável o fato de que o controle, a repressão e a censura recrudesceram a partir de 1968, mas embora pareça que durante os primeiros anos do regime o autoritarismo com relação às atividades culturais tenha sido menor, ele ocorreu. A título de exemplo, podemos citar os movimentos culturais de esquerda, que foram colocados na ilegalidade, como os Centros Populares de Cultura da UNE.¹⁰⁶

A aparente liberdade que as manifestações culturais obtiveram nos primeiros anos do regime, causava a impressão de que a esquerda, vencida no campo político institucional em 1964, estava sendo triunfante no campo cultural.¹⁰⁷ Esse fato contribuiu para que alguns mitos fossem sustentados ao longo do tempo, como, por exemplo, o da “ditabranda”, que consistiu na defesa da tese de que entre 1964 e 1968, ou seja, antes da promulgação do AI-5, a ditadura não exerceu seu autoritarismo de maneira convicta.¹⁰⁸ Os apoiadores dessa ideia argumentavam que, nos quatro primeiros anos da ditadura, ainda existia recursos como *habeas corpus*, certa liberdade de imprensa e de manifestação. No entanto, uma das principais questões colocadas pelos defensores da “ditabranda” constitui no fato de que foi nesse período que as artes de esquerda atingiram seu ápice.¹⁰⁹

¹⁰²RIDENTI. *Op. cit.*, 1993, p. 75.

¹⁰³ RIDENTI. *Op. cit.*, 2014.

¹⁰⁴ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 98.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 103.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 69.

¹⁰⁹ Idem.

A suposta liberdade de expressão que existiu nesses primeiros anos, pode ser explicada como uma forma de estratégia, visto que o regime precisava se legitimar, e, por isso, não poderia se distanciar das classes médias. Vale lembrar que a maior parte dos intelectuais que compunham o cenário artístico naquele momento integravam esta classe, que era uma importante base social do governo.¹¹⁰ O mito da “ditabranda”, assim como muitos outros que dizem respeito ao período ditatorial, ainda permeia a sociedade brasileira, conquistando simpatizantes nos dias de hoje.

Em diversas partes do país as atividades culturais, durante o período de ditadura, tiveram grande participação de estudantes secundaristas e universitários. De acordo com Marcos Napolitano, a ditadura não dispunha de intelectuais humanistas afinados com a vida cultural mais dinâmica do momento, por isso, em grande medida, ela era protagonizada por jovens universitários, por intelectuais comunistas e liberais-radicais¹¹¹. Muitas intervenções culturais e artísticas aconteciam nas universidades.

De maneira geral, este era o cenário cultural do país durante parte do regime. Em Divinópolis, no período que antecedeu o golpe de 1964 já havia a organização de uma vida cultural, que, de acordo com Batistina Maria de Sousa Corgozinho, foi marcada pela presença dos franciscanos holandeses.¹¹² Como discutimos, além de valores religiosos, os franciscanos procuraram também estimular o desenvolvimento social e cultural da população divinopolitana, “mesclando os ensinamentos e valores religiosos através de atividades de cunho educativo”¹¹³.

Ainda segundo Batistina Corgozinho, desde meados do século XX o convento dos franciscanos foi um importante centro de difusão de atividades culturais, educativas e políticas. “Isso se evidencia através da instalação do Cine Santo Antônio e de atividades artísticas como a formação de grupos de teatro e corais, despertando em muitos o gosto pela música”¹¹⁴. O cenário cultural em Divinópolis nesse período era demarcado, em grande medida, pela atuação dos franciscanos. Quanto à diversidade das atividades culturais, nota-se que elas eram protagonizadas em grande medida pela atuação religiosa.

“Em Divinópolis teve vários movimentos nesse sentido e sempre acompanhado da

¹¹⁰ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 98.

¹¹¹ Idem.

¹¹² CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. A inserção religiosa, social e cultural dos franciscanos em Divinópolis. In: CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PEREIRA, Leonardo Lucas. *Escritos Bernardinianos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2011, p. 8.

¹¹³ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 9.

¹¹⁴ CORGOZINHO. *Op. cit.*, 2011, p. 12.

cultura, porque a cultura é que mexe com a gente, a cultura move o mundo, a cultura e a ciência movem o mundo”¹¹⁵. Este trecho foi extraído de uma das entrevistas realizadas com Aristides Salgado dos Santos. Além do histórico de participação nos movimentos de resistência, que culminou em suas prisões, Aristides também presenciou momentos importantes da história de Divinópolis, fosse como arquiteto, ou, posteriormente, como prefeito. Na entrevista, quando o questionamos sobre a existência de movimentos de resistência em Divinópolis, ele prontamente se referiu à fertilidade das atividades culturais e estudantis.

O período inicial do regime foi marcado pelo aparecimento de muitas atividades culturais que possuíam caráter de resistência. Nesse momento, as ações culturais foram aparentemente menos reprimidas, todavia, conforme aponta Marcos Napolitano, essa era uma maneira ilusória de se afirmar que as esquerdas, derrotadas em 1964, estavam sendo vitoriosas na esfera artística e cultural.¹¹⁶ Ressaltamos, entretanto, que é um equívoco pensar que não houve repressão nesses anos iniciais.

Em Divinópolis, muitas atividades culturais foram realizadas nos primeiros anos de ditadura, praticamente uma continuidade daquelas que já aconteciam no período anterior. Ao analisarmos os jornais, principalmente o “*A Semana*”, foi possível observar que eram realizados eventos como concursos musicais, exposições de filmes e de obras de arte. Muitas dessas atividades aconteciam no Salão Paroquial, espaço criado pelos franciscanos, fato que demonstra o quanto as ações culturais dependiam e estavam entrelaçadas com a vida religiosa.

Nesse trecho, publicado no *Jornal A Semana*, em 1965, nota-se o estímulo às atividades artísticas, com um destaque especial para a esfera musical.

O Brasil passa por uma fase de novas tendências. Nota-se que o nosso desenvolvimento, as novas ideias, surgem de jovens... O Brasil se liberta pouco a pouco na arte, música, cinema e também, embora mais vagarosamente, no plano econômico. O principal é que se aproveitem as imaginações musicais, sejam sociais ou não. Ouçamos a música. Música boa, pura. Não importa se ela esteja no português correto ou não, o que importa é conservar e aumentar a nossa música, mas...- **dentro da legalidade!!!**¹¹⁷

Por meio do fragmento podemos observar algumas questões importantes. A primeira delas, é que, mesmo se localizando no interior, num momento em que os meios de comunicação ainda não eram muito disseminados, parte da população possuía conhecimento

¹¹⁵ Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, no dia 04 de fevereiro de 2020.

¹¹⁶ NAPOLITANO. *Op.cit.*, 2014.

¹¹⁷ *Jornal A Semana*. Divinópolis, outubro de 1965.

do que estava acontecendo nos grandes centros do país. Havia um estímulo voltado para o meio artístico e cultural em Divinópolis, mas o final do trecho também aponta para uma questão importante. Heraldo Alvim recomendava que tudo fosse feito “dentro da legalidade”. Essa frase é emblemática no sentido de desvelar o imaginário coletivo brasileiro naquele momento. As atividades culturais tiveram continuidade, mas deveriam se enquadrar nos parâmetros da legalidade. Ou seja, as manifestações eram “livres” desde que não contestassem a ordem vigente imposta pelo arbitrário cultural do regime, o que revela a existência da repressão e um ordenamento externo da imprensa, que endossava o ideário autoritário desde o início do regime.

Não há como abordar o contexto cultural de Divinópolis sem mencionar a construção da Praça Benedito Valadares, palco de diversos eventos culturais que aconteceram e ainda acontecem na cidade. Inaugurado no final do ano de 1968, o local, localizado ao lado do Santuário de Santo Antônio, também é popularmente conhecido pelo nome de Praça do Santuário. O projeto que visava a criação do espaço foi iniciado durante o mandato do prefeito Fábio Botelho Notini, que convidou Aristides Salgado para ser o arquiteto responsável pela obra. Os documentos e relatos analisados apontam que, desde o princípio, a praça foi projetada para ser um centro artístico e cultural, onde o povo pudesse ter acesso a uma pluralidade de atividades. De acordo com Aristides Salgado:

Quando o Fábio Botelho Notini chamou pra fazer o projeto da praça, nós fizemos um centro cultural. A praça foi criada, o doutor Simão mesmo deu um nome a ela: Centro Cultural do Povo, quer dizer, onde o povo podia ter acesso a cultura, uma cultura que trazia liberdade, que trazia democracia, que trazia responsabilidade para os jovens, para que eles pudessem ter realmente um futuro pela frente, um futuro de liberdade, um futuro de democracia como nós queremos até hoje.¹¹⁸

Apesar de ter sua construção iniciada durante o governo de Fábio Botelho Notini, a praça foi finalizada quando a cidade era administrada pelo prefeito Walchir Rezende. Este último, ao falar sobre a importância da Praça, ressaltou que foi criada para ser um lugar onde o povo pudesse não apenas passar, mas também ficar e atuar:

Quando o arquiteto Aristides Salgado criou a praça, fez dali não um lugar para ficar, mas sim para atuar também. Na qualidade de Centro Cultural do Povo, o importante é que o povo, ali comparecendo, esteja adquirindo cultura também. Ficar só é voz passiva; atuar é voz ativa. Já temos a música durante as horas de afluência: pode até haver seleção de boa música, para aprimorar o gosto do povo.¹¹⁹

¹¹⁸Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis.

¹¹⁹ Bate papo com o prefeito sobre a praça. Publicado no Jornal A Semana, em 09 de março de 1969.

Segundo Aristides Salgado, durante a ditadura muitas músicas de protesto foram apresentadas na praça, que, além do Centro de Artes, possui também uma plataforma acústica: “tem também a plataforma acústica onde pode ter música, músicas inclusive, muitas músicas de protesto que tinham na época, protesto contra o estado de direito, o estado de ditadura”¹²⁰. Podemos fazer algumas considerações acerca da memória relacionada à praça, mencionando o caráter individual e coletivo da interpretação do passado. A memória pode operar como uma forma de reforçar sentimentos de pertencimento “e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc”¹²¹.

Além disso, segundo Michael Pollack, a memória também é fortemente construída em torno de objetos materiais, como monumentos, museus, bibliotecas e outros.¹²² No caso em questão, Aristides Salgado relata suas memórias individuais com grande carga de afetividade com o lugar, o que deve ser atribuído também ao fato de que ele esteve envolvido no processo de planejamento e construção. Pode ser também que a memória esteja enquadrada aos interesses do presente, em razão do enaltecimento de realizações do passado.

De fato, a Praça do Santuário ainda hoje representa um forte símbolo cultural na cidade. A construção do Centro de Artes, que fica localizado no meio da praça, demonstra a importância representada pelo setor artístico naquele momento, considerando-se que a praça foi inaugurada em 1968, ou seja, num momento de acirramento do autoritarismo. Mesmo considerando o caráter afetivo das memórias relacionadas a esse lugar, ressaltamos principalmente a importância dele para a dinâmica cultural da cidade, como local de lazer, mas também de conscientização da população.

2.2 – SAD: A Semana de Arte de Divinópolis

O trecho com o qual iniciamos o presente capítulo faz parte de uma publicação do Jornal *A Semana*, do ano de 1970, em que era divulgada a realização de mais uma Semana de Arte, evento que movimentou a cidade de Divinópolis no final da década de 1960 e durante os anos 1970. As fontes analisadas revelaram que, mesmo situada no interior de Minas Gerais, Divinópolis não se distanciou por completo do que acontecia nas principais cidades do país,

¹²⁰ Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis.

¹²¹POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 9.

¹²²POLLACK. *Op. cit.*, 1989, p. 10.

especialmente no que tange à esfera cultural. O município dispunha de uma vida cultural agitada naquele momento, protagonizada principalmente por estudantes e membros da União Estudantil Divinopolitana (UED), conforme veremos em alguns depoimentos.

Não há como falar sobre cultura durante esse período, sem mencionar os atores que, de certa maneira, foram protagonistas dela: os estudantes. A historiadora Angélica Müller, ressalta que o movimento estudantil representou uma das maiores forças de oposição à ditadura. A autora coloca que, diferentemente do que geralmente se pressupõe, essa forte influência não cessou após 1968, quando grandes manifestações estudantis ocorreram em diversos locais do país. O movimento estudantil esteve organizado de diversas maneiras durante todo o período que compreende a ditadura, sendo visível, especialmente, por meio da resistência cultural.¹²³

Abordaremos brevemente as manifestações culturais que emergiram no município entre 1964 e 1985, em que podemos destacar concursos musicais, exposições de filmes e apresentações teatrais. O campo cultural em Divinópolis se manteve agitado principalmente por meio dos estudantes e da União Estudantil Divinopolitana (UED). O escritor Osvaldo André de Mello e o advogado Cláudio Salomé eram jovens estudantes durante o período abordado, e nessa condição, participaram diretamente da criação e organização da primeira Semana de Arte do município. Durante as entrevistas, ambos apresentaram suas memórias acerca da idealização e concretização do evento. Cláudio Salomé apontou que em 1964, quando ocorreu o golpe, não estava em Divinópolis, pois estudava na cidade de São João del Rei. Porém, nos primeiros anos de ditadura retornou para Divinópolis, devido a problemas de ordem financeira e familiar.

Devido ao caráter flexível e construtivo da memória, o entrevistado não se recorda se voltou para a cidade em 1967 ou 1968, mas afirma que, quando chegou, foi estudar na escola “Estadual”, com o objetivo de concluir o “segundo grau”. Cláudio Salomé afirmou que, quando iniciou os estudos nesse colégio, passou a ter mais contato com movimentos estudantis que já eram atuantes na cidade. Juntamente com outros colegas, formou uma chapa para candidatar-se à presidência da União Estudantil Divinopolitana (UED), que acabou saindo vitoriosa da eleição. Segundo ele, este grupo passou a idealizar e organizar diversas atividades na cidade, através de ações que permeavam principalmente o meio cultural. Exemplo disso foi a realização da Primeira Semana de Arte de Divinópolis, em agosto de 1969.

¹²³MÜLLER, Angélica. O movimento estudantil na resistência à ditadura militar. Rio de Janeiro: Garamond, 2016, p. 63.

A Semana de Arte de Divinópolis, também conhecida como SAD, foi um evento criado, organizado e executado por diversos estudantes que integravam a União Estudantil de Divinópolis. A primeira edição da Semana aconteceu no ano de 1969, e devido ao grande sucesso que alcançou, o evento teve outras edições no decorrer da década de 1970. A Semana de Arte, conforme apontam os documentos, possivelmente representou uma das maiores manifestações artísticas em Divinópolis durante o período da ditadura, pois além de envolver múltiplas práticas artísticas, atraía grande parte da população divinopolitana e da região. Sobre a organização da primeira edição do evento, Cláudio Salomé afirma que:

A primeira semana de arte de Divinópolis foi organizada principalmente por pessoas com contatos diversos do mundo artístico. O festival teve a presença de nomes importantes. Foi um marco que mudou a atuação da União Estudantil em face do movimento da cidade na época. A União Estudantil, através da semana de arte, teve relevância a nível nacional, noticiado pela imprensa do Rio de São Paulo e até do Nordeste, que colocou em destaque tanto Divinópolis quanto também a União Estudantil¹²⁴.

Pesquisamos alguns jornais de outros estados, no entanto, não encontramos referências à realização do evento, apenas nos jornais de Divinópolis. Oswaldo André de Mello também confere aos estudantes a responsabilidade pela criação e planejamento dessa Primeira Semana de Arte. Naquele período, na condição de estudante, envolveu-se profundamente com os movimentos organizados pela juventude local. Isso no mesmo momento em que Aristides Salgado, Simão Salomé, Carlos Schirmer, José Antônio Pinheiro sofriam com a repressão, através de prisões e sessões de tortura. De acordo com Oswaldo André, a ideia de organizar o evento artístico surgiu para fazer frente a um monopólio artístico-cultural dos grandes centros urbanos, em que as atividades culturais ficavam muito concentradas nas grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte¹²⁵.

A produção cultural, também as manifestações do folclore, ficaram um pouco assim, soltas. A ação em relação a arte, teatro, e artes plásticas, a arte em geral, elas se localizavam mais em Rio, São Paulo, Belo Horizonte, nas capitais. Então o interior de Minas ficou meio que solto. Então os estudantes, a UED, foi uma instituição que não foi fechada¹²⁶.

Como já comentamos, a ditadura realizou o fechamento de diversas instituições que atuavam no campo cultural, como o Centro Popular de Cultura da UNE. Todavia, embora a repressão sobre essas organizações fosse muito forte, a União Estudantil em Divinópolis,

¹²⁴ Entrevista realizada com Cláudio Salomé, em Divinópolis.

¹²⁵ Entrevista realizada com Oswaldo André de Mello, em 12 de março de 2020, em Divinópolis.

¹²⁶ Entrevista realizada com Oswaldo André de Mello, em 12 de março de 2020, em Divinópolis.

segundo Oswaldo André, não foi proibida e nem sofreu repressão. Observando essa ausência de atividades culturais no interior, os estudantes divinopolitanos idealizaram a criação do evento, começando pela formação de uma comissão organizadora, da qual Oswaldo também fez parte. Então, “através da União Estudantil de Divinópolis (UED), iniciaram a organização das semanas de arte de Divinópolis, as SAD. Nessas semanas de arte havia exposições, palestras, debates, ou seja, havia uma programação cultural diversificada e intensa. Artistas e escritores de todo o país apoiavam essa semana de artes”¹²⁷.

É necessário compreender, como já mencionamos, que a memória não é um fenômeno estático ou imutável. E por estar em permanente reconstrução, sofre também a interferência das emoções. Pode ser carregada de sentimentos, como o de identidade, visto que ela é construída individual e também coletivamente.¹²⁸ Por meio das falas dos entrevistados, podemos observar um forte sentimento de pertencimento, de identificação coletiva, fato que Maurice Halbwachs considera positivo, pois, segundo ele, a memória comum reforça a coesão social através da adesão afetiva a um grupo, fenômeno que o autor denomina como “comunidade afetiva”.¹²⁹ Pudemos notar que existe uma memória coletiva e afetiva nesses sujeitos, relacionada ao fato de terem participado do grupo de estudantes que organizou a primeira Semana de Arte.

De acordo com publicação veiculada no Jornal *A Semana*, a comissão organizadora completa era composta por: Heraldo Melo Alvim, Oswaldo André de Mello, Antônio Greco Rodrigues, José Lúcio Alves, Hércules Veloso Cordeiro, Pedro Ernesto e Waldyr Caetano.¹³⁰ As publicações dos jornais da cidade demonstram que a Semana de Arte, principalmente em sua primeira edição, de fato alcançou muito sucesso. O evento ocorreu pela primeira vez entre os dias 9 e 17 de agosto de 1969. No mês de julho, o jornal *A Semana* já anunciava sua realização:

A União Estudantil Divinopolitana e o Divinópolis Clube, promovem em agosto a PRIMEIRA SEMANA DE ARTE DE DIVINÓPOLIS, incluindo os ramos de música, literatura e poesia, teatro, cinema, pintura e escultura. O referido certame terá a colaboração da Prefeitura Municipal (que já se dispôs a contribuir financeiramente para os prêmios em dinheiro)¹³¹.

Nesse ponto, é importante uma reflexão acerca de algumas questões ambíguas. Por

¹²⁷Entrevista realizada com Oswaldo André de Mello, em 12 de março de 2020, em Divinópolis.

¹²⁸ POLLACK. *Op. Cit.*, 1992.

¹²⁹POLLACK Michael. *Op. cit.*, 1989, p. 3.

¹³⁰ JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 20 de julho de 1969.

¹³¹JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 6 de julho de 1969.

que o mesmo jornal que apoiava o golpe e a Marcha da Família também colaborava com a Semana de Arte? Podemos levantar algumas hipóteses para responder essa questão. Em primeiro lugar, destacamos que o regime militar foi marcado por contradições que atingiram diversos campos. Isso ocorreu porque os grupos que compuseram as alianças golpistas eram diversos, e não possuíam uma perspectiva definida para o futuro.¹³² Destacamos também as ambiguidades no campo cultural mencionadas por Marcos Napolitano, que se referem ao fato de que o governo, ao mesmo tempo em lançou mão de mecanismos repressivos, também criou algumas políticas que beneficiaram o campo cultural durante a ditadura.¹³³

Além disso, há outra questão a ser observada, que se refere ao que já discutimos anteriormente nesse trabalho. O jornal *A Semana* era comandado por franciscanos, porém mesmo dentro desse grupo havia diversidade de opiniões e pensamentos. Havia franciscanos de diversas tendências, aqueles com fortes posicionamentos conservadores, e outros nem tanto, por isso, muitas vezes Divinópolis vivenciou lutas ideológicas no meio religioso.¹³⁴ Uma das hipóteses, portanto, para que o mesmo jornal que trazia palavras de apoio à Marcha também apoiasse a Semana de Arte, reside no fato da heterogeneidade dos sujeitos que o compunham. Ainda que fizessem parte de um mesmo grupo religioso, os franciscanos possuíam posicionamentos distintos.

No dia 13 de julho de 1969, o jornal voltou a divulgar a Semana de Arte, desta vez com a finalidade de publicar as regulamentações para inscrições nas modalidades de artes plásticas e música. Segundo foi veiculado no impresso, para participar na categoria artes plásticas, cada concorrente poderia enviar até três trabalhos, entre pinturas, desenhos, esculturas ou gravuras. O edital ainda apontava que poderiam concorrer apenas trabalhos “inéditos do Estado de Minas Gerais”¹³⁵.

De acordo com o mesmo edital, as premiações seriam distribuídas da seguinte maneira: troféu “**Salão Semana de Arte de Divinópolis**” e uma quantia de NCr\$ 300,00 para a melhor obra exposta. Também seriam premiados os primeiros lugares nas categorias de

¹³²MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Zahar: Rio de Janeiro, 2014, p. 48-65.

¹³³NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 98.

¹³⁴PEREIRA, Frei Leonardo Lucas; DUARTE, Erivelto Diniz; OLIVEIRA, Anderson Cardoso de. Sinos e Sirenes se beijaram: ideologias de franciscanos em Divinópolis nos jornais Santuário de Santo Antônio, Sino e A Semana (1924-1984). In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Batistina Maria Sousa de (orgs.). *Divinópolis História e Memória: História e Religião (Volume 1)*. Belo Horizonte: Crisálida, 2015.

¹³⁵JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 13 de julho de 1969.

desenho, pintura e escultura, no valor de NCr\$ 150,00 para cada artista. Por fim, apresentava-se a comissão julgadora para os trabalhos de artes plásticas: Irene Amaral (Divinópolis), Márcio Almeida (Oliveira), Aristides Salgado¹³⁶ (Divinópolis), Marlene Rocha (Divinópolis) e Maristela Tristão (Belo Horizonte).¹³⁷

Com relação à categoria musical, o edital considerava que cada artista poderia submeter até três músicas inéditas, que seriam tocadas preliminarmente no Divinópolis Clube. Cada participante também poderia inscrever até 3 poesias ou poemas-processo, sendo as respectivas premiações definidas da seguinte maneira: ao primeiro lugar o Prêmio Cidade de Divinópolis, no valor de NCr\$ 300,00; ao segundo lugar o Prêmio Henriqueta Lisboa e o valor de NCr\$ 200,00; e ao terceiro lugar o Prêmio Bueno do Rivera, no valor de NCr\$100,00. Com relação aos poemas-processo, seria concedido o Prêmio Sousândrade, além de outras menções honrosas.¹³⁸

De fato, a Semana de Arte foi um evento que agitou Divinópolis em várias instâncias da cultura. Ainda em julho de 1969, o jornal *A Semana* trazia a informação de que a Imprensa Oficial do Estado havia confeccionado 2000 cartazes, cobrando apenas o papel. De acordo com o jornal, o material de divulgação apresentava a Vênus de Millus, o Centro Cultural do Povo, e uma escultura de Geraldo Teles de Oliveira, um dos mais conhecidos artistas da cidade.¹³⁹ Procuramos em acervos pessoais e no arquivo público da cidade, mas não conseguimos encontrar exemplares desse material de divulgação.

Após meses de organização, inscrições e divulgação, a realização da Primeira Semana de Arte de Divinópolis foi concretizada entre os dias 09 e 17 de agosto de 1969. A programação do evento foi muito diversa, composta por exposições, palestras, debates, apresentações teatrais, musicais, além de lançamento de livros. Osvaldo André, além de participar da organização das atividades, também teve sua primeira obra, *A Palavra Inicial*, lançada durante o evento:

O meu primeiro livro, “*Palavra Inicial*”, foi lançado na primeira semana de arte. Recebemos aqui o jornal do escritor, porque não havia órgãos de imprensa dedicados a literatura, que apoiavam. Recebemos dois jornais do Rio que vieram fazer a cobertura da semana de arte, e recebemos também muitos escritores. Afonso Ávila, Laís Correa de Araújo, Bueno de Rivera, que fez a apresentação do meu

¹³⁶A participação de Aristides Salgado nesta comissão julgadora aponta que, mesmo não sendo membro da comissão organizadora, ele também esteve presente nas atividades culturais de Divinópolis, as quais considera um dos principais movimentos que se manifestaram no município.

¹³⁷JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 13 de julho de 1969.

¹³⁸ JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 20 de julho de 1969.

¹³⁹ JORNAL A SEMANA. Divinópolis, 29 de julho de 1969.

livro, um grande escritor da geração de 45.¹⁴⁰

Além do lançamento de seu livro, Osvaldo André também relembra uma performance realizada pelo artista Hércules Veloso Cordeiro, mais conhecido como Hevecus. Ele era um pintor divinopolitano, autodidata, que também sempre esteve inserido na cena cultural. Devido à dependência alcoólica, Hevecus vivia perambulando pelas ruas de Divinópolis, vendendo suas obras, até mesmo trocando-as por bebidas ou cigarro.¹⁴¹ Apesar de ser um pintor, além de fazer uma exposição de quadros, Hevecus também realizou uma performance, como forma de protesto:

Na primeira semana de arte, Hevecus, fez uma performance. Ele fez uma exposição de obras, de quadros, tela, o suporte que ele sempre usava, e com moldura na parede. Mas ele fez também uma performance, porque ele foi um artista de vanguarda, ele se enterrou numa areia, só a cabeça de fora, e isso aí era uma metáfora, o corpo enterrado, a autocensura, a rigidez, né, mas a cabeça, a consciência do artista, estava viva, estava ativa.¹⁴²

Não encontramos nos jornais notícias específicas sobre essa apresentação, isso porque o próprio contexto da censura não permitia que notícias sobre protestos fossem divulgadas livremente. De acordo com Osvaldo André, os artistas da cidade ficaram sabendo poucos dias antes da Semana de Arte, de episódios de artistas censurados em outras localidades do país. Essa teria sido a motivação para que Hevecus realizasse tal performance, como forma de “denúncia” e crítica à censura que estava ocorrendo. Sobre o evento, vale ressaltar ainda outro aspecto, o fato dele ser realizado poucos meses após a promulgação do Ato Institucional número 5 (AI-5), que havia sido instaurado em dezembro de 1968, e que impôs maior perseguição ao campo da cultura.

Após esse ato, muitos artistas partiram para o exílio, em razão da proibição de se manifestarem livremente por meio das artes. Além disso, muitas outras pessoas do campo cultural foram presas e torturadas, pois “qualquer crítica ao regime era tomada, após 1968, como subversiva e comunista, logo, passível de punição”¹⁴³. No entanto, nas fontes que analisamos não encontramos casos específicos de repressão durante as semanas de arte. Havia

¹⁴⁰ Osvaldo André, entrevista realizada em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

¹⁴¹ Para mais informações sobre a vida e obra de Hevecus, ver trabalho: FERREIRA, Bianca Guimarães. *Hevecus e a sociedade divinopolitana: marcas na memória*. In: 7º Seminário História e Memória do Centro-Oeste Mineiro, 2018, Divinópolis. Anais de Trabalhos Completos do 7º Seminário História e Memória do Centro-Oeste Mineiro: Violências, 2018. v. 1.

¹⁴² Osvaldo André, entrevista realizada em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

¹⁴³ RIDENTI. *Op. cit.*, 1993, p. 74.

censura, mas prisões ou torturas aos artistas, não encontramos. Assim, a Semana de Arte de Divinópolis recebeu diversas edições no decorrer das décadas de 1970 e 1980.

É importante refletirmos sobre os motivos pelos quais a Semana de Arte não sofreu repressão, considerando que naquele momento eventos culturais eram alvos de censura e violência nos mais diversos lugares do país. A título de exemplo, podemos mencionar o fato ocorrido com a I Feira Paulista de Opinião, dirigida por Augusto Boal, em São Paulo, no ano de 1968. Esse evento tinha como objetivo a união de artistas de diversos meios, como teatro, música, poesia, cinema e outros, artistas esses que tinham como ideal comum a luta contra a ditadura.¹⁴⁴ Todavia, a peça apresentada por Boal foi previamente censurada pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas. Na verdade, não houve a proibição total, mas ocorreram muitos cortes, que impossibilitariam o entendimento do público.¹⁴⁵ Isso significa que em 1968 já existiam mecanismos de censura prévia estruturados.

Não obstante, os realizadores do evento paulistano resolveram mantê-lo da forma como foi pensado, fato que, segundo Miliandre Garcia, gerou os primeiros atos de desobediência civil no âmbito da resistência cultural.¹⁴⁶

Na solicitação de censura, já tinham assinalado que não pretendiam obedecer outro parecer, que não o de aprovação integral. Mas foram além, não só deixaram de acatar a decisão da censura conformando com a não realização do espetáculo, como decidiram apresentá-la à revelia das autoridades e, inclusive, questionando sua legitimidade constitucional nas instâncias competentes.¹⁴⁷

Ainda que tenham conseguido realizar o evento, os artistas que dele participaram do estiveram durante todo o tempo sob ameaças de violência. Com destaque para a granada que foi lançada dentro de um teatro, que por sorte não explodiu.¹⁴⁸ Assim como essa Feira, há notícias de inúmeros eventos culturais censurados em todo o país, muitas peças foram vetadas, artistas perseguidos e presos, alguns optando até mesmo pelo exílio.

Ainda pensando nos porquês da Semana de Arte não ter sido impedida ou reprimida, podemos trazer um outro exemplo das relações contraditórias estabelecidas durante a ditadura em relação às manifestações artístico-culturais. Trata-se do conhecido Festival de Inverno de Ouro Preto, inaugurado em 1967, que se tornou então um dos maiores eventos culturais do país, atraindo um grande contingente de turistas, principalmente jovens, para a cidade

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ GARCIA. *Op. cit.*, 2016, p. 362.

¹⁴⁶ GARCIA. *Op. cit.*, 2016, p. 364.

¹⁴⁷ GARCIA. *Op. cit.*, 2016, p. 395.

¹⁴⁸ GARCIA. *Op. cit.*, 2016, p. 365.

colonial.¹⁴⁹ Mesmo com a promulgação do AI- 5 e o recrudescimento da repressão, do autoritarismo e do cerceamento do debate político-cultural, o Festival continuou sendo um símbolo de “liberdade” e experimentação artística, envolvendo diversas práticas culturais, como, por exemplo, música erudita, artes plásticas, cinema, teatro e literatura.¹⁵⁰

A cidade mineira de Ouro Preto experimentou uma atmosfera de efervescência cultural, entre o final dos anos 1960 e o decorrer da década de 1970. Segundo o historiador Leon Kaminski, a ocorrência deste Festival revela algumas relações de ambiguidade estabelecidas entre ditadura e cultura naquele momento. Já em sua primeira edição, em 1967, o evento alcançou imenso sucesso, sendo destaque na imprensa e no meio político, fato que garantiu financiamento para os anos posteriores. A realização do evento contava com “apoio e verbas do Ministério da Educação e Cultura, do Conselho Nacional de Cultura e da Funarte”¹⁵¹.

Para Leon Kaminski, o caráter ambíguo reside no fato de que se tratava de um evento artístico com viés de resistência, mas que, apesar disso, possuía financiamento do regime ditatorial. De acordo com o autor, essa contradição pode ser explicada pela própria estrutura do regime, que possuía grupos com pautas em comum, como em relação ao anticomunismo, mas que também grupos que apresentavam ideias divergentes, distanciando-se das pautas moralizantes e mesmo repressivas. Em razão dessas contradições, apesar do aparente clima de liberdade, o Festival de Inverno de Ouro Preto também lidou em diversos momentos com a repressão, proibição de apresentações e prisão de artistas.¹⁵² Citamos esse exemplo para demonstrar que as ambiguidades na ação de grupos que estavam a serviço da ditadura eram recorrentes, e que talvez essa diversidade entre os grupos políticos, juntamente com o fato de ser um evento ocorrido no interior, como o próprio Festival de Ouro Preto, possam explicar a ausência de repressão aos artistas da Semana de Arte de Divinópolis.

Para Osvaldo André, a Semana de Arte “tinha um sentido político, de resistência. Tanto que, muito depois, as pessoas cobravam: tem que voltar a semana de arte, mas elas esvaziaram o sentido, a cidade mudou, a realidade mudou”¹⁵³. Aristides Salgado também considera que a Semana de Arte assumiu características de resistência, pois quando perguntamos a ele se existiu resistência em Divinópolis a resposta foi positiva, e o primeiro

¹⁴⁹KAMINSKI, Leon Frederico. *Teatro, liberdade e repressão nos festivais de inverno de Ouro Preto*. Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 32, n. 59, p. 327 mai/ago 2016.

¹⁵⁰KAMINSKI. *Op. cit.* 2016, p. 330.

¹⁵¹ KAMINSKI. *Op. cit.*, 2016, p. 345.

¹⁵²KAMINSKI. *Op. cit.*, 2016.

¹⁵³Osvaldo André de Mello, entrevista realizada no dia 12 de março de 2020.

ponto citado para justificar sua opinião foi a grande mobilização artística-cultural dos estudantes:

A cidade sempre foi de grande efervescência cultural e política. Aqui teve movimentos muito consagrados, como um movimento da UED, União Estudantil de Divinópolis, foi um dos movimentos mais bonitos que nós tivemos aqui. Eram varais de poesia, declamações de poesia, exposição de telas, de pintura, de desenhos, eram movimentos de cineclube, mas todos eles tinham um fundo político, cultural, social e cultural”¹⁵⁴.

Oswaldo André ainda ressalta que, naquela época, a população comparecia em peso aos eventos, “bastava você fazer, três cartazes, a mão, colocava um na porta do Divinópolis Clube, um na Primeiro de Junho, um na Rua Goiás, e o povo comparecia”¹⁵⁵. Observando as falas dos dois entrevistados, no que se refere às lembranças desse evento, podemos tecer alguns comentários acerca da memória de grupos, apoiando-nos nas formulações de Michael Pollack, que aponta, como um dos elementos construtivos da memória, os acontecimentos vividos pela coletividade e por grupos aos quais os indivíduos sentem pertencer.¹⁵⁶

Notamos, nos discursos dos entrevistados, uma forte expressão de pertencimento e afetividade aos grupos de resistência. Maurice Halbwachs, pioneiro nos estudos acerca da memória coletiva, também considera que a lembrança individual de um sujeito está relacionada aos grupos de referência em que ele esteve inserido, sendo a memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva.¹⁵⁷ Possivelmente seja devido a essas dimensões da memória que os entrevistados rememorem com tanta afetividade esse passado. Para eles, a memória individual está entrelaçada à memória coletiva, o que, evidentemente, provoca o superdimensionamento dos acontecimentos e a sensação de que toda a sociedade apoiava e participava dos movimentos.

A despeito da supervalorização do evento, provocada pelo processo de rememoração dos nossos entrevistados, consideramos que as semanas de arte foram importantes para dar visibilidade não só ao movimento estudantil, mas também à cidade de Divinópolis. Segundo Marcos Napolitano, o frentismo cultural foi a senha da luta contra a ditadura, especialmente entre os anos de 1964 e 1968¹⁵⁸, e essas atividades artísticas e culturais conduzidas pelos estudantes em Divinópolis iniciaram aproximadamente por volta desse período. Embora talvez não fosse o objetivo principal, tais atividades também tinham como pano de fundo a

¹⁵⁴ Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis.

¹⁵⁵ Oswaldo André de Mello, entrevista realizada no dia 12 de março de 2020.

¹⁵⁶POLLACK. *Op. cit.*, 1989, p. 3.

¹⁵⁷HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁵⁸ NAPOLITANO. *Op. cit.* 2014, p. 105.

finalidade de informar e conscientizar, levando a população a questionar o contexto político vivenciado naquele momento.

2.3- “Abre a janela e deixa entrar o sol e o ar puro da manhã”

O teatro ocupou lugar de destaque dentro da programação da Semana de Arte de Divinópolis, mas mesmo após o término da Semana, os espetáculos teatrais continuaram presentes na esfera cultural do município, consolidando-se também como uma prática de resistência. Durante a ditadura, em todo o país a ficção foi muito utilizada como forma de denúncia à restrição de liberdades.¹⁵⁹ “Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã”, escrita por Antônio Bivar em 1968, tornou-se uma das muitas peças apresentadas naquele momento em Divinópolis.¹⁶⁰

O escritor, ator e dramaturgo Antônio Bivar é considerado uma das principais figuras da contracultura brasileira.¹⁶¹ No fim da década de 1960 escreveu uma série de peças que apontavam novos rumos para o teatro brasileiro, entre elas, “Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã”, que lhe rendeu o prêmio Molière de melhor autor do ano. Esse prêmio existiu entre 1963 e 1994, e tinha como objetivo premiar os melhores das artes cênicas do Rio de Janeiro e São Paulo. As peças de Bivar foram apresentadas em diversos lugares do país, incluindo Divinópolis, e tinham como primazia a contestação política.¹⁶² No entanto, perseguido pela censura do regime militar, assim como muitos outros artistas, o dramaturgo partiu para o exílio na Inglaterra, em 1970.¹⁶³

A estreia de “Abre a janela e deixa entrar”, foi em São Paulo, em julho de 1968, chegando ao Rio de Janeiro em março de 1969.¹⁶⁴ O espetáculo contava com quatro personagens: duas prisioneiras (Heloneida e Geni), um carcereiro e uma carcereira. Ao contrário de outras peças de Antônio Bivar, que sofreram censura e repressão, essa peça foi apresentada sem sofrer nenhuma interdição. Possivelmente, isso ocorreu porque os fatos políticos foram inseridos de maneira implícita, sem associações imediatas com o sistema

¹⁵⁹ MELLO, Osvaldo André de. Bivar: Liberdade e estética. In: OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; KISIL, André; SUZUKI, Eico; ATHANÁZIO, Enéas; ALVES, Henrique; DUARTE, José Afrânio Moreira; PAULINI, Livia; SILVA, Luz. MOREIRA, Maria de Lourdes Utsch; KAWAI, Mitsuko; MELLO, Osvaldo André de; MARQUES, Salasar, PEREIRA, Uilcon. Salvo melhor juízo. São Paulo: Editora do escritor, 1994.

¹⁶⁰ O enredo completo da peça escrita por Antônio Bivar está disponível em:

<<https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.785/12.0.813.785.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2020

¹⁶¹ Para mais informações sobre a vida e obra de Antônio Bivar, acessar: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6959/antonio-bivar>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

¹⁶² MELLO. *Op. cit.*, 1994, p.84.

¹⁶³ <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6959/antonio-bivar>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

¹⁶⁴ <<https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.785/12.0.813.785.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2020.

opressor.¹⁶⁵

A peça foi escrita em dois atos, nos quais sonho e realidade se misturam. Em uma prisão, localizada numa ilha distante, duas únicas prisioneiras, Heloneida e Geni, se conhecem e estabelecem uma relação de amizade. No primeiro ato, um carcereiro divide o amor entre as duas mulheres, sendo que a todo o tempo mistura-se realidade e imaginação. No interior da cela, as prisioneiras trabalhavam na confecção de flores artificiais, e sempre que o carcereiro as visita, traz notícias de que o mundo do lado de fora está em guerra, dizendo que por isso elas deveriam produzir muito mais flores, pois a quantidade de pessoas mortas era enorme. No segundo ato, a prisão é representada como um local imundo e repressivo, o carcereiro desaparece e surge a personagem de uma carcereira autoritária. Durante os dois atos da peça, as prisioneiras aparecem bastante perturbadas. Em alguns momentos dizem estar em uma prisão, em outros momentos reconhecem estar em um teatro. Em determinada cena, uma das prisioneiras, num surto, foge da prisão e refugia-se na plateia.¹⁶⁶

Oswaldo André, que atuou na peça em Divinópolis, interpretando o papel do carcereiro, afirma que Antônio Bivar teve como objetivo levar o espectador a pensar criticamente através de um teatro mágico, que faz alusão aos “porões da ditadura, em que se faziam presentes a “tortura mental e física, arbítrio, abuso do poder militar”¹⁶⁷. Embora a peça não apresente as personagens como presas políticas, a opressão a que elas são submetidas faz referência ao que acontecia durante a ditadura. Tivemos acesso ao texto completo da peça, encontrando algumas referências que podem se relacionar ao contexto época, como, por exemplo, no trecho em que a carcereira ameaça colocar uma das presas no pau-de-arara.¹⁶⁸

Entendemos que a peça denuncia o autoritarismo que ocorria na época, no entanto, tal característica se manifesta de maneira velada. Talvez fosse essa uma alternativa para escapar à censura, se considerarmos que a peça não foi proibida. O fato de a peça ter sido apresentada em Divinópolis, também demonstra que as pessoas que estavam à frente da cena cultural no município, além da questão artística, também se preocupavam em instigar o pensamento político dos expectadores, por meio da abordagem mimética da representação teatral.-

Oswaldo André nos cedeu algumas fotografias de seu acervo pessoal, que registram

¹⁶⁵MELLO. *Op. cit.*, 1994, p. 84.

¹⁶⁶MELLO. *Op. cit.*, 1994, p. 85.

¹⁶⁷MELLO. *Op. cit.*, 1994, p. 86.

¹⁶⁸ O texto completo da peça de Bivar pode ser acessado em <<https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.785/12.0.813.785.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2020.

algumas cenas da peça “*Abre a Janela*”, da montagem que foi realizada em Divinópolis. Vale ressaltar que as imagens são fontes importantes para a análise historiográfica, visto trazerem dados que muitas vezes os documentos escritos não registram.¹⁶⁹ No entanto, as fotografias não são um espelho da realidade, e ainda que se trate de imagens de uma peça de teatro, o registro de uma ficção, é importante manter uma observação crítica, distanciada.

De acordo com Ana Maria Mauad, é necessário observar alguns detalhes durante essa análise crítica, como, por exemplo, atentar para o espaço fotográfico: como a fotografia se organiza, se o fotógrafo é amador ou profissional, quais os recursos técnicos, ou seja, devem ser consideradas razões de ordem metodológica. Além disso, deve-se atentar para o espaço geográfico, que são os lugares representados pela fotografia, os objetos, o ano em que foi tirada... Também é importante para a autora se observar o espaço do objeto, que diz respeito a como os objetos foram organizados na imagem, se são considerados como atributos dela, o espaço da figuração, que são as pessoas retratadas, e, por fim, o espaço da vivência, que compreende os eventos que foram retratados no ato fotográfico.¹⁷⁰

É importante esclarecer também que não existem regras fixas, pois cada fotografia exige um esforço distinto de análise por parte do pesquisador.

A própria experiência vem demonstrando que, a cada novo tipo de fotografia e objeto a ser estudado a partir da imagem fotográfica, o pesquisador vê-se obrigado a atualizar o método de análise e adequá-lo à sua matéria significativa, guardando os imperativos metodológicos apresentados. Nesse sentido, é sempre importante lembrar que toda a metodologia, longe de ser um receituário estrito, aproxima-se mais a uma receita de bolo, na qual, cada mestre-cuca adiciona um ingrediente a seu gosto.¹⁷¹

Em resumo, deve existir uma avaliação para cada tipo de fotografia. Em nosso caso, as imagens caracterizam-se como registros de peças teatrais, ou seja, ficção, sendo assim, procuramos adequar a nossa observação considerando essa questão. Todavia, esclarecemos que na maior parte das vezes não nos aprofundamos nos quesitos técnicos, buscando apenas compreender as intencionalidades de cada fotografia. Abaixo, as imagens da peça “*Abre a Janela*”, de Antônio Bivar, e respectivas análises.

¹⁶⁹ SÔNEGO, Márcio de Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010.

¹⁷⁰ MAUAD. *Op. cit.*, 1996.

¹⁷¹ MAUAD. *Op. cit.*, 1996, p. 97.

Figura 6: Encenação da peça "Abre a Janela", em Divinópolis, provavelmente no início da década de 1980.



Fonte: acervo pessoal de Osvaldo André de Mello.

Na análise dessa primeira imagem podemos elencar muitos aspectos. Em primeiro lugar, o que mais chama a atenção são as atrizes ao centro do palco, com as expressões muito carregadas. Como dissemos, a peça conta a história de duas prisioneiras que, numa ilha distante, passavam o dia confeccionando flores. Dessa forma, encontramos outro ponto de destaque na fotografia: o cenário. Há vários objetos em cena, uma cadeira, uma pequena mesa, um cesto, e, ao fundo, um objeto no qual as flores prontas eram guardadas. Ambas as personagens parecem estar em um momento que mistura desespero, raiva e loucura. Por último, observamos também, na parte inferior da fotografia, sombras de pessoas, que certamente eram algumas das que estavam na plateia. Podemos mesmo supor que a imagem foi tirada nesse ângulo com a intenção de captar essas sombras, de maneira a representar a plateia, ainda que de forma sutil.

Abaixo temos outra foto registrada no mesmo dia, porém com um enquadramento mais próximo.



Nessa segunda foto, o ângulo mais próximo permite-nos observar com mais clareza alguns elementos. Assim como na imagem anterior, a fotografia possui coloração e nela podemos enxergar novamente as flores e os papéis utilizados na sua confecção espalhados pelo palco, e também a vestimenta e as expressões das atrizes. Ambas estão com vestidos brancos e com uma maquiagem também branca, que completa o figurino. Qual seria o significado dessa pintura no rosto? Não podemos afirmar, mas uma possibilidade é a de que fosse uma estratégia para destacar o semblante das personagens, intensificando as expressões de loucura e perturbação.

Mas um objeto em específico nos chamou a atenção nessa foto: o globo pendurado no teto do palco, que também aparecia na imagem anterior. No entanto, pela proximidade da cena retratada, podemos enxergar com mais clareza alguns detalhes do globo, como, por exemplo, que ele é dividido em duas partes, uma azul e a outra vermelha e amarela. Seria uma alusão ao momento de Guerra Fria que o mundo vivia? Podemos conjecturar que essa pode ser uma possível interpretação, visto que a peça faz referência a um conflito político, uma guerra que estava acontecendo para além dos muros da prisão.

Oswaldo André disse não se lembrar de quem foram os fotógrafos que capturaram essas cenas. A finalidade era apenas a registrar o evento. Ele também não se lembra ao certo qual a data exata em que as fotografias foram tiradas, pois a peça foi apresentada várias vezes em Divinópolis na década de 1970, e também no início de 1980. Abaixo, outras fotografias da mesma peça, mas o conjunto cenográfico nos leva a concluir que são de datas distintas das primeiras que analisamos.

Figura 7: Oswaldo André de Mello interpretando o papel do carcereiro na peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã, provavelmente no final da década de 1970.



Fonte: acervo pessoal de Oswaldo André de Mello.

O homem retratado na foto acima é Oswaldo André, que atuava no papel do carcereiro da peça “Abre a janela”. Encontramos vários elementos nas novas imagens que evidenciam a citada questão temporal. Diferentemente das fotos anteriores, estas estão em preto e branco e há muitos contrastes no figurino e no cenário, o que nos leva à hipótese de que sejam mais antigas que as primeiras. Primeiramente, ao analisar o espaço cenográfico, notamos a ausência do globo pendurado no teto, observando também figurinos distintos usados pelas personagens, como, por exemplo, a presença da roupa escura.

O carcereiro, figura que não aparece nas fotografias anteriores, é representado em um

momento que está dizendo algo, olhando fixamente para a plateia. Elementos como o punho cerrado e a expressão forte, como se estivesse bradando, nos remetem à representação da resistência. O registro da fotografia justamente nesse exato momento seria uma forma de destacar, em meio aos conflitos, a luta e resistência? É uma possibilidade, haja vista os depoimentos que ressaltam a resistência em Divinópolis, por meio das peças teatrais.

Ao fundo, no canto direito da imagem, há uma mulher que aparenta ser uma das prisioneiras, sentada com as mãos cruzadas e o rosto voltado para baixo, sua expressão corporal nos faz pensar que estivesse com medo. Também pode ser observada a presença de um novo elemento: uma cortina transparente. Uma possível explicação para a presença da cortina, é que ela se constitui especialmente como elemento de divisão. Nas imagens anteriores houve a utilização de um globo para representar a separação entre ator e plateia. Aqui, porém, acreditamos que a cortina tenha sido uma estratégia para “separar” o mundo de dentro da prisão e o mundo de fora, ambos permeados por conflitos. Pensamos que essa também pode ter sido uma alusão ao período da Guerra Fria, ou seja, percebemos que a peça envolveu uma série de elementos com o objetivo de representar questões políticas, ainda que de forma implícita.

Figura 8: Atriz durante a encenação da peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã", em Divinópolis.



Fonte: acervo pessoal Osvaldo André de Mello.

Apesar das diferenças, ao analisar as fotografias encontramos elementos e objetos que confirmam tratar-se da peça “Abre a janela”, um exemplo são as flores penduradas ao fundo do palco. Na fotografia acima, observamos a intenção de captar um momento marcante da peça, no qual a personagem aparece com os olhos arregalados e a boca aberta, como se estivesse gritando em direção à plateia, uma expressão semelhante à do carcereiro na imagem anterior. Em uma das mãos ela segura a cortina, e, na outra, um objeto que aparenta ser uma faca. Seria essa personagem a carcereira? Não podemos afirmar, mas há indícios que nos levam a crer que sim, visto que no canto direito há uma mulher vestida de branco, possivelmente uma das prisioneiras.

Figura 9: Os atores Osvaldo André de Mello e Maria Angélica de Oliveira, atuando na peça "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã".



Fonte: acervo pessoal Osvaldo André de Mello.

Nessa outra fotografia, o carcereiro aparece ao lado de uma das prisioneiras. Ao que parece eles estão ao chão, com olhares fixos na mesma direção, provavelmente observando algo que causou medo, surpresa ou indignação. É possível notar que as personagens estão também com uma maquiagem carregada, que contribui para destacar a expressão, que parece ser uma mistura de perturbação e loucura. Ressaltamos que não pretendemos aqui esgotar a análise das fotografias, mesmo porque isso seria impossível. As interpretações desse tipo de fonte implicam uma ação permanente, isso porque as imagens possuem traços polissêmicos e cada indivíduo faz sua leitura de acordo com as vivências, saberes, idade, ideologia, e outras questões subjetivas.¹⁷² Portanto, não buscamos estabelecer “verdades”, apenas levantamos algumas hipóteses de interpretação, que podem ser questionadas ou ampliadas.

¹⁷² ALBUQUERQUE, Marli Brito; KLEIN, Lisabel Espellet. *Pensando a fotografia como fonte histórica*. Cad. Saúde Pública vol.3 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1987.

2.4 – Censura e vigilância aos espetáculos em Divinópolis.

Não há como abordar o teatro durante a ditadura sem mencionar a censura. Sabemos que durante esses anos ela ocorreu de maneira contundente e expressiva, mas para a historiadora Miliandre Garcia é um equívoco associarmos a censura apenas aos momentos de autoritarismo, pois em nossa história ela aconteceu também em outros períodos.¹⁷³ Segundo a historiadora, a censura institucionalizada surgiu no Brasil ainda no século de XIX, quando, ainda em 1839, foi criado um grupo de homens letrados, com a finalidade de examinar previamente peças teatrais.¹⁷⁴

Já durante o período da ditadura varguista, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) deteve a função de censura, e em 1945 foi criado o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), que até 1960 era de responsabilidade dos estados. Sua função era realizar a censura prévia de músicas, filmes, peças teatrais, programas de rádio e televisão, entre outros, por isso, definia-se como “guardião da moral e dos bons costumes”¹⁷⁵. Na década de 1960 o serviço foi centralizado em Brasília, e com o início da ditadura, mais especificamente após o AI-5, houve uma ressignificação dessa prática, que incorporou a censura política, para além das questões de moral e bons costumes.

Na esfera política, interditavam peças teatrais que tentaram discutir questões políticas como a revolução brasileira, a luta armada, as guerrilhas urbana e rural, a luta de classes, o movimento estudantil, a doutrinação comunista, a conscientização popular, a repressão política, os mecanismos de controle, as Forças armadas, entre outros; ou fizessem referências secundárias ao universo político, aos planos do governo nas áreas da saúde, da habitação, da economia, à corrupção policial, à política externa, às relações diplomáticas, à sociedade capitalista, às autoridades políticas, etc.¹⁷⁶

Ou seja, havia diversas justificativas para que uma peça fosse vetada. Contudo, além dos impedimentos, os censores trabalhavam também com outra forma de restrição, que consistia no corte de trechos do texto. Em alguns casos, páginas inteiras eram cortadas, o que impedia o entendimento e impossibilitava a realização de muitas obras.¹⁷⁷ Entender como funcionava a censura nas cidades do interior ainda é um trabalho moroso, principalmente no que tange à dificuldade de se encontrar fontes. A historiadora Miliandre Garcia, que possui diversos estudos nessa área, considera que a censura de diversões públicas atuava nas diversas

¹⁷³ GARCIA, Miliandre. *Censura, resistência e teatro na ditadura militar*. Concinnitas, ano 19, número 33, dezembro de 2018, p. 145.

¹⁷⁴ GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 148.

¹⁷⁵ GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 150.

¹⁷⁶ GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 155.

¹⁷⁷ GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 152.

manifestações culturais e “não havia distinção entre a apresentação de uma peça teatral, representada por uma renomada companhia teatral, num centro urbano, da realizada um grupo de estudantes ginasiais, numa cidade do interior”¹⁷⁸.

Para compreendermos melhor esse processo em Divinópolis, utilizamos relatos testemunhais e jornais. Todavia, consideramos que ainda existem muitos pontos que necessitam ser mais explorados, assim como novas fontes precisam ser descobertas. Ao relembrar da censura às peças teatrais em Divinópolis, Osvaldo André mencionou que não havia um órgão específico, todavia, o texto da peça deveria passar anteriormente pela leitura de um juiz. Em 1969, ele estava fazendo teatro universitário em Belo Horizonte, e lá havia a necessidade de se fazer um espetáculo antes, exclusivo para a censura. Segundo ele, ao voltar para Divinópolis, começou a fazer muito teatro, e “aqui em Divinópolis a censura funcionava da seguinte forma: não havia uma censura especificamente, mas as peças deveriam ser escritas e apresentadas ao juiz, para que depois, pudessem ser autorizadas ou não”¹⁷⁹.

O período a que Osvaldo André faz referência está situado em meados dos anos 1970. Como o período de ditadura no Brasil foi muito extenso, ocorreram muitas transformações em diversos setores da repressão, e com a censura não foi diferente. Se nos anos 1960 ocorreu um processo de centralização, em meados de 1970 a situação foi inversa, pois se iniciou um processo de descentralização da censura teatral.¹⁸⁰ A partir desse momento, a censura das peças teatrais passou gradativamente a ser de responsabilidade dos estados, o que já era uma antiga reivindicação do setor teatral, que era mais acostumado ao contato com as agências estaduais¹⁸¹ A imagem abaixo, parte do acervo pessoal do entrevistado Osvaldo André, anuncia a apresentação da peça “Quando as máquinas param”, de Plínio Marcos. Segundo a chamada publicada em jornal, a peça seria encenada “FINALMENTE”, após a liberação da polícia, fato que demonstra a existência de uma censura prévia às peças apresentadas no município.

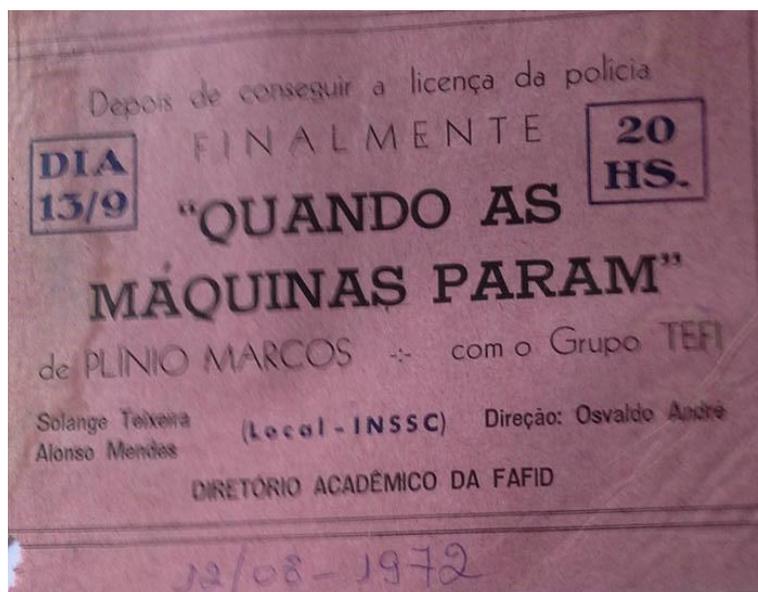
¹⁷⁸GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 151.

¹⁷⁹ Entrevista realizada com Osvaldo André de Mello, em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

¹⁸⁰GARCIA. *Op. cit.*, 2018, p. 164.

¹⁸¹ Idem.

Figura 10: Anúncio no jornal sobre a encenação da peça: "Quando as máquinas param", de Plínio Marcos, em Divinópolis, 1972.



Fonte: acervo pessoal Osvaldo André de Mello.

A peça teatral “*Quando as máquinas param*”, foi escrita por Plínio Marcos, em 1967. Na época, o autor já era nome conhecido pela censura, sendo muitas vezes acusado de estar “fazendo escola”¹⁸². Miliandre Garcia analisou os pareceres escritos pelos censores para algumas peças, e, em alguns deles, mesmo em peças que não eram da autoria de Plínio Marcos, o nome dele era citado, com destaque para seu estilo “imoral e pornográfico”, que estaria atraindo outros autores.¹⁸³ Assim como em outros trabalhos do autor, “*Quando as máquinas param*” caracterizou-se por trazer para o palco questões referentes ao contexto social da época. O roteiro tratava da vida de um jovem casal, Nina e Zé, que tiveram de enfrentar situações como a pobreza e o desemprego. Plínio Marcos não dá repostas aos problemas que aponta, ao contrário, toca em feridas sociais, como forma de estímulo à conscientização do espectador, despertando nele sensibilidade humanitária e indignação.¹⁸⁴

A fotografia abaixo é da encenação da peça em Divinópolis, em 1972. Observando-a, podemos interpretar alguns aspectos, que possivelmente o fotógrafo quis destacar. Nessa primeira foto, mostram-se os personagens se expressando no palco. Parece que o registro da foto foi feito de maneira a captar o momento de uma discussão. Como foi dito, a peça trata da vida dura de um jovem casal, marcada por dificuldades como o desemprego, e,

¹⁸² GARCIA. *Op. Cit.*, 2018, p. 157.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Para mais informações sobre a peça, acessar: <<https://www.teatroaliancafrancesa.com.br/eventos/quando-as-maquinas-param-2018-11-24/>> acesso em 08 de agosto de 2020.

provavelmente, o desentendimento tinha como motivação essas questões. Em segundo plano, também observamos o cenário, composto por objetos e móveis domésticos que nos remetem ao universo material das classes populares. Tanto na composição do figurino das personagens, quanto no mobiliário que compõe o cenário, não há nada que expresse luxo ou riqueza.

Figura 11: Encenação da peça "Quando as máquinas param, em Divinópolis, 1972.



Fonte: acervo pessoal de Osvaldo André de Mello.

A próxima fotografia registra um momento de descontração do casal Nina e Zé, talvez após o desentendimento retratado anteriormente. Observando as duas imagens, é possível tecer uma relação entre elas, havendo possivelmente a intenção do(a) fotógrafo (a) de captar dois momentos que contrastam entre si, demonstrando que mesmo com uma vida marcada por conflitos e dificuldades, o casal, em sua simplicidade, conseguia se divertir. Foi utilizada a estratégia de recorrer aos flashes do cotidiano, para dar leveza à narrativa.

Figura 12: Atores Alonso Mendes e Solange Teixeira, durante a encenação da peça “Quando as máquinas param, Plínio Marcos, em Divinópolis. Década de 1970.



Fonte: acervo pessoal de Osvaldo André de Mello.

Mesmo com a obrigatoriedade de submissão das peças à censura prévia, segundo Osvaldo André não houve casos de repressão aos espetáculos teatrais ou outras apresentações artísticas, que tinham inclusive apoio da prefeitura. Mas em Divinópolis, assim como em todo o país, havia uma atmosfera de medo. Durante a entrevista, Osvaldo André mencionou que na década de 1970, recebeu o convite para participar da formação de um grupo de teatro que, segundo ele, tinha como finalidade a encenação de peças que conscientizassem a população sobre o processo político vivenciado naquele momento. O grupo ficou conhecido como GTO (Grupo de Teatro Oficina), e percebemos na fala de Osvaldo André, que aceitou participar do grupo, o receio de sofrer censura e repressão.

“Eu topo. Mas só que é o seguinte, como as peças vão ter esse teor, de questionar, de mostrar ao povo o que que está acontecendo, eu preciso de pessoas que me assegurem tranquilidade no trabalho. Porque eu não posso levar pro juiz e pedir pra ele ler e autorizar, então nós temos que fazer clandestinamente. O primeiro espetáculo foi na capela, nós fazíamos lá. Ele foi tão provocador, havia estudantes, adultos, a população compareceu mesmo, a comunicação era fácil e todo mundo já entendia o que que era, o que ia acontecer.”¹⁸⁵

Nesse trecho aparece novamente na fala do entrevistado a figura do juiz, o que reforça a afirmação de que existia uma censura prévia, ainda que Divinópolis fosse uma cidade do

¹⁸⁵Osvaldo André de Mello, entrevista realizada em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

interior. Todavia, como dissemos, essa questão da censura às diversões públicas no município ainda precisa ser mais explorada, e pretendemos buscar novas fontes para aprofundar essa discussão posteriormente. Por fim, notamos novamente a presença de afetividade no relato do entrevistado, ao dizer que a população compareceu em peso e que o espetáculo foi muito provocador. Também chama a atenção o fato de que a apresentação foi realizada na capela, confirmando outra vez a forte presença religiosa na cena cultural do município.

O cotejamento entre as fontes primárias e historiográficas leva-nos a concluir que, durante o período do regime militar, estudantes de diversas partes do país estiveram engajados em manifestações e projetos que tinham por objetivo fazer oposição ao regime militar.¹⁸⁶ E que durante todo o período ditatorial, “a cultura de oposição nunca deixou de pulsar nem parou de criticar o regime”¹⁸⁷. No entanto, é importante mencionar as redes em que estavam inseridas as pessoas que lideraram as atividades culturais em Divinópolis. Os entrevistados eram estudantes, e como tal, possuíam mais acesso a informações relacionadas ao que acontecia no contexto político. Aristides Salgado, por exemplo, teve participação em grupos de oposição ao regime em Belo Horizonte. Cláudio Salomé, por ter sido presidente da UED, possuía também contatos com membros da União Estudantil nacional.

A grande maioria da resistência artística manifestada na cidade era composta por pessoas que faziam parte do círculo estudantil e que se deslocavam com mais frequência para a capital, Belo Horizonte, ali também estabelecendo contatos com o meio universitário. Por meio das informações que recebiam, das discussões que participavam, buscavam, através das suas ações, conscientizar o restante da sociedade divinopolitana. Destacamos, portanto, a importância da resistência cultural, tanto em nível local quanto nacional. Pois, conforme afirma Marcos Napolitano, se podemos conjecturar que não houve no Brasil durante a ditadura uma arte incentivadora da ação revolucionária, não podemos “menosprezar o seu papel histórico, seja na educação sentimental de certa geração militante pela democracia, seja na fetichização da resistência como ato simbólico de consciência, como catarse diante do “círculo do medo” imposto pelo autoritarismo”¹⁸⁸.

Tanto em Divinópolis, quanto no restante do país, a cultura se apresentou como um importante instrumento de conscientização política. Lideradas por estudantes e pessoas que possuíam mais acesso à informação, as atividades de viés cultural foram fundamentais para

¹⁸⁶ RIDENTI. *Op. cit.*, 2014, p. 34.

¹⁸⁷ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 118.

¹⁸⁸ NAPOLITANO. *Op. cit.*, 2014, p. 106.

levar ao restante da população esclarecimentos importantes sobre o que acontecia no âmbito político. Por fim, é importante ressaltar novamente o caráter coletivo da memória relacionada à resistência cultural em Divinópolis. No processo de rememoração das atividades culturais, empreendido pelos entrevistados, elas assumem um caráter de resistência. O superdimensionamento da participação da sociedade nas atividades culturais também pode ser interpretado no escopo de uma memória afetiva, que se relaciona com as tensões da época e também com a ressignificação do passado no tempo presente.

CAPÍTULO 3: A REALIDADE ENDURECE, MAS AS VOZES NÃO SE CALAM: DIVINOPOLITANOS E SUAS TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA

“Entre no quarto, onde os policiais guardavam a porta, para falar com meu pai, mas só pude ver os seus olhos cheios de lágrimas, tentando me transmitir alguma coisa, pois ele não podia falar”¹⁸⁹.

2.1 – Carlos Schirmer: uma voz de resistência

As transformações trazidas pelo golpe de 1964, assim como as características do governo repressor que se instaurou, não impediram que emergissem muitas formas de contestação em diferentes partes do país. Assim, as ações de resistência empreendidas durante a ditadura civil-militar se manifestaram de diversas maneiras, e “só podem ser compreendidas em conexão com o devir do próprio regime, em seus vários momentos, que combinaram diferenciadamente o uso da força e as tentativas de legitimação”¹⁹⁰.

O trecho com o qual iniciamos esse tópico remete-se a um episódio de repressão ocorrido com Carlos Schirmer, em Divinópolis, logo nos primeiros dias de ditadura. É uma fala de Sílvia, sua filha, que presenciou de perto os fatos que culminaram com a morte de seu pai. A repressão truculenta aos indivíduos considerados “subversivos” tornou-se um marco da ditadura militar. Em Divinópolis, Carlos Schirmer foi um dos primeiros cidadãos a sentir os efeitos desse autoritarismo. Nascido no dia 30 de março de 1896, no município mineiro de Além Paraíba, Carlos Schirmer passou por diversos lugares, até que Divinópolis surgisse em seu horizonte. Filho do austríaco Leopoldo Carlos Schirmer e da portuguesa Maria Benedita Schirmer, ele passou parte da infância e juventude no interior de São Paulo, onde seu pai possuía uma fazenda produtora de café. No entanto, uma crise na produção levou a família ao Rio de Janeiro, onde Schirmer começou a exercer os ofícios de eletricitista e ascensorista, tendo trabalhado posteriormente na construção e montagem de importantes hidrelétricas.¹⁹¹

A filiação de Carlos Schirmer ao Partido Comunista ocorreu na década de 1920, quando ele se mudou para Divinópolis e passou a participar das atividades do partido na cidade. Em 1928, casou-se com Maria de Lourdes Passos, com quem teve seu primeiro filho,

¹⁸⁹Escritura pública declaratória de Sílvia Schirmer, Divinópolis, 20 de março de 1996.

¹⁹⁰RIDENTI, Marcelo. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto (orgs.) **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 30.

¹⁹¹Minas Gerais. Governo do Estado. Comissão da Verdade em Minas Gerais [<http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>]: Relatório /Governo do Estado. - Belo Horizonte: COVEMG, 2017.

Luiz Carlos. Após a morte da primeira esposa, casou-se novamente. Com a nova esposa, Mariana de Carvalho, teve uma filha, Silvia Schirmer. Segundo consta no Relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais, no dia 29 de abril de 1964, “foi publicada Portaria do chefe do departamento de vigilância social determinando que o coronel Melquíades Líbano Horta apurasse a responsabilidade de ‘elementos subversivos e comunistas’ em Divinópolis”¹⁹².

Durante as pesquisas no acervo digital do DOPS, disponível no Arquivo Público Mineiro (APM), encontramos a ficha de Inquérito Policial Militar (IPM) que determinava a busca por pessoas consideradas subversivas em Divinópolis, datada do dia 29 de abril de 1964. O registro traz o nome de diversos sujeitos e suas profissões, todavia, o nome de Carlos Schirmer não é mencionado. Talvez essa ausência possa ser explicada pelo fato de que, conforme o Relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais (COVEMG) aponta, o seu nome só foi descoberto durante as investigações, por meio de depoimentos de outras pessoas, “como um adepto fervoroso do comunismo”¹⁹³.

¹⁹²Idem.

¹⁹³Idem

Figura 13: Apuração de atividades subversivas realizadas em Divinópolis, 1964.

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS

DVS - 006 FICHA DE FIM N.º 52 30/4 (520)

1 - ASSUNTO: Apuração de atividades subversivas registradas no município de DIVINÓPOLIS, em Minas Gerais.

2 - DATA: 29/4/64.

3 - HISTÓRICO: Processo feito pelo Delegado Cél. Melquiades Libânio Borta e pelo escrivão Antonio Aleixo da Conceição Drumond.

4 - INDICIADOS:

José Almir Bueno da Paiva	Dentista
Gasildo Lacerda	Alfaiate
José Neves de Brito	Ferroviário
Eulmar Orlando Requeti	Func. Est. Apos.
Pedro Coutinho de Campos	Ferroviário
Honorato Marcos Dias	Ferroviário
Francisco Carvalho de Melo	Ferroviário
Walter José de Carvalho Melo	Ferroviário
Severino Guido de Carvalho Bélo	Ferroviário
Wilsar Rezende	Comerciante
Celso Aquino Ribeiro	Fisc. Rend. Est.
Orlando Gomes Gonçalves	Ferroviário
Juventino Monteiro Marques	Conf. Marítimo
Sigismundo de Oliveira	Advogado
Leopoldo Cohn	Eng. R. M. V.
Patrício Rocha	Secr. Prof.
Antonio Augusto	Operário
Antonio Nascimento	Industrial

5 - TESTEMUNHAS: Carlos Expedito Freitas Invest. Polícia

6 - FICHADOS ANTERIORMENTE NA DVS:
Nada consta.

7 - PREVENÇÕES PREVENTIVAS PEDIDAS:
Nenhuma.

Fonte: acervo do DOPS. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

Com seu nome vinculado ao comunismo, Carlos Schirmer foi intimado a comparecer à delegacia para prestar esclarecimentos, marcando assim o início da trama que o levaria à morte. Segundo consta no relatório, às 07 horas do dia 01 de maio de 1964, um investigador foi até a casa de Schirmer, mas ele se recusou a cumprir a intimação. A filha dele, Silvia, que estava em casa com o pai nesse momento, se recorda que ele não se calou, alegando que estava sendo vítima de perseguições e injustiças.

“Como meu pai já sofrera muitas perseguições e injustiças por sua ideologia política, se recusou a acompanhá-los, dizendo que há mais de 30 dias não saía de casa, e desse modo não poderia estar praticando atividades subversivas. Os policiais saíram em busca de reforço e meu pai desapareceu, pois a casa era muito grande e no quintal com mais de 2.000m de terreno havia outra construção que era sua oficina de trabalho. Essa foi a última vez que eu vi meu pai antes do seu assassinato”¹⁹⁴.

O trecho supracitado faz parte de uma série de depoimentos anexados aos processos em que a família de Carlos Schirmer entrou com requerimento judicial, solicitando indenização pelo seu assassinato. Tivemos acesso a esses documentos, que encontram-se na plataforma digital do Arquivo Nacional. Ressaltamos que a Lei nº 9.140 de 04 de dezembro

¹⁹⁴ Escritura pública declaratória de Silvia Schirmer, Divinópolis, 20 de março de 1996.

de 1995, “reconheceu como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979”¹⁹⁵. Além disso, a Lei dispôs diversas providências como, por exemplo, o direito ao pedido de indenização por parte dos familiares das pessoas assassinadas pelo regime.

A esposa de Carlos Schirmer, Mariana de Carvalho Schirmer, já falecida, durante os depoimentos que constam nos processos do pedido de indenização por morte do marido, declarou que no dia 1º de maio de 1964, por volta de 8:00h da manhã, voltava do Mercado Municipal, onde havia feito compras, quando chegou em casa e a encontrou invadida por vários policiais, que tentaram impedir sua entrada. Mariana os enfrentou e disse que entraria assim mesmo, pois residia ali. Nesse momento ela tomou conhecimento de que o marido se recusara a ir até a delegacia prestar depoimento.

Diante da recusa de Carlos, de ir com eles, foram embora e voltaram com reforço. Seu marido, desaparecera dentro de casa, uma vez que a mesma era muito grande. Durante horas, procuravam encontrá-lo. Quando ele foi encontrado, exatamente na oficina, houve resistência por parte dele, troca de tiros, onde um policial e um detetive foram feridos. De novo Carlos desapareceu dentro de casa, e só horas depois foi encontrado em cima do forro. Os policiais subiram para prendê-lo e então ela ouviu um tiro, em seguida desceram com seu marido, ainda vivo, dizendo que ele havia atirado em si mesmo¹⁹⁶.

Silvia Schirmer, ao lembrar dos acontecimentos ocorridos naquele dia, relatou que se encontrava no quintal da casa, cuidando das plantas, quando o investigador chegou.¹⁹⁷ Porém, pelo pai ter se recusado a dirigir-se até a delegacia, foram enviados reforços policiais. Foi nesse momento que ele se escondeu na oficina, e, ao ser encontrado, houve a troca de tiros que o feriu. Antes de o encontrarem, os policiais reviraram a casa procurando por materiais subversivos. Nos depoimentos, consta que após levar o tiro, os policiais colocaram Schirmer ferido atrás de uma caminhonete, e, antes de levá-lo, disseram que ele havia tentado suicídio.¹⁹⁸

Schirmer foi levado para o hospital Nossa Senhora Aparecida, em Divinópolis. No entanto, devido à gravidade do caso, foi encaminhado para o Hospital Felício Rocho, em Belo

¹⁹⁵<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104145/lei-9140-95>> Acesso em 17 de jun. de 2020.

¹⁹⁶ Escritura pública declaratória de Mariana de Carvalho Schirmer, Divinópolis, 21 de março de 1996.

¹⁹⁷ Escritura pública declaratória de Sílvia Schirmer, Divinópolis, 20 de março de 1996.

¹⁹⁸ Minas Gerais. Governo do Estado. Comissão da Verdade em Minas Gerais [<http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>]: Relatório /Governo do Estado. - Belo Horizonte: COVEMG, 2017

Horizonte, onde faleceu no mesmo dia. O laudo médico apontou, como causa da morte, “ferida perfuro contusa na região mentoniana por projétil de arma de fogo, acarretando hematoma retro-lingual e asfixia”¹⁹⁹. Carlos Schirmer foi enterrado na cidade de Carmo do Cajuru, que fica bem próxima a Divinópolis, e, posteriormente, reconhecido como uma das primeiras pessoas mortas por agentes do Estado durante a ditadura.

Na época, a morte dele foi veiculada como suicídio, visto que prevaleceu a versão apresentada pela polícia. Jornais de Minas Gerais e de outros estados noticiaram o fato referindo-se a Schirmer com características pejorativas, como comunista e extremista.

Figura 14: Documento anexado ao pedido de indenização pela morte de Schirmer, feito pela filha Sílvia.



Fonte: Jornal “O Diário”, 05 de maio de 1964. O processo completo pode ser acessado na plataforma de pesquisa do Arquivo Nacional.

¹⁹⁹Minas Gerais. Governo do Estado. Comissão da Verdade em Minas Gerais [http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736]: Relatório /Governo do Estado. - Belo Horizonte: COVEMG, 2017.

Figura 15: Alemão acusado de comunista fere policiais e suicida.



Fonte: Jornal “Folha de Minas”, 09 de maio de 1964. Disponível no processo de pedido de indenização por morte feito pela família de Carlos Schirmer, documento completo disponível no site do Arquivo Nacional.

Como vimos, as publicações sobre a morte de Carlos Schirmer, além de apresentarem a causa como suicídio, já no título chamavam a atenção do leitor para os atributos que teriam sido a motivação de toda trama. Observando o *layout* escolhido para as publicações, podemos notar a escolha feita por letras em caixa alta para destacar as palavras “COMUNISTA” e “EXTREMISTA”, uma opção provavelmente intencional. A impressão que temos ao ler o título e as matérias, é a de que tudo aconteceu por causa da vítima, ou seja, devido aos posicionamentos políticos que ela possuía. A historiadora Tania Regina de Luca destaca que não há naturalidade nas escolhas feitas por jornais, nem mesmo na forma como as letras são dispostas.²⁰⁰ Na maior parte das vezes há intencionalidades, o que ao nosso ver, pode ser identificado nesses exemplos.

É possível notar também um reflexo das questões que permeavam o momento, como é o caso do “perigo vermelho” já discutido anteriormente. O jornal *Folha de Minas*, no início da exposição, já explicitava: “um alemão residente em Divinópolis ao receber voz de prisão de um Coronel que está apurando na cidade quais os elementos comunistas que participaram da subversão do país, resistiu e fez vários disparos contra os policiais”. Schirmer não era alemão, na verdade era filho de um austríaco e de uma portuguesa, porém nascido no Brasil. Mas o que queremos ressaltar aqui, é especificamente o destaque dado ao fato dele ser comunista, considerando-se que naquele momento o comunismo era entendido por grande

²⁰⁰LUCA. *Op. cit.*, 2008, p. 132.

parte da sociedade como um mal a ser eliminado.²⁰¹ Destacamos que esses dois noticiários encontram-se anexados ao processo de indenização por morte, de onde também retiramos os relatos da família.

É interessante ainda fazer uma reflexão relacionada às notícias veiculadas para a população divinopolitana. Nos jornais que tivemos acesso durante a pesquisa e que circulavam na cidade naquele momento, não encontramos reportagens acerca do ocorrido com Carlos Schirmer. Mas quando pesquisamos em outros acervos, como, por exemplo, os processos de pedido de indenização por sua morte, e em jornais como *Correio da Manhã*, encontramos noticiários sobre o caso, ainda que endossando a versão de suicídio. Como mencionamos, o *A Semana* era um jornal ligado à Igreja Católica, e, podemos pensar que talvez o noticiário policial não figurasse entre suas colunas. No entanto, por ter circulado no município durante um longo período, ele passou por algumas fases. Realmente, até 1960 os noticiários religiosos tinham maior destaque, contudo, após essa data, os assuntos políticos e diversos passaram a aparecer com frequência no jornal, o que nos leva a crer que um fato dessa proporção devesse estar estampado em suas páginas.

Por que a morte de Schirmer não teve destaque nos jornais divinopolitanos? Não há como encontrar uma única resposta, apenas hipóteses. Talvez não fosse do interesse do jornal publicar o fato, visto que muitos franciscanos tinham uma posição de apoio à ditadura. Existe também a possibilidade de que a notícia tenha sido veiculada, mas a edição se perdeu ao longo do tempo, pois não conseguimos a encontrar. Ou seria a notícia censurada, impedida de circular na cidade? O fato é que, ainda hoje, grande parte da sociedade divinopolitana desconhece o fato acontecido com Schirmer durante a ditadura. Todavia, o grupo de sujeitos que entrevistamos, composto por pessoas de oposição, possui uma memória que ressalta o episódio como um ato de resistência. Durante a entrevista, perguntamos ao Aristides Salgado dos Santos sobre ações significantes de resistência e oposição ocorridos em Divinópolis durante a ditadura, e ele imediatamente relatou o caso de Carlos Schirmer:

“Eles prenderam uma pessoa aqui e conseguiram matar nos primeiros dias da ditadura, mas na verdade ele não foi preso, ele resistiu, falou que não seria preso. Ele falava, eu sou comunista e sou comunista convicto, acredito que nós temos que mudar as coisas”²⁰².

Segundo Aristides, Schirmer nunca escondeu seus posicionamentos políticos e sempre colocou com convicção sua opção ideológica pelo comunismo. Mas existe um ponto a se

²⁰¹ MOTTA, 2000.

²⁰²Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

discutir mais detidamente, que consiste na questão da resistência. Consideramos a recusa de Carlos Schirmer em atender a intimação da polícia uma forma de resistência? Bom, antes de afirmarmos positiva ou negativamente, é necessário voltar outra vez ao conceito de resistência, que já abordamos ao longo desse trabalho.

Em estudos recentes, a historiadora Denise Rollemberg fez uma análise aprofundada sobre a conceituação de resistência, realizando uma historicização do conceito através de ideias apresentadas por diversos autores do pós-guerra.²⁰³ Embora ela tenha enfatizado a memória da ocupação nazista na França e na Itália, muitas das discussões apresentadas podem contribuir também para a compreensão do período da ditadura militar no Brasil. Para a autora, definir resistência é um empreendimento complexo, pois essa é uma ideia ampla e que envolve uma série de debates e questionamentos. François Bédarida, François Marcot, Henry Rousso e Denis Peschanski são alguns dos muitos autores que problematizaram este conceito ao longo do tempo, como, por exemplo, discutindo se a resistência se manifestou em países invadidos e reprimidos apenas pela via armada, ou se também por outras formas.²⁰⁴

As conclusões apresentadas por Denise Rollemberg, apontam exatamente para a grande dificuldade em se conceituar resistência. De acordo com ela, existe o risco de se estender muito o conceito e transformar tudo em resistência, assim como também existe a possibilidade de restringir muito, e deixar de lado formas importantes de resistência.²⁰⁵ Em suas análises, a autora constata que alguns estudiosos consideravam a resistência, principalmente na França, como sendo uma luta contra o invasor estrangeiro e também uma luta pela liberdade e dignidade do homem.²⁰⁶ Nesse sentido, menciona a definição de resistência elaborada por François Bédarida, com a colaboração de Jean-Pierre Azéma: uma “ação clandestina levada, em nome da liberdade da nação e da dignidade da pessoa humana, por voluntários se organizando para lutar contra a dominação”²⁰⁷. Nesse sentido, os autores consideram a resistência não apenas como fruto de ações militares e armadas, mas também reconhecem o papel da resistência civil, ideológica e até mesmo humanitária.²⁰⁸

A partir das leituras das definições utilizadas por esses autores, é importante ver como elas podem se relacionar à ideia da resistência durante o período de ditadura civil-militar no

²⁰³ROLLEMBEG, Denise. **Resistência: memória da ocupação nazista na França e na Itália**. São Paulo: Alameda, 2016.

²⁰⁴ROLLEMBEG. *Op. cit.*, 2016.

²⁰⁵Idem.

²⁰⁶ROLLEMBERG. *Op. cit.*, 2016, p. 25.

²⁰⁷AZÉMA, Pierre e BEDÁRIDA, François. “Historisation de la Résistance. *Espirit*, Paris, n. 198, jan. 1994, p. 20.

²⁰⁸ROLLEMBERG. *Op. cit.*, 2016, p. 27.

Brasil. De antemão, deve ser colocado que no presente trabalho o conceito abordado adquire sentido mais amplo. Não abrange apenas as ações de luta armada, mas considera as intervenções culturais, artísticas, estudantis, voluntárias, cotidianas, e tantas outras, como importantes formas de se produzir resistência à ditadura, que foram extremamente significativas para os processos que levaram ao fim do regime militar.

É digna de nota a importância representada pelas políticas de memória e reparação criadas posteriormente no Brasil, ainda que tardiamente. O requerimento de indenização por morte solicitado pela família de Schirmer foi deferido no ano de 2005. Na época, a filha Sílvia foi quem recebeu a reparação, pois a esposa de Schirmer, Mariana de Carvalho, bem como o seu filho mais velho, já haviam falecido. Também destacamos a importância da formação da Comissão Nacional da Verdade, bem como das comissões nacionais e municipais. Mesmo com suas limitações, as investigações trazidas pelas diferentes comissões da verdade trouxeram à tona o longo histórico de repressão aos brasileiros, em todos os cantos do país, que durante muito tempo estiveram à margem dos estudos historiográficos.

O Relatório Nacional da Comissão da Verdade (CNV), trouxe, por exemplo, a história antes desconhecida sobre a repressão aos indígenas e aos homossexuais. A repressão aos “hippies”, ao uso de drogas e à revolução dos costumes, também é abordada no Relatório da Comissão da Verdade relativos a Ouro Preto e à UFOP.²⁰⁹ E, por fim, o conteúdo sobre a repressão aos negros faz parte do relatório da Comissão do Rio de Janeiro (CV-RJ).²¹⁰ Ainda há muito trabalho a se realizar nesse sentido, mas realçamos que, mesmo tendo acontecido tardiamente, tais políticas e processos investigativos foram importantes para o reconhecimento de pessoas e grupos, que por sua atuação política ou diversos motivos, foram marcadas duramente pela repressão, como foi o caso de Carlos Schirmer.

2.2 - Aristides Salgado dos Santos

O arquiteto Aristides Salgado dos Santos nasceu em Divinópolis, no dia 17 de janeiro de 1938. Filho de pais ferroviários, estudou na cidade até concluir o período ginásial. Com aproximadamente 18 anos, mudou-se para Belo Horizonte, onde fez o antigo curso científico

²⁰⁹SILVEIRA, Marco Antônio; MAIA, Marta Regina; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Camila Cristina (orgs). **Histórias de repressão e luta na UFOP, Ouro Preto e região**. Ouro Preto: UFOP, 2018.

²¹⁰CALDAS, Álvaro Machado; MOREIRA, Eny Raimundo; SILVA, Geraldo Cândido da; DORNELLES, João Ricardo Wanderley; CUNHA, Rosa Maria Cardoso da; DURÃO, Vera Ligia Huebra Neto Saavedra (orgs). **Relatório Comissão da Verdade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CEV – Rio, 2015.

e o curso universitário. Por ser membro de uma família grande, composta por cinco irmãos, Aristides teve inicialmente algumas dificuldades para se manter na capital e, assim, até conseguir emprego morou na casa de parentes. Sempre muito interessado por desenhos e planejamentos, após concluir o científico, Aristides prestou o vestibular para o curso de arquitetura da UFMG, no qual foi aprovado e onde estudou por cinco anos.²¹¹

Em Belo Horizonte, Aristides Salgado passou a ter um forte envolvimento nos movimentos empreendidos pela juventude da época, entre os quais podemos destacar a Juventude Operária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP), ambos ligados à Igreja Católica. Nas entrevistas concedidas, Aristides Salgado destacou sua vinculação ao catolicismo, desde a juventude até os dias de hoje. Nos dois trechos abaixo esse ponto pode ser observado, lembrando que os relatos foram colhidos em datas distintas, sendo o primeiro de 2018 e o segundo de 2020.

No meu período de estudante eu me engajei no movimento que era a chamada JUC, Juventude Universitária Católica. Existia também a JEC que era a Juventude Estudantil Católica que era dos secundaristas e também a JOC que era a Juventude Operária Católica. Esses três movimentos eram da Igreja Católica Apostólica Romana, a qual eu sempre pertenci e ainda pertença. O braço direito desses movimentos na área política era a chamada Ação Popular, conhecida como AP. No meio da AP existia também outros jovens e operários que não pertenciam a Igreja Católica, mas também faziam coro conosco na AP, que era a Ação Popular.²¹²

Eu fazia parte da JUC, da Juventude Universitária Católica. Sabe por que? Porque eu sou católico, era católico e sou católico até hoje. Eu procuro ser religioso assim, eu nunca fui comunista de espécie nenhuma. Nunca fui a favor de marxismo leninismo, mas tinham grupos marxistas, leninistas, comunistas, outros eram da POLOP, tinha PCB, PC do B, tinha manifestantes que não eram de partido nenhum, ou eram até mesmo de partido brasileiro, mas eram contra o golpe, todo mundo estava junto. Não tinha jeito de separar quem era comunista, quem não era, quem era a favor disso, quem era a favor daquilo. O que podia dizer era o seguinte: quem era contra o golpe, estava no mesmo bloco, e eles tratavam todo mundo igual. E eu nunca fui igual os outros. E eles também tinham muito medo da Ação Popular, porque ela não tinha nada a ver com comunismo, mas era inclusive apoiada pela igreja.²¹³

Os relatos de Aristides Salgado trazem muitos detalhes que precisam ser explorados e, por meio deles, podemos esboçar discussões especialmente relacionadas à Ação Popular, à sua memória e especificidades. A historiadora Alessandra Ciambarella destaca que a AP, assim como diversos grupos de esquerda no Brasil, teve sua história profundamente ligada ao

²¹¹ Entrevista realizada com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

²¹² Entrevista realizada com Aristides Salgado, em Divinópolis, no dia 01 de fevereiro de 2018.

²¹³ Entrevista realizada com Aristides Salgado, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

Partido Comunista Brasileiro (PCB).²¹⁴ Fundada em 1962, de início seus ideais eram essencialmente católicos, como destacou Aristides Salgado nos relatos anteriores. De fato, havia na criação da Ação Popular a ideia de unir o pensamento da esquerda católica, todavia, ao longo do tempo, o grupo passou por profundas mudanças, como por exemplo, na adoção de ideais do guevarismo e do maoísmo, e, também, em 1968, na associação ao marxismo leninismo.²¹⁵

Os comunistas acreditavam que o Brasil deveria avançar através da revolução democrático-burguesa e, para isso, a aliança entre proletariado e burguesia deveria ser concretizada.²¹⁶ Nesse sentido, a Ação Popular buscou se firmar como alternativa ao PCB, atraindo jovens, estudantes, operários e outros grupos, reunindo também setores da JUC e da JOC, “com o objetivo de construir uma ação que ultrapassasse os ditames da igreja”²¹⁷. Compondo-se, portanto, por grupos heterogêneos, a organização também teve apoio massivo do movimento estudantil.

O golpe de 1964 provocou muitas alterações no interior das esquerdas, como não houve grandes movimentos de resistência política no início do regime militar, uma nova esquerda surgiu para se colocar como alternativa aos partidos comunistas tradicionais. Algumas organizações, principalmente o PCB, sofreram muitas dissidências, que ocorreram em função das críticas ao conformismo demonstrado em relação ao golpe, e, também à opção pela luta armada como forma de oposição. A Ação Popular não passou ilesa por essas transformações, pois em determinado momento “trocou”, como linha de frente, o cristianismo pelo maoísmo, fato que desagradou muitos de seus membros.²¹⁸

Segundo Alessandra Ciambarella, entre 1965 e 1967 iniciou-se um debate interno acerca da mudança nos princípios da AP, com o intuito de conciliar os fundamentos cristãos aos marxistas. Muitas discussões marcaram as posições dos participantes do grupo, e uma das questões que mais causou polêmica girou em torno dos conflitos entre aqueles que desejavam manter a visão socialista com base no humanismo cristão e os que viam na luta armada a melhor opção. Essas duas correntes apresentaram muitas dissonâncias, pois mesmo que ambas acreditassem na revolução, suas identidades e direções permaneciam indefinidas

²¹⁴CIAMBARELLA, Alessandra. Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular. In: **Revolução e Democracia: as esquerdas no Brasil (volume3)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.105.

²¹⁵ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 101.

²¹⁶ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 105.

²¹⁷ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 107.

²¹⁸ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 109 e 110.

dentro do grupo.²¹⁹

Em meio a debates internos foi aprovada a resolução política de 1965, que buscava estabelecer uma nova fundação para a entidade. A partir de 1968 prevaleceu na organização os setores que se identificavam com os princípios do maoísmo e da Revolução Chinesa, mas houve rejeição ao imediatismo da luta armada²²⁰. Para Alessandra Ciambarella o “romantismo revolucionário permitiu que a AP mantivesse princípios cristãos”, um cristianismo revolucionário.²²¹ A partir de 1969 ocorreram aproximações entre a AP e o PC do B, e a fusão completa ocorreu por volta de 1972 e 1973, “quando os membros da AP reconheceram no PC do B a verdadeira vanguarda proletária”²²² No entanto, nesse percurso permaneciam intensos os debates. Outros membros decidiram continuar sob a sigla APML – Ação Popular Marxista Leninista, mas todo o grupo, como as demais organizações que optaram pela luta armada, teve seu fim definitivo no início dos anos 1980, com o processo de redemocratização.²²³

Apesar de mencionar a pluralidade de sujeitos que compunham a Ação Popular, a afirmação mais impactante no relato de Aristides Salgado talvez seja o modo como enfatiza que nunca foi “comunista de espécie alguma”. Ao nosso ver, essa fala demonstra, além do olhar negativo sobre o comunismo, o medo atual que o entrevistado talvez possua de se associar ao movimento. Nesse sentido, podemos perceber o que Michael Pollack define como sentimento de identidade marcado pela construção de uma imagem de si, para si e para os outros. Em resumo, haveria uma imagem que o indivíduo constrói ao longo da vida sobre si próprio e apresenta aos outros, por crer nessa representação, mas também por querer que ela seja assim “percebida pelos outros”.²²⁴

No decorrer das duas entrevistas, foi possível notar que Aristides Salgado construiu para si uma memória de afirmação e pertencimento à instituição católica, bem como colocou esse fator como justificativa para não se relacionar ao comunismo, ainda que tenha participado de muitos movimentos revolucionários durante a ditadura. Em 1964, quando aconteceu o golpe civil-militar, ele estava aproximadamente no quarto ano do curso de arquitetura e, como mencionamos, envolvido nos movimentos políticos da juventude.

²¹⁹ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 114.

²²⁰ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 119.

²²¹ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 123.

²²² CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 123.

²²³ CIAMBARELLA. *Op. cit.*, 2007, p. 123.

²²⁴ POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.

Segundo ele, na madrugada do dia 1º de abril aconteceu sua primeira prisão, na Escola de Arquitetura da UFMG, onde estudava:

E, foi nessa madrugada, já no dia primeiro de abril, uma hora da manhã, uma e quinze, que nós estávamos na escola de arquitetura, fazendo trabalhos práticos, desenhando, quando uma guarnição do exército chegou lá e quebraram os vidros, e entraram lá dentro. E os estudantes que estavam lá, uns fugiram, e outros eles prenderam, como prenderam a mim e mais uns trinta. Depois eles foram fazendo a separação, foram fazendo triagem. E acabaram chegando à conclusão de que pelo menos seis a sete tinham que ir presos para o DOPS, e eu estava entre esses seis a sete²²⁵.

Embora se apresente como católico e não comunista, ao ser perguntado se considera sua atuação na época como resistência, a resposta de Aristides Salgado foi afirmativa. Em seguida, a narrativa segue com a exposição dos episódios de tortura ocorridos em sua primeira prisão:

Eu fui da resistência ao golpe e quando eu fui preso a primeira vez, nessa madrugada com esses outros colegas, eu custei a sair. Eu demorei duas, três semanas e eu sai de lá profundamente debilitado, porque eles jogavam creolina, acordavam a gente de madrugada, fingiam que iam nos matar, fingiam que iam fuzilar as pessoas que estavam lá, falavam “você todos são revolucionários, são comunistas, nós vamos matar todo mundo” e ficavam fazendo aquela lavagem cerebral. Colocava a pessoa num cubículo, três, quatro, cinco pessoas num cubículo de três por três com uma privadinha do lado e com uma alimentação deficiente e tudo mais, ficando ali quinze dias, vinte dias, a pessoa já não aguentava. Acordava a gente a noite, jogava água de creolina, dava pontapés, solavanco, então isso tudo minava a gente, as resistências em todos nós.²²⁶

Nas duas entrevistas realizadas, Aristides Salgado falou sobre a experiência da tortura, antes mesmo o provocarmos com este tema na entrevista.

De acordo com Aristides Salgado, após a primeira prisão, a vida não voltou ao eixo normal imediatamente. Mesmo após a retomada dos estudos, ele continuou tendo que se apresentar na delegacia para informar seus deslocamentos, fossem por motivos pessoais ou de trabalho: “se eu tivesse que ir em algum lugar, como Carmo do Cajuru ou Oliveira, ou qualquer lugar pra fazer um projeto, eu tinha que ir lá na delegacia de polícia avisar que eu

²²⁵ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 01 de fevereiro de 2018.

²²⁶ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 01 de fevereiro de 2018.

estava saindo. Faziam isso pra falar assim: você está sendo vigiado”²²⁷. Contudo, ainda que tivesse passado pela experiência da prisão e da tortura, Aristides não deixou de participar de movimentos de resistência em Belo Horizonte e, em decorrência dessa atuação, ocorreu a sua segunda prisão, dessa vez durante uma manifestação estudantil.

Nós conseguimos reunir em Belo Horizonte os operários contra a ditadura e, muitos, praticamente 90% eram do movimento universitário. Naquela época, 90% da juventude estava acesa. Hoje, por exemplo, na minha opinião, existe uma certa “pasmaceira”. Juntou todo mundo, e nós fizemos uma grande manifestação. A polícia ficou tão preocupada, que colocou cavalaria, cavalos, e foi muita gente caída e presa. Eu estava no meio dos estudantes, também participei, e nós corremos todos, a multidão toda correu e subiu pra escadaria da Igreja São José. Os padres estavam lá, estava cheio de gente, e, de repente, entrou aquela avalanche lá pra dentro. Os padres, na hora que a igreja lotou, que não tinha jeito mais, eles foram fechando as portas, e fecharam as portas, quando faltava dois ou três metros pra eu chegar.²²⁸

Devido às dimensões da memória e do esquecimento, Aristides diz não ter certeza se sua segunda prisão ocorreu em 1967 ou 1968. Durante processo de leitura da bibliografia acerca do tema, depois de realizadas as duas entrevistas com Aristides, encontramos o relato de uma militante que possivelmente participou dessa mesma manifestação e percebemos uma grande semelhança com a descrição dos fatos feita por Aristides. A historiadora Carolina Dellamore possui uma relevante pesquisa acerca das memórias da clandestinidade durante a ditadura militar brasileira e, durante o processo de elaboração do seu trabalho, entrevistou diversos sujeitos que passaram por essa experiência.²²⁹ Entre as pessoas entrevistadas por ela, está a ex-militante da Ação Popular, Gilse Cosenza, que posteriormente foi para o PCdoB, “enfrentando a clandestinidade nas duas organizações, de maio de 1968 até a decretação da Lei de Anistia, em 1979”²³⁰.

De acordo com os relatos de Gilse, incorporados ao trabalho de Carolina Dellamore, no ano de 1966 houve em Belo Horizonte uma primeira grande passeata de estudantes contra a ditadura, que deu início a muitas outras que aconteceram em diversos lugares do país.²³¹ O testemunho de Gilse acerca do momento em que os policiais chegam para reprimir os manifestantes assemelha-se muito ao de Aristides:

“(…) quando chegou ali no meio do Parque, o sinal dado com apito, todo mundo tirou as faixas, os carrinhos se abriram e nós começamos e aparecemos com as

²²⁷ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

²²⁸ Entrevista realizada pela autora, com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

²²⁹ DELLAMORE. *Op. cit.*, 2011.

²³⁰ DELLAMORE. *Op. cit.* 2011, p. 30.

²³¹ DELLAMORE. *Op. cit.* 2011, p. 95.

faixas e cartazes. Começamos o grito de guerra de ‘abaixo a ditadura’, ‘abaixo o imperialismo’, ‘queremos liberdade’, ‘direito à educação’, e vai por aí a fora, né? Claro que a repressão veio pesada e começou o espancamento e nós começamos a correr pela Afonso Pena, apanhamos muito, né? Então entramos para a Igreja São José para nos proteger, subimos aquela escadaria porque achamos que eles não teriam coragem de espancar a gente dentro da Igreja, e entramos para a Igreja. Mas eles entraram atrás e continuaram a espancar a gente dentro da Igreja, aí vieram os padres da Igreja São José fizeram uma barreira de mãos dadas na frente deles e falaram: ‘Na casa de Deus não!’²³²

Os depoimentos de Aristides Salgado e Gilse Cosenza possuem semelhanças que nos levam a supor que os dois estariam participando da mesma manifestação. É certo que a memória possui suas peculiaridades, sendo moldada também pelo esquecimento e por detalhes do tempo presente. Por ser um fenômeno coletivo e ao mesmo tempo individual, além das semelhanças podemos também traçar diferenças no discurso dos militantes. Sigamos com o depoimento de Aristides:

Eu fui preso então pela segunda vez e levaram todos nós ao quartel do exército, em Belo Horizonte. E lá, nós fizemos fila, tinha mais ou menos uns cento e tanto, fizemos fila um atrás do outro, depois colocaram a gente de pé, depois pediram pra gente ficar em posição de sentido, e começou a conversar, levava um grupo e conversava lá dentro, depois voltava e conversava com mais dez lá dentro e voltava. E foi assim mais ou menos de seis e tanto, sete horas, oito horas, que foi essa passeata, até mais ou menos dez horas, onze horas. Quando foi mais ou menos esse horário, eles começaram a soltar um ou outro, mas tinha que os pais ou responsáveis irem lá. Pra poder ver que estava preso, seu menino tá aí no meio do povo, fazendo bagunça, aquela conversa pra querer fazer boi dormir. Então, infelizmente, minha família não morava lá, meus pais moravam aqui. O meu padrinho e meu tio foram lá e assinaram como custódia pra mim. Ele era funcionário público e sabia da dificuldade e que o país não estava bem. Ele não estava participando, mas ele sabia que muitos operários estavam participando, muitos servidores federais, estaduais, municipais.²³³

Por meio dos fatos ocorridos com Aristides Salgado, podemos também fazer uma reflexão acerca das redes de resistência que se formaram entre Divinópolis e Belo Horizonte. Boa parte dos estudantes divinopolitanos que estavam à frente da organização de ações culturais fazia parte de um círculo que viajava constantemente para a capital, especialmente para estudar, como foi o caso de Osvaldo André de Mello, que fez cursos de teatro em Belo Horizonte. Da mesma maneira, Aristides vinha constantemente para Divinópolis, mas nos anos iniciais da ditadura tinha moradia fixa na capital. Ele é mais um exemplo da importância representada pela inserção no meio estudantil como elemento responsável pelo trânsito dos jovens militantes da resistência entre Divinópolis e a capital de Minas Gerais.

²³² Entrevista realizada por Carolina Dellamore, no dia 07 de abril de 2008, com Gilse Cosenza, em Belo Horizonte.

²³³ Entrevista realizada pela autora, com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

A terceira prisão sofrida por Aristides Salgado aconteceu em Divinópolis e foi executada em conjunto com outras pessoas também conhecidas pelo histórico de oposição à ditadura. Segundo ele, além de envolver múltiplos sujeitos, a terceira prisão aconteceu como um rapto, ou sequestro.

A terceira prisão, essa foi assim, a prisão mais forte que teve. Um carro passou perto de mim e parou de repente. Perguntou assim: o senhor me dá uma informação? Na hora que eu vi assim, informação, dois caras truculento assim, à paisana, não estava fardado não. E eu lá dentro do carro vi que estava lá dentro mais dois, e veio assim um por trás e outro na frente, eu falei: uai, esse povo aqui, não sei, pensei na hora que eles iam me matar, que era ladrão, ou que era alguém que queria me prender mesmo e tudo, e foi o que aconteceu. Eu falei assim, qual informação? O senhor sabe onde...O senhor é Aristides Salgado Santos? E pronto, já foi me agarrando, aqui e me jogou dentro do carro e falou: o senhor vai lá no quartel, vai prestar algumas declarações.²³⁴

No quartel e eu vi que tinha barulho de gente falando, eu ouvi a voz do doutor Simão pedindo pra ir ao banheiro. Senhor guarda, eu preciso ir ao banheiro, eu não posso esperar mais. Ele tinha que urinar. Eu tenho que urinar! Falando alto pra eles poderem escutar, porque, uai, a gente estava com a venda nos olhos. Aí eu ouvi a voz do doutor Simão, ai murmuro, murmuro. Eu falei, nós estamos aqui no quartel presos, e, lá no quartel não avisaram nada. Puseram a gente num carro e hora que eu vi nós estávamos na estrada indo pra Belo Horizonte. Passamos por Belo Horizonte e eu vi que eles estavam levando a gente pra Ribeirão das Neves, onde tem aquele presídio lá. Lá nós ficamos numa cela do tamanho desse banheirinho meu aqui, um e meio, dois de largura por dois, dois e pouco de comprimento. Do lado tinha uma privada, e a privada não era desse tipo de ladrilho assim, era aquela de você botar o pé e ficar agachado. Tinha uma pia com água e, do outro lado tinha um colchão no chão. E lá nós ficamos 15 dias. Eu fiquei de quinze pra dezesseis ou dezessete dias, o doutor Simão ainda ficou mais quando eu sai ele ainda ficou lá mais uns dias.²³⁵

Aristides Salgado a todo momento utiliza a expressão rapto para se referir à sua última prisão. Segundo ele, a família não foi comunicada de início, somente vieram a saber um tempo depois. Com relação ao período da prisão, o entrevistado aponta que ocorreu por volta de 1968, 1969, novamente sem se lembrar da data precisa.

Eles acharam que me prenderam a primeira vez e as minhas ideias iam mudar? Não! As minhas ideias eram as mesmas, só que eu nunca bati em ninguém, nunca bati em armas, nunca afrontei eles nem ninguém, então, eu considero um rapto, uma injustiça.

A atuação de Aristides Salgado dos Santos durante a ditadura civil-militar não se restringiu apenas aos primeiros anos, nos quais ele era estudante e participava de movimentos na cidade de Belo Horizonte. Quando retornou para Divinópolis, sua atuação também foi no sentido de contribuir, através da participação em eventos e na atuação política, para a sociedade e população divinopolitana. Destacamos sua participação na construção da Praça do

²³⁴ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

²³⁵ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 04 de fevereiro de 2020.

Santuário, mencionada no capítulo anterior, além do envolvimento em vários movimentos culturais de resistência na cidade. Já no período de abertura política, ao final do regime militar, candidatou-se, pelo PMDB, ao cargo de prefeito de Divinópolis, tendo saído vencedor das eleições de 1982.

Parte do corpus documental utilizado nessa pesquisa é composto por documentos gerados pelo sistema de informações e segurança criado pelo próprio regime militar.²³⁶ É o caso de documentos que encontramos em busca realizada na plataforma de pesquisas do Arquivo Nacional, em que o nome de Aristides Salgado é mencionado, em especial, após o período que assumiu a prefeitura de Divinópolis. Abaixo, temos o exemplo de um registro do ano de 1984. O documento apresenta como principal assunto “pregação de luta armada”, e traz a informação de que o prefeito estaria utilizando os seus discursos políticos para defender a utilização de armas, na intenção de derrubar o governo.

Figura 16: Documento em que consta o nome de Aristides Salgado como pregador de luta armada.

CONFIDENCIAL

AGÊNCIA PELO HORIZONTE
SE-1 SS-16

ORDEN DE BUSCA Nº 038/16/84

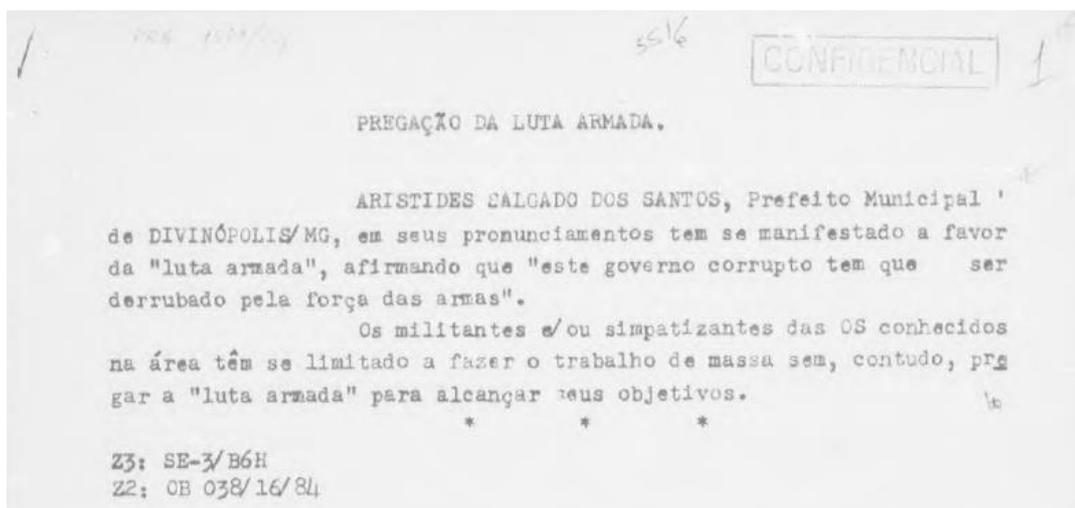
DATA : 10 de maio de 1984
ASSUNTO : PREGAÇÃO DA LUTA ARMADA.

REFERÊNCIA: PRG 1501/84
ANEXOS:

Fonte: Arquivo Nacional

²³⁶ Como eles agiam. **Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

Figura 17: Documento do Sistema Nacional de Informação: Aristides Salgado faz pregação de luta armada.



Fonte: Arquivo Nacional

Em seus depoimentos, Aristides Salgado enfatiza com veemência que nunca teve envolvimento com luta armada, sustentando seus argumentos novamente com elementos ligados à religiosidade. Na primeira entrevista que realizamos com ele, no ano de 2018, levantamos essa questão e ele prontamente respondeu:

“Não, luta armada eu nunca cheguei a participar! Eu sou crente em Deus e acho que ele nos colocou aqui para que possamos fazer a coisa com competência, honestidade e com consciência, porque os nossos atos vão ter consequências mais tarde”²³⁷.

Na segunda entrevista, realizada no ano de 2020, não chegamos a perguntá-lo diretamente sobre o envolvimento com luta armada, todavia, no decorrer de suas falas o tema surgiu novamente. Ao contar sobre uma de suas prisões, Aristides menciona ter sido uma injustiça, pois, segundo ele, “eu nunca bati em ninguém, nunca peguei em armas, nunca afrontei eles nem ninguém”²³⁸. Como historiadores, não é nosso papel realizar julgamentos ou encontrar verdades absolutas. A memória dos indivíduos que participaram da resistência à ditadura foi construída muitas vezes a partir da sua inserção em outros grupos, e nesse ponto podem surgir versões conflitantes, pois “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”²³⁹.

A memória pode apresentar-se como um forte campo de batalhas. Tais disputas, envolvendo diversas representações do passado, podem ocorrer no campo político entre

²³⁷ Entrevista realizada pela autora com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 01 de fevereiro de 2018.

²³⁸ Aristides Salgado, em entrevista, 2020.

²³⁹ POLLACK. *Op. cit.*, 1992.

grupos de opiniões divergentes. Exemplo disto é “o uso eleitoral do passado recente para construir ou destruir reputações, gerando imagens positivas ou negativas, a depender do ponto de vista (‘heróis da resistência’, ‘terroristas’, ‘dedo-duros’, ‘serviçais da ditadura’ etc)”²⁴⁰. Muitas vezes, as memórias que se encontram em disputa colocam suas versões dos fatos como verdadeiras, sagradas e inquestionáveis. Por isso, ressaltamos a importância da realização de análises críticas rigorosas quando utilizamos os testemunhos enquanto fontes históricas.

O trabalho com a memória dos períodos mais recentes da história implica em uma série de desafios para o historiador, inclusive pelo fato de ainda existirem muitas testemunhas vivas. Uma série de questionamentos se apresentam particularmente na relação entre memória, história e verdade. Nesse sentido, torna-se importante distinguir história e memória, assim como suas conexões. Em primeiro lugar, vale lembrar que ambas são formas de representação do passado e, desta maneira, não há como considerar que uma seja superior à outra.²⁴¹ A principal diferenciação encontra-se no fato de que a história lida com procedimentos científicos e metodológicos, realizando a crítica das fontes. Nesse sentido, é papel do historiador desconfiar das suas fontes e questioná-las, em busca da melhor, ou mais plausível interpretação.

Evidentemente não há como realizar uma análise com total imparcialidade, e não temos também a pretensão de transformar a memória em história. Nosso olhar se faz a partir de cada sujeito alvo da pesquisa, enquanto agente político, buscando compreender seus “objetivos, valores e interesses”, assim como o contexto em que está inserido.²⁴² Tomando como exemplo o documento e o relato analisado, podemos tecer considerações, visto que ambos apresentam visões distintas sobre um mesmo tema. O documento do SNI afirma a existência de um discurso de Aristides Salgado em defesa do uso de armas para derrubar o governo militar. Vale ressaltar que este órgão, o Sistema Nacional de Informações, foi criado de imediato após o golpe de 1964, transformando-se em um dos principais instrumentos de espionagem e repressão da ditadura militar, “ele produzia e mandava produzir informações”²⁴³.

²⁴⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **História, memória e as disputas pela representação do passado recente**. São Paulo: Unesp, v. 9, n.1, p. 58.

²⁴¹ MOTTA. *Op. cit.*, p. 60.

²⁴² MOTTA, *Op. Cit.*, p. 62.

²⁴³ FICO, Carlos. **Como eles agiam. Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 81.

De acordo com o historiador Carlos Fico, a fabricação desses dados seguia uma rotina repleta de normas. Inicialmente, notícias sobre as mais diversas questões poderiam ser consideradas importantes para o sistema. Assim, “[...] primeiramente, o agente de informações devia recolher um ‘informe’, espécie de dado bruto inicial, base para elaborar-se a ‘informação’”²⁴⁴. As informações então recebiam diferentes classificações, que indicavam o nível de sua confiabilidade, por exemplo, as fontes de cada dado obtido eram classificadas com letras que podiam variar de “A” a “F”. As informações também recebiam notas pela veracidade do conteúdo: “uma informação tida como verdadeira e oriunda de fonte altamente confiável recebia a classificação ‘A1’”²⁴⁵. O documento acima citado, em que o nome de Aristides Salgado é mencionado, aparece com a classificação “C” na primeira página, mas não encontramos qual nota a notícia informada sobre o então prefeito recebeu pelo nível de veracidade.

O documento abaixo, do ano de 1982, apresenta uma lista de “militantes e/ou simpatizantes de organizações comunistas” eleitos naquele ano. Podemos observar que aparece novamente o nome de Aristides Salgado, que tinha vencido as eleições para prefeito de Divinópolis, pelo PMDB. Podemos observar no documento uma indicação informando se a pessoa mencionada seria militante ou simpatizante. Aristides Salgado aparece como simpatizante do PC do B. Carlos Fico confirma que, quanto a possíveis “atividades subversivas”, uma pessoa podia ser classificada como “atuante” e “simpatizante”, nos documentos do SNI.

Figura 18: Documento do SNI relatando lista de militantes eleitos em 1982.

MILITANTES E/OU SIMPATIZANTES DE ORGANIZAÇÕES COMUNISTAS (OC) ELEITOS EM 1982					
NOME	CARGO	PARTIDO	ORGANIZAÇÃO COMUNISTA	ESTADO/CIDADE	OUTROS DADOS
CÁSSIO GONÇALVES B0020928	Dep Fed	PMDB	PCB/Simpatizante	MINAS GERAIS	
LUIZ SOARES D. E. CL B0276017	Dep Fed	PT	FQI/Militante	MINAS GERAIS	
ANTÔNIO DE FARIA LOPES B0757883	Dep Est	PMDB	PCB/Simpatizante	MINAS GERAIS	
ARISTIDES SALGADO DOS SANTOS B0760882	Prefeito	PMDB	PC do B/Simpatizante	DIVINÓPOLIS/MG	

Fonte: Arquivo Nacional.

²⁴⁴ FICO. *Op. cit.*, p. 95.

²⁴⁵ FICO. *Op. cit.*, p. 95.

O próximo documento, também do ano de 1982, aborda a realização de um “show contestatório” em Divinópolis. De acordo com o texto, o evento recebeu financiamento de Aristides Salgado, que na época ainda era candidato à prefeitura. Segundo o relato dos acontecimentos, durante a peça foram apresentadas músicas de Gilberto Gil e Caetano Veloso, além de artistas engajados nas ações de resistência cultural.

Figura 19: Documento do SNI: Show contestatório em Divinópolis.

827983

CONFIDENCIAL 22 OUT 82 003771

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
I EXÉRCITO
4.ª DE — 2.ª SEÇÃO

Belo Horizonte - MG. 21 Out. 82.

INFORME Nº 1051 / 82 / E2 - N / 4a DE

1 ASSUNTO : SHOW CONTESTATÓRIO EM DIVINÓPOLIS/MG - 3.2.6.4

2 ORIGEM : 79 BPH/PMNG

3 AVALIAÇÃO : A-2

4 DIFUSÃO : I EX - SNI/2BH - SR/DPF/MG - COSEG/SESP/MG - Arq

5 DIF. ANTERIOR : 4a BDA INF.

6 REFERÊNCIA : -

7 ANEXO : -



Este info foi datado na origem em 30 Set 82:

1. No dia 17 Set 82, com início às 22:00 horas e término às 22:45 horas, foi realizado no Cine Alhambra da cidade de DIVINÓPOLIS/MG, um “SHOW”, denominado “CORD DOS EXILADOS”, protagonizado por 14 indivíduos e produzido e dirigido por CARLOS ROBERTO DA SILVA BARROS, cognominado “CACÁ VENTURA”, residente à Rua Gotás nº 801, naquela cidade.

2. A apresentação inicial do mencionado “Show” se verificou com uma jovem enfeitada de palhaço e como se estivesse com um microfone e não, fazendo perguntas tais como: “QUANTO CUSTA O PREÇO DO ARROZ, FEIJÃO, DO LEITE, DO ÓLEO E DO PÃO”. Antes que obtivesse alguma resposta, foram apresentadas as músicas de GILBERTO GIL e CAETANO VELOSO, por dois componentes do grupo de artistas. No término de cada música, alguns elementos, também com pinturas de palhaços, faziam críticas sobre a fome, o custo de vida, favelas e sobre as pessoas que vivem debaixo das pontas e marquises.

3. Houve, também, a representação de uma prostituta demonstrando a sua revolta por haver faturado apenas Cr\$2.000,00 no dia, e a representação de um louco atrás das grades, dizendo em altos brados, não ser louco e igual aos demais, porém, loucos eram os que o haviam julgado assim.

4. O mencionado “Show” foi mais apresentado de forma humorística, e contou com um número aproximado de cinquenta e cinco expectadores, contando com o apoio de ARISTIDES SALGADO DOS SANTOS, candidato a Prefeito daquela cidade, pelo PMDB, e pelo candidato a Vereador pelo PMDB

CONFIDENCIAL - Continua -

É importante observar que os documentos analisados são da década de 1980, ou seja, momento em que o Brasil passava pelo período de abertura política. Embora o regime militar se aproximasse do fim, o aparato de vigilância permanecia rigoroso. Para o historiador Carlos Fico, o momento de “distensão” provocou reações das comunidades de segurança, que continuaram agindo e recebendo investimentos. Assim, durante o período de governo de João Figueiredo, responsável por confirmar a abertura política, o SNI foi intensamente reforçado.²⁴⁶ Como vimos, a trajetória de Aristides Salgado dos Santos foi marcada por forte militância e atuação política durante o período de ditadura civil-militar. Além de ter integrado grupos de oposição e resistência, sua presença em Divinópolis nos momentos finais da ditadura também foi muito marcante, em especial após assumir a prefeitura da cidade.

2.3 – Celso Aquino Ribeiro

Celso Aquino Ribeiro, natural de São Tomás de Aquino, sul de Minas Gerais, nasceu no dia 23 de dezembro de 1938 e teve sua vida marcada pela militância. Filho de pai farmacêutico e mãe doméstica, aos 18 anos mudou-se com a família para Contagem, onde seu pai começou um novo empreendimento no ramo farmacêutico. Todavia, vítima de um acidente de trânsito, o pai de Celso faleceu precocemente e “o tio dele, Paulo Aquino, que foi fiscal do estado e político também, assumiu a família”²⁴⁷. Celso Aquino iniciou sua trajetória militante ainda na juventude, quando se filiou ao Partido Comunista Brasileiro. Foi um homem de ideias imprescindíveis, compromissado com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, durante toda a vida, trabalhou por esses ideais.

Divinópolis surgiu em seu horizonte em 1958, quando atuava como servidor público e foi transferido para o município na função de Fiscal de Rendas. A partir de então, sua trajetória na cidade seria marcada pelo engajamento e articulação com os movimentos operários. A década de 1960 assinalou o início de um dos períodos mais árduos da militância de Celso Aquino, pois em razão do seu posicionamento de repúdio ao regime de ditadura militar, o servidor público foi preso por três vezes.²⁴⁸

Celso Aquino faleceu em Divinópolis no dia 31 de maio de 2002, e diante da impossibilidade de obter seus relatos, realizamos duas entrevistas com sua segunda companheira, Eloísa Aquino. Compreendemos que analisar a trajetória de uma pessoa por meio de seus próprios relatos é diferente de averiguá-la utilizando depoimentos de familiares

²⁴⁶ FICO. *Op. cit.*, p. 216.

²⁴⁷ Entrevista realizada com Eloísa Aquino, em Divinópolis.

²⁴⁸ Entrevista realizada com Eloísa Aquino, em Divinópolis.

e pessoas próximas. São dois empreendimentos distintos, no entanto, ambos envolvem memórias e sentimentos de afetividade. Para complementar o testemunho, utilizamos também documentos disponíveis no Arquivo Público Mineiro e Arquivo Nacional que trazem informações sobre as prisões de Celso, como os processos e pedidos de indenização realizados por ele anos depois do fim do regime.

Quando ocorreu o golpe, em 1964, Celso Aquino residia em Divinópolis e já naquele momento se afirmava como uma figura política importante e envolvida nas diversas questões sociais. Poucos dias após o golpe, Celso foi preso pela primeira vez, por defender o governo de João Goulart e assumir posicionamento contrário à ditadura:

O requerente, no dia 02 de abril de 1964, logo nos primeiros dias do golpe militar, veio a ser preso em Divinópolis, por motivos políticos, sob fundamento de ser simpatizante do governo deposto do presidente João Goulart, sendo na ocasião transferido para Belo Horizonte, posteriormente para a penitenciária situada em Neves e, mais tarde para o DOPS/MG, ficando sob a custódia dos delegados David Hassan e Menezes Sai, sendo ouvido e libertado em 03 de maio do mesmo ano.²⁴⁹

Como mencionamos, ainda na juventude Celso Aquino se filiou ao Partido Comunista Brasileiro, que foi criado em 1922 “sob influência da Revolução Socialista (Bolchevique) da União Soviética”²⁵⁰. De início, o partido se atentou para as demandas dos trabalhadores, visto que naquele momento os operários começaram a se organizar para resistir contra as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos. Com o passar do tempo, o PCB passou por uma série de transformações e dissidências, mas ainda assim se tornou referência na esquerda brasileira. Por ser um partido declaradamente comunista, seus momentos de legalidade foram curtos (de 1945 a maio de 1947, e da década de 1980 em diante). Ou seja, na maior parte do tempo o partido se manteve na clandestinidade e teve de lidar com críticas externas e também internas.²⁵¹

Um dos acontecimentos marcantes da trajetória militante de Celso Aquino, consistiu no rompimento com o PCB e a adesão à luta armada no fim da década de 1960. Essa também foi a decisão de muitos outros militantes, visto que o partido, após o golpe de 1964, decidiu se manter na resistência pacífica. O grupo escolhido por Celso Aquino Ribeiro foi a Corrente Revolucionária de Minas Gerais, formada a partir das discussões ao VI Congresso do PCB, ocorrido no ano de 1967. A proposta inicial da Corrente foi a de empreender a luta

²⁴⁹ Requerimento feito por Celso Aquino Ribeiro, solicitando os benefícios do Decreto 1.500, de 25/05/1995.

²⁵⁰ VITRAL, Thiago Veloso. *Corrente Revolucionária de Minas Gerais: Resistência ativa à ditadura civil militar em Minas Gerais (1967-1969)*. Dissertação (Dissertação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2013, p. 27.

²⁵¹ VITRAL. Op. cit., 2013, p. 28.

revolucionária por meio de um partido marxista-leninista.²⁵²

De início, a Corrente manteve-se nesta linha. Porém, com o passar do tempo e a intensificação das atividades armadas e também da repressão, a Corrente mudou de postura e “aos poucos foi abandonando uma estrutura política vinculada aos movimentos de massas (movimento operário, sindical, estudantil) e efetivando uma posição de organização político militar com maior autonomia revolucionária e menos estrutura partidária”²⁵³. O grupo possuía estreita relação com Marighella, mas, ainda assim, organizava-se de forma independente e com estrutura própria. Ao mencionar sobre a ligação de Celso Aquino com a Corrente, Eloísa Aquino mencionou, em especial, os nomes de pessoas próximas a ele e que também faziam parte do grupo. Um dos principais nomes citados por ela é o de Carlos Marighella, enfatizando a relação entre os dois militantes.

Quando houve o golpe, o Partido Comunista Brasileiro, ligado ao Luís Carlos Prestes, rompe no congresso deles de não participar da luta armada. E o Celso rompe com o PCB e segue as fileiras do Carlos Marighella, que também era do PCB, e que era o líder da Aliança Nacional Libertadora (ALN). O Celso parte pra luta armada com várias pessoas de Minas Gerais, muito conhecidas hoje, Nilmário Miranda, o Pimentel, o Gilney, eles eram de uma facção comunista denominada Corrente. O Celso foi preso em 1969 ele foi condenado, ficou dois anos e meio no presídio de Linhares, em Juiz de Fora, e ele saiu em 1971.²⁵⁴

De acordo com Eloísa Aquino, a segunda prisão de Celso Aquino foi a mais dura, tendo acontecido devido à sua integração na Corrente Revolucionária de Minas Gerais. Esta prisão ocorreu na cidade de Lagoa da Prata, onde o militante estava se mobilizando na organização de trabalhadores, no ano de 1969.

Ele estava numa organização sindical, e a tarefa dele seria organizar os trabalhadores rurais de Lagoa da Prata e região. Lá em Lagoa da Prata tinha uma Usina e tem até hoje, que é do Luciano, que foi um dos caras mais ricos e poderosos de Minas Gerais, que explorava demais os trabalhadores rurais, que naquela época nem salário tinha. Eles tinham uma cooperativa que eles teriam que comprar, uma cooperativa pra poder sobreviver, e a tarefa dele seria organizar os trabalhadores rurais. E ele começou a organizar o sindicato dos trabalhadores rurais em Lagoa da Prata, quando uma missão de trabalho ele foi fazer uma fiscalização lá e aproveitou pra fazer um trabalho político, quando ele foi preso, na tentativa de organização dos trabalhadores rurais de Lagoa da Prata. Preso, ele ficou até 1971, quando ele saiu da cadeia, e cumpriu mais de dois anos.²⁵⁵

Para ela, essa foi a prisão mais penosa para Celso Aquino pois, além de ter sido a mais duradoura, foi nesse momento que ele passou pela experiência da tortura.

²⁵² VITRAL. Op. cit., 2013, p. 45-47.

²⁵³ VITRAL. Op. cit., 2013, p. 47.

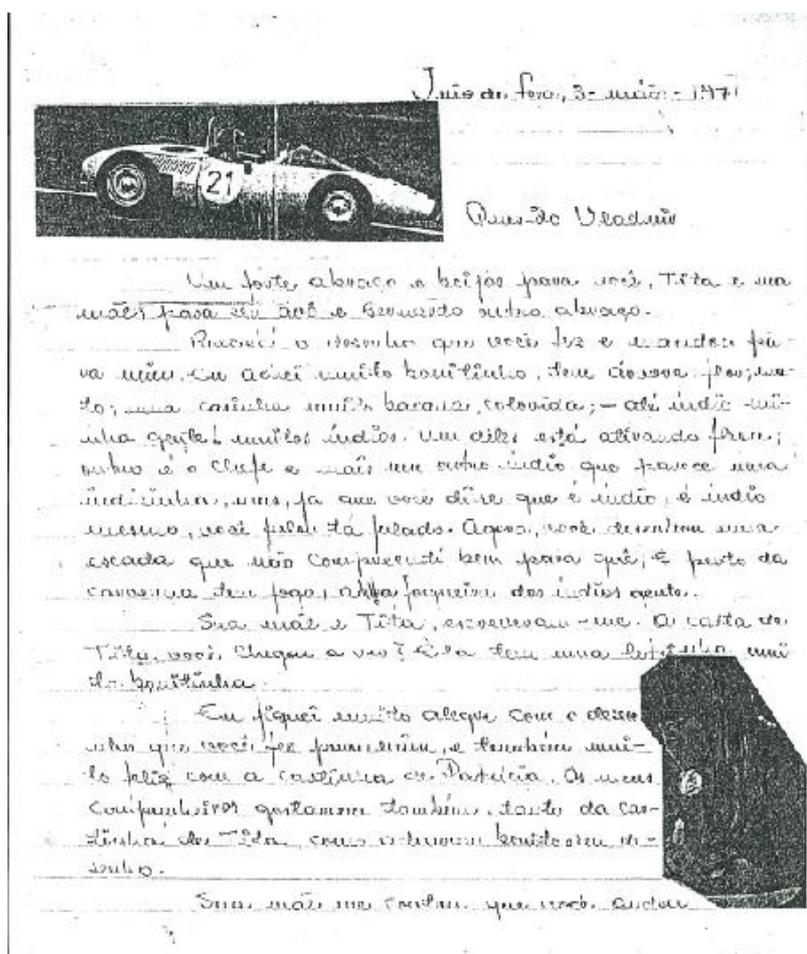
²⁵⁴ Entrevista realizada pela autora, com Eloísa Aquino, em Divinópolis, no dia 13 de fevereiro de 2020.

²⁵⁵ Entrevista realizada pela autora, com Eloísa Aquino, em Divinópolis, no dia 13 de fevereiro de 2020.

Foram sessões de muita tortura, o Celso perdeu os dentes, foi operado no hospital do exército, em Juiz de Fora. Inclusive tem um amigo da gente que acha que inclusive o Celso morreu com câncer de baço e que poderia até ter sido coisa da própria tortura. O inquirido que originou o processo da ação penal que ele foi condenado, relata também as torturas que eles passavam. Nessa época ele era casado, tinha dois filhos, né, o primeiro casamento dele, né. Ele conta que não podia, né a ex mulher, primeira companheira dele não tinha acesso a, inclusive a visita-lo. Ele conta que os meninos iam acompanhar, ele sequer poderia ver os filhos. E, então nessa conjuntura que foi né que pessoas morreram, pessoas ficaram desaparecidas, e que até hoje ninguém encontrou o corpo. E, e o Celso ainda teve a sorte de não ter morrido nessa época, né, ter sobrevivido a esse tipo de tortura.²⁵⁶

Segundo Eloísa, Celso Aquino nessa época ficou sem contato com a família. A comunicação era realizada através de cartas, como pode ser observado no exemplo abaixo, de uma carta escrita por ele para o filho Vladimir, que na época era criança.

Figura 20: Carta que Celso Aquino escreveu para o filho Vladimir, na prisão. Juiz de Fora, 03 de maio de 1971.



Fonte: acervo familiar.

Quando saiu da prisão, retornou para o trabalho, mas devido às perseguições políticas

²⁵⁶ Entrevista realizada pela autora, com Eloísa Aquino, em Divinópolis, no dia 13 de fevereiro de 2020.

abandonou o serviço público e ingressou na faculdade de Direito, em 1974. Continuou atuando nos movimentos de oposição ao regime militar, destacando-se sua participação no movimento pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e na greve dos trabalhadores metalúrgicos de Divinópolis, no ano de 1979. Essa greve se configurou, à época, como a segunda maior paralisação do país. E durante o movimento, Celso Aquino foi preso pela terceira vez.

Em 1979, quando o Celso foi preso, ele era da comissão de greve, da greve de Divinópolis. Ele já tinha ido em São Paulo, pra ajudar os companheiros lá do ABC, na greve de São Bernardo, e a greve nossa aconteceu no mês de agosto, quando um operário foi assassinado, Benedito Gonçalves. Ele foi assassinado, em plena greve, assassinado pela polícia, num piquete que ocorreu no campo do flamengo, ali entre o Niterói e a rua de trás, ali do Oeste de Minas. E então a última, a prisão dele em 79, assim que ele foi preso, né foi pra desestabilizar e a greve acabar. Mas toda greve tem seu ganho político, né, essa greve despertou o interesse e a formação de novas lideranças. Essa greve apontou um novo rumo também. Essa greve foi importante, que o comitê de greve, de pessoas simples, operárias, despertou a consciência de classe na categoria dos metalúrgicos e que isso aconteceu em outras categorias também.

Nessa última prisão, Celso Aquino não chegou a ficar preso por muito tempo. O movimento grevista de operários ocorrido em Divinópolis reuniu acontecimentos importantes e que ainda precisam ser explorados em futuras pesquisas, como, por exemplo, a morte do operário Benedito Gonçalves por agentes da polícia. Quando eclodiu o movimento pelas Diretas Já, os divinopolitanos também começaram a se organizar. Segundo Geraldo Durães, foi realizado um comício que contou com a participação de muitas pessoas e de nomes conhecidos da política.

Começou a luta pelas Diretas Já e a gente conseguiu então organizar muito bacana, fizemos até um comício bacana, o Geraldo trouxe ali pra mostrar pra vocês os dois jornais de Divinópolis falando sobre o comício. Um falando mal do comício, xingando o comício, e o outro (?). Então, tinha gente nossa assim, penetrando nas diversas coisas, e no comício das Diretas foram representantes aqui de Belo Horizonte, foram representantes do governo estadual, foram cantores, então juntou muita gente foi um comício muito bonito, a gente sentiu que valeu a pena a luta. Deu pra gente uma noção de que lutar vale a pena mesmo²⁵⁷.

O Jornal Agora, ele trouxe uma notícia do comício assim: decepção no comício pelas diretas. Dizendo que tinha, no máximo, 1.500 pessoas, que foi um fracasso total o comício, e compareceram poucos políticos e etc, etc. Isso o Jornal Agora. O outro jornal que não era do direta, O Expresso, na época, ele já põe lá: comício de Divinópolis reúne mais de 10.000 pessoas²⁵⁸.

A fotografia abaixo, do acervo pessoal da família de Celso Aquino, representa parte desse momento.

²⁵⁷ Entrevista realizada pela autora com Afra Durães e Geraldo Durães, via Google meet, no dia 05 de fevereiro de 2020.

²⁵⁸ Entrevista realizada pela autora com Afra Durães e Geraldo Durães, via Google meet, no dia 05 de fevereiro de 2020.

Figura 21: Celso Aquino e José Genoíno no comício das Diretas Já, realizado em Divinópolis, em 1984.



Fonte: acervo familiar de Celso Aquino

Figura 22: Documento do SNI: Comemoração da independência em Divinópolis, em 1983.

1. ASSUNTO: COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, em DIVINÓPOLIS/MG -3.2.6.13

2. ORIGEM: PMMG

3. AVALIAÇÃO: A-2

4. DIFUSÃO: AC/SNI, CI/DPP.

5. DIFUSÃO ANTERIOR: I Ex

6. REFERÊNCIA: -

7. ANEXO: Cópia dos panfletos: 07 DE SETEMBRO: INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?; e PELA INDEPENDÊNCIA DOS TRABALHADORES.

S N I

AGENCIA CENTRAL

024661 - 30903

PROTOCOLO

1. No dia 07 Set 83, por volta das 0900 horas, quando era realizada a solenidade referente ao Dia da Independência, em DIVINÓPOLIS/MG, foi feita a distribuição do panfleto "Pela Independência dos Trabalhadores".

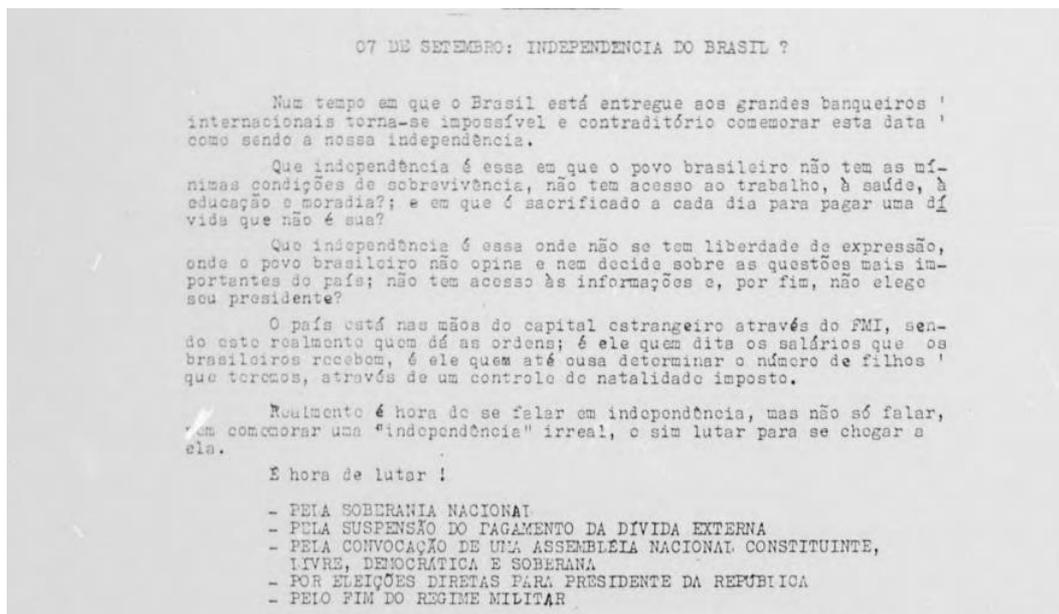
A distribuição do panfleto foi feita por: CELSO AQUINO RIBEIRO, GERALDO FRANCISCO DA CUNHA, vulgo "CUBU", HELOISA HELENA SANTOS, ANTONIO CARLOS TEIXEIRA, vulgo "LULA PRETO" e ERNESTO PINHEIRO DE JESUS, todos da Comissão de Luta Contra o Desemprego. HELOISA HELENA ainda conduzia cartazes, que não foram afixados, com os seguintes dizeres: "O Direito do Povo de Escolher seu Presidente"; "Pela Estabilidade no Emprego"; "Independência é ..."; "Saúde e Habilitação. Todos - Independência"; "Independência Sindical fim das Intervenções nos Sindicatos dos Trabalhadores, Liberdade". . . .

2. Ainda no dia 07 Set 83, durante uma comemoração alusiva ao Dia da Pátria, realizada no Centro Cultural do Povo em DIVINÓPOLIS/MG, foi feita a distribuição do panfleto "7 de Setembro: Independência do BRASIL"... por NÍVIA MARIA DE FARIA, em nome do Jornal TRIBUNA DA LUTA OPERÁRIA.

TODA PESSOA QUE TOMAR CO-
NHECIMENTO DESTA DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU-
TENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS)

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Figura 23: Texto sobre a comemoração da independência, 1983.



Fonte: acervo do Arquivo Nacional

Celso Aquino Ribeiro teve participação fundamental na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) em Minas Gerais. Após sua formatura, em 1981, passou a advogar, dedicando-se, principalmente, na defesa dos direitos dos trabalhadores. Além disso, passados os anos de ditadura, Celso também foi eleito vereador em Divinópolis por duas vezes, em 1988 e 1992. Casou-se pela segunda vez com Eloísa Helena dos Santos Aquino, com quem teve uma filha chamada Olga Inah-Inarê Aquino Ribeiro, nome dado em homenagem à comunista Olga Benário. Celso Aquino faleceu no dia 31 de maio de 2002, véspera do aniversário de Divinópolis, deixando além da esposa Eloísa e da filha Olga, outros três filhos, nove netos e uma bisneta.

A trajetória de Celso Aquino, marcada por sua militância política, segue representada atualmente pelo ICAD, o Instituto Celso Aquino pelos Direitos Fundamentais. O instituto foi inaugurado em 2017, tendo como finalidade a realização de debates e a união de diversas forças democráticas e de resistência, na luta contra a opressão. O intuito é levar adiante ideais que permearam toda a trajetória de Celso Aquino Ribeiro, homem que fez parte da resistência à ditadura e, durante toda sua vida, buscou a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, tendo se dedicado incansavelmente à conscientização política da população divinopolitana.

Para finalizar este capítulo, queremos dizer que pensar sobre a memória do período ditatorial no Brasil nos conduz a um fenômeno recente que, certamente, tem influenciado a

forma de olhar para esse passado. Nos últimos anos, mais precisamente após 2013, os movimentos da extrema direita recrudesceram expressivamente no Brasil e, com eles, surgiram diversas leituras de cunho negacionista. O que denominamos como negacionismo não é uma prática nova, uma vez que sempre esteve presente no decorrer da história. Em resumo, refere-se a práticas panfletárias, que surgem como mecanismo para falsear o passado. Para exemplificar melhor, podemos mencionar, por exemplo, citações do presidente Jair Bolsonaro, que no ano de 2019 defendeu efusivamente as comemorações do 31 de março, afirmando que o que houve em 1964 não foi um golpe.²⁵⁹

Além desta fala, Bolsonaro fez outras inúmeras declarações que buscaram conferir legitimidade à ditadura. O discurso do presidente parte do argumento de que os militares tomaram o poder para salvar o país do autoritarismo e do comunismo de esquerda. Os filhos do presidente também já fizeram diversas declarações nesse sentido. Eduardo Bolsonaro defendeu um novo AI-5 e disse em uma rede social que a história da ditadura militar é “mal retratada nos livros didáticos”²⁶⁰. É importante destacar que, nos últimos tempos, esse discurso de negação da ditadura não está restrito apenas à internet, é possível visualizá-lo, cada vez mais, em manifestações de rua ocorridas em diversas regiões do país.

Segundo o historiador João Teófilo, os revisionismos e negacionismos com relação ao período da ditadura militar, em parte, possuem ligação com o processo de transição democrática, que foi pactuada entre militares e os civis que assumiriam o poder em 1985, no caso, a figura reconciliadora de Tancredo Neves. João Teófilo também menciona a Lei de Anistia, de 1979, como fator que contribuiu para difusão da ideia de que todos saíram da ditadura reconciliados. É como se o passado não pudesse mais ser revirado, já que o acordo tácito previa um perdão mútuo. Todavia, nesse processo muitas feridas ficaram abertas, não cicatrizaram, bem como muitas vozes foram silenciadas.

É importante mencionarmos o surgimento de três iniciativas importantes de investigação, reparação e memória: a Comissão de Mortos e Desaparecidos, a Comissão de Anistia, e, recentemente, a Comissão Nacional da Verdade (CNV). Mesmo essas políticas para reparação e revisão historiográfica do passado, não impediram a ascensão dos movimentos antidemocráticos, fato que se relaciona com o próprio processo de

²⁵⁹SILVA, João Batista Teófilo. Jair Bolsonaro: uma ameaça à memória. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/jair-bolsonaro-memoria/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

²⁶⁰SILVA, João Batista Teófilo. Jair Bolsonaro: uma ameaça à memória. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/jair-bolsonaro-memoria/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

redemocratização, organizado de forma a não condenar a ditadura anterior, estimulando uma perda da memória sobre o trágico período da ditadura militar.²⁶¹ Portanto, considerando o contexto atual, marcado por manifestações de cunho negacionista e declarações com pedidos de intervenção militar, afirmamos a relevância das discussões apresentadas neste trabalho pois, além de fatos históricos, lidamos com memórias de pessoas que durante muito tempo não tiveram escuta, também por não estarem totalmente vinculadas ao processo de resistência ocorrido nos grandes centros urbanos do país.

²⁶¹SILVA, João Batista Teófilo. Jair Bolsonaro: uma ameaça à memória. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/jair-bolsonaro-memoria/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo as pesquisas voltadas para história local foram relegadas a um segundo plano. Acreditava-se que essa era uma categoria menor de pesquisa, e, portanto, não teria relevância equivalente a outras áreas de estudo. Esse rótulo perdurou por um longo período, contudo, através do questionamento dos grandes paradigmas da História, na segunda metade do século XX, ocorreu maior valorização da história local e regional, fato que possibilitou a expansão desse campo de estudos.²⁶² Atualmente, há muitos pesquisadores que se debruçam sobre temas que têm como foco o contexto regional, em determinados períodos históricos, com vistas a preencher lacunas que perduraram por muito tempo.

Esta dissertação buscou tornar a história de Divinópolis e de seus habitantes, durante a ditadura civil-militar, mais conhecida e acessível, dada a escassez de pesquisas nesse campo específico. Nossa questão inicial consistiu na proposta de averiguar a existência ou não de manifestações de resistência à ditadura na cidade e, ao final da pesquisa, concluímos afirmativamente que houve, sim, resistência, e que ela se manifestou de múltiplas formas. A sociedade divinopolitana não se manteve alheia aos acontecimentos daquele período. Ao longo das páginas desse trabalho apontamos muitas evidências que embasam essa conclusão, colhidas no decorrer da averiguação das fontes, e pensamos ser importante retomar as principais.

Há traços e marcas deixadas pela ditadura em Divinópolis que se assemelham ou podem ser comparados ao que acontecia no contexto macro do Brasil. Em primeiro lugar, não podemos deixar de destacar que, assim como em todo o país, a parcela conservadora da sociedade divinopolitana apoiou e comemorou o golpe de 1964. Convencidos de que o comunismo era um mal a ser combatido, grupos de religiosos, militares e pessoas que possivelmente não tinham total consciência do que estava acontecendo, saíram às ruas em marcha para exaltar o início da ditadura que, naquele momento, era tida por eles como a salvação contra o propagado “perigo vermelho”, ou seja, o comunismo.

Em contraponto, ao mesmo tempo em que aconteciam os festejos pelo movimento, a esquerda divinopolitana iniciava suas ações de resistência. Ainda nos primeiros meses do regime, dois acontecimentos marcaram o início da repressão aos que já ousavam se manifestar e resistir: a primeira prisão de Celso Aquino Ribeiro e a execução de Carlos Schirmer por agentes do Estado. Ambos eram homens que possuíam ligação com partidos de esquerda e,

²⁶² AZEVEDO, F. L. M.; SOARES, I. E. S.; PIRES, J. R. F.; FERREIRA, J. H.; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 190 – 201.

em razão disso, foram alvos de perseguição. Esses episódios, ainda hoje, são desconhecidos pela grande maioria da população divinopolitana, o que faz perpetuar a falsa suposição de que a cidade não teria sofrido com as consequências do regime.

As ambiguidades apresentadas pela Igreja católica no contexto nacional também se manifestaram em Divinópolis. A presença franciscana no município e a grande pluralidade de pensamentos entre os membros da ordem, fizeram com que parte se mantivesse em uma posição de apoio à ditadura e, outra, ao contrário, se colocasse como oposição ao autoritarismo do regime e manifestasse apoio aos grupos resistentes. Entre os freis ideologicamente progressistas, podemos mencionar Bernardino Leers e Leonardo Lucas Pereira. A memória construída sobre a figura dos religiosos é consensual, no sentido de caracterizá-los como pessoas que, mesmo inseridos no meio católico, faziam o que estava ao seu alcance para colaborar com os mais diversos grupos que integravam o movimento de resistência à ditadura. Apesar de Frei Leonardo não se considerar parte da resistência, muitos entrevistados que tiveram convivência direta com ele assim o consideraram. Ao nosso ver, as atividades empreendidas por Leonardo podem ser caracterizadas como ações de resistência, ainda que boa parte tenha se desenrolado a partir de práticas cotidianas, como dentro da sala de aula e nas celebrações religiosas.

A efervescência cultural experimentada em Divinópolis entre as décadas de 1960 e 1980 também foi uma das questões levantadas neste trabalho, também como evidências do movimento de resistência. Não podemos deixar de mencionar a participação dos estudantes na realização de eventos como a Semana de Arte que, para além do viés cultural, também possuía ações de fundo político. A praça, o salão paroquial da Igreja e o clube tornaram-se locais que, além de sociabilidade, promoviam esperança, conscientização e resistência, num momento em que tudo deveria ser feito nos moldes da legalidade e sob a perspectiva do medo. Não obstante, embora os episódios de repressão aos eventos culturais em Divinópolis não tenham sido constantes, havia sempre instrumentos de censura vigilantes, que observavam com atenção os movimentos empreendidos, com alguma interferência.

A pesquisa também nos permitiu observar a existência de pessoas que, vivendo em Divinópolis, participaram também de grupos e atividades de resistência fora da cidade, como Aristides Salgado, que integrou a Ação Popular, e Celso Aquino Ribeiro, participante da Corrente Revolucionária de Minas Gerais. Ambos viviam num trânsito constante entre Divinópolis e Belo Horizonte. Para esse processo, notamos que foi muito importante o papel representado pela formação estudantil dos sujeitos averiguados e sua ligação com o círculo

universitário. Aristides Salgado, Osvaldo André, Cláudio Salomé, Rui Tavares e outros entrevistados relataram que a presença no ambiente universitário ou mesmo secundário foi essencial no processo de formação política, servindo de incentivo para sua integração em grupos de resistência e militância contra a ditadura.

Ressaltamos que muitos pontos abordados por essa pesquisa necessitam ainda serem explorados com mais profundidade. A título de exemplo, podemos citar o estudo sobre a relação da censura com os movimentos artísticos, a análise dos movimentos grevistas de professores e metalúrgicos, além de outras trajetórias de resistência e movimentos políticos. As limitações de tempo e a extensão das páginas deste trabalho não nos permitiram exaurir a investigação sobre todo o universo que circunda o nosso objeto de estudo, considerando também a vasta quantidade de fontes que encontramos ao longo do caminho. Nossa proposta é continuar pesquisando o tema e explorando a documentação em futuras pesquisas, nas quais teremos a oportunidade de abordar questões que porventura tenham passado despercebidas nesta dissertação.

Por fim, destacamos que esta pesquisa cumpriu o objetivo de promover um estudo com vistas à valorização da história local. Por ser um tema ainda pouco explorado, a busca por fontes primárias e bibliográficas constituiu-se um trabalho minucioso, mas, ao mesmo tempo, prazeroso e satisfatório. Estar em contato com os entrevistados, trabalhar com as memórias e descobrir fontes ainda inéditas, mostrou-nos o quanto ainda há temas encobertos que necessitam ser desvelados. E o quanto é necessário, para esse desvelamento, o trabalho investigativo persistente e crítico dos historiadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marli Brito; KLEIN, Lisabel Espellet. **Pensando a fotografia como fonte histórica**. Cad. Saúde Pública vol.3 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1987.

ARAÚJO, Maria Paula N. **A utopia fragmentada**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2000.

AZEVEDO, F. L. M; PIRES, J. R. F; PEREIRA, W. S. P; FIGUEIREDO, V.S; SILVA, A. D. *C. Imprensa e História: Jornal A Semana e a história social de Divinópolis – 1943 a 1965*. In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES, J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas**. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 190 – 201.

CALDAS, Álvaro Machado; MOREIRA, Eny Raimundo; SILVA, Geraldo Cândido da; DORNELLES, João Ricardo Wanderley; CUNHA, Rosa Maria Cardoso da; DURÃO, Vera Ligia Huebra Neto Saavedra (orgs). **Relatório Comissão da Verdade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CEV – Rio, 2015.

CAMPOS, Pedro Henrique Pereira. **Empreiteiros e imprensa: a atuação dos empresários da construção pesada junto aos veículos de comunicação antes e durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985)**. rev. hist. (São Paulo), n.177, a01717, 2018.

_____. **A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964 – 1985**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Os historiadores e as imagens. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da . **História & imagem: cinema, cidades, música, pintura, narrativas, iconografia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIAMBARELLA, Alessandra. Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular. In: **Revolução e Democracia: as esquerdas no Brasil (volume3)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.101-129.

CORDEIRO, Janaína Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro -junho de 2009, p. 85-104.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Souza. **Nas linhas da modernidade**. Divinópolis: Editora FUNEDI/UEMG, 2003.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena; ALVES, Amanda Cristina Costa. In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo; CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa (organizadores). **Divinópolis História e Memória: Política e Sociedade (Volume 2)**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 19-40.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PEREIRA, Leonardo Lucas. **Escritos Bernardinianos**. Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

DELLAMORE, Carolina. **Marcas da clandestinidade: memórias da ditadura militar**

brasileira. Brasília: Min/IBRAM, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.** Civilização Brasileira, 2010, p. 93-131.

FERREIRA, Bianca Guimarães. Hevecus e a sociedade divinopolitana: marcas na memória. In: 7º Seminário História e Memória do Centro-Oeste Mineiro, 2018, Divinópolis. **Anais de Trabalhos Completos do 7º Seminário História e Memória do Centro-Oeste Mineiro: Violências**, 2018. v. 1.

FERREIRA, Jorge; DELGADO Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral.** *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia, política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.** Civilização Brasileira, 2010, p. 167-205.

_____. Como eles agiam. **Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GARCIA, Miliandre. **Censura, resistência e teatro na ditadura militar.** *Concinnitas*, ano 19, número 33, dezembro de 2018, p. 144-177.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: a visão da espionagem.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Da resistência à desobediência: Augusto Boal e a I Feira Paulista de Opinião (1968).** *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 59, p. 357-398, mai/ago 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

KAMINSKI, Leon Frederico. **Teatro, liberdade e repressão nos festivais de inverno de Ouro Preto.** *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 59, p. 327-355.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 111- 153.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MATEUCCI, Nicolla in BOBBIO Norberto (org.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, p. 1114.

MELLO, Osvaldo André de. Bivar: Liberdade e estética. In: OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; KISIL, André; SUZUKI, Eico; ATHANÁZIO, Enéas; ALVES, Henrique; DUARTE, José Afrânio Moreira; PAULINI, Livia; SILVA, Luz. MOREIRA, Maria de Lourdes Utsch; KAWAI, Mitsuko; MELLO, Osvaldo André de; MARQUES, Salasar, PEREIRA, Uilcon. **Salvo melhor juízo**. São Paulo: Editora do escritor, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **João Goulart: uma biografia**. Revista Brasileira de História (Online), v. 32, p. 429-432, 2012.

_____. **História, memória e as disputas pela representação do passado recente**. São Paulo: Unesp, v. 9, n.1, p. 56-70, janeiro-junho, 2013.

_____. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (Tese em história econômica). São Paulo, 2000.

_____. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Zahar: Rio de Janeiro, 2014, p. 48-65.

MÜLLER, Angélica. **O movimento estudantil na resistência à ditadura militar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **A breve primavera antes do longo inverno: uma cartografia histórica da cultura brasileira antes do golpe de Estado de 1964**. História Unisinos18(3):418-428, Setembro/Dezembro 2014.

_____. **Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar brasileiro (1964-1980)**. Tese (Tese em história do Brasil independente). São Paulo, 2011.

_____. **Coração Civil: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985)**. São Paulo: Intermeios: USP, 2017.

_____. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, v. 8, n. 15 esp., p. 09-44, nov. 2015.

OLIVEIRA, Carlos Fellippe de. **IPÊS E IBAD: A crise política da década de 60 e o advento do Golpe Civil-Militar de 1964**. Disponível em: <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume002_Num002_artigo005.pdf> Acesso em 15 de julho de 2020.

PEREIRA, Frei Leonardo Lucas; DUARTE, Erivelta Diniz; OLIVEIRA, Anderson Cardoso de. Sinos e Sirenes se beijaram: ideologias de franciscanos em Divinópolis nos jornais Santuário de Santo Antônio, Sino e A Semana (1924-1984). In: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Batistina Maria Sousa de (orgs.). **Divinópolis História e Memória: História e Religião (Volume 1)**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto (orgs.) **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Modernização, ditadura e democracia (1964-2010)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Zahar: Rio de Janeiro, 2014, p. 30-47.

_____. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da tv**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

_____. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e a luta armada.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.* Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003, p. 43 – 91.

_____. **Resistência: memória da ocupação nazista na França e na Itália.** São Paulo: Alameda, 2016.

SAMPAIO, Matheus da Silva; ILIESCU, Diana. De folheto litúrgico a ocupação cultural – práticas de resistência contra autoritarismos. **Mosaico** – Volume 11 – Nº 17 – Ano 2019.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974 – 1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.* Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003, p. 245 – 282.

SILVEIRA, Marco Antônio; MAIA, Marta Regina; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Camila Cristina (orgs). **Histórias de repressão e luta na UFOP, Ouro Preto e região.** Ouro Preto: UFOP, 2018.

SÔNEGO, Márcio de Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica.** *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010.

SOUZA, Denise Silva; PEREIRA, Rafaela Guimarães; ANGELI, Douglas Souza. **A resistência do jornal A Semana a partir do caso dos jovens desaparecidos de Divinópolis, Minas Gerais (1982-1985).** *Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 34, v. 12, n. 3 (Set./Dez. 2020), p. 175-192.

SOUZA, Renato João de. **A ditadura militar em Divinópolis, diferentes olhares, diferentes sujeitos.** In: AZEVEDO, F. L. M; SOARES, I. E. S; PIRES. J. R. F; FERREIRA, J. H; ARRUDA, L. M. S. (orgs). *História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas.* Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 19- 35.

STARLING, Heloísa. **Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964.** Petrópolis: Vozes, 1986.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VITRAL, Thiago Veloso. **Corrente Revolucionária de Minas Gerais: Resistência ativa à**

ditadura civil militar em Minas Gerais (1967-1969). Dissertação (Dissertação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2013.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

Entrevista realizada com os historiadores Marcos Napolitano e Rodrigo Patto Sá Motta. Mitos da ditadura: usos políticos do passado. Disponível em: <<https://www.facebook.com/historiaemquarentena/videos/939965219853468>> Acesso em: 29 de julho de 2020.

Minas Gerais. Governo do Estado. Comissão da Verdade em Minas Gerais [<http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>]: Relatório /Governo do Estado. - Belo Horizonte: COVEMG, 2017.

<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104145/lei-9140-95>> Acesso em 17 de jun. de 2020.

FONTES:

Jornais:

Acervo do jornal *A Semana*

Disponível em: <http://emredes.com.br/index.php>

Acervo do Arquivo Nacional

Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>

Pedido de benefício indenizatório feito por Sílvia Schirmer, à Comissão de Mortos e Desaparecidos, em 2004. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>

Entrevistas:

Entrevistas realizadas com Aristides Salgado dos Santos, em Divinópolis, no dia 01 de fevereiro de 2018 e dia 04 de fevereiro de 2020.

Entrevista realizada pela autora, com Osvaldo André de Mello, em Divinópolis, no dia 12 de março de 2020.

Entrevista realizada por José Heleno Ferreira, com Cláudio Salomé, em Divinópolis.

Entrevista realizada por José Heleno Ferreira, com Eloísa Helena Santos Aquino, em Divinópolis.

Entrevista realizada pela autora, com Eloísa Helena Santos Aquino, em Divinópolis, no dia 13 de fevereiro de 2020.

Entrevista realizada pela autora com Afra Durães e Geraldo Durães, via Google meet, no dia 05 de fevereiro de 2020.

Entrevista realizada pela autora, com Frei Leonardo Lucas Pereira, por ligação, no dia 08 de fevereiro de 2021.

Entrevista realizada pela autora com Rui Campos Tavares, Em Divinópolis, no dia 10 de junho de 2021.